CHIANCA DE GARCIA: «VISITA AO MUSEU VILA LOBOS» (NA PÁGINA 9)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 19 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 822 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

NOTAS FALSAS

Publicámos ontem a notícia de que estão a circular notas falsas de 50 e de mil escudos. Dissemos e confirmamos, que os estabelecimentos bancários do País haviam sido alertados, no sentido dos seus caixas verificarem as notas de 50 e de mil escudos das chapas 8 e 10, respectivamente. Na verdade, todos os caixas dos Bancos do País possuem hoje essa indicação e, o que é mais, idêntico aviso foi distribuido por toda a rede administrativa da C. P. por telegrama expedido, no passado dia 16, ás 14 e 20. O texto desse telegrama é o seguinte: «Recomenda-se especial cuidado não aceitar notas de mil escudos, chapa 10 LD n.g 049566, e notas de 50 escudos, chapa 8 NM n.º 5 4041, que segundo informação do Banco são falsas.»

Sabemos, por outro lado, que o Banco de Portugal já está de posse de alguns exemplares dessas notas falsas, obtidas, como dissemos, por um moderno processo de fotocópia, feita em papel idêntico ao utilizado para a impressão de notas verdadeiras.

Voltamos hoje a noticiar o facto para não restarem duvidas de quanto afirmamos, apesar de um jornal da manhã de hoje declarar que «o caso, todavia, não tem fundamento.»

Recordamos, ainda, que a maneira fácil de reconhecer as referidas notas falsas consiste em verificar se têm ou não visivel a «linha de água», ou seja as figuras inversas reconhecíveis apenas á transparência, as quais não são visiveis nas notas falsas.

Jogada entre Marinho e Vieira Nunes, na grande área do F. C. do Porto

VITÓRIAS DO BENFICA E DO SPORTING E DERROTA (AMPLA) DO BELENENSES

NA 5.ª JORNADA DO CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

Interrompido nos dois ultimos domingos, por motivo da participação da equipa de Portugal na eliminatória do Campeonato do Mundo, o torneio maior da Federação Portuguesa de Futebol — o «Nacional» da 1.ª Divisão retomou hoje o seu curso, com os encontros respeitantes á 5.ª jornada, dos quais se revestiram do maior interesse o Sporting-F. C. do Porto e C. U. F.-Belenenses.

*

Jogo no Estádio de Alvalade, com boa assistência, arbitrado por João Nogueira, de Setubal. Equipas:

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos e Hilário; Gonçalves e Pedras; José Morais, Marinho, Nelson e Peres.

Suplentes — Carvalho, Celestino, Caló, Dani e Lourenço.

F. C. PORTO — Aníbal;

(Continua na página central)

especial ELEIÇÕES

Será Portugal uma sociedade dualista?

Mesa-redonda em que tomaram parte Fernando Quintais, Gilberto Ramos e Manuel Bello.

Um artigo de Joel Serrão • Portalegre — excepção eleitoral • Comunicados • Manifesto da Oposição de Bragança • Espelho da Imprensa

HOJE EM

MESA REDONDA

A feirinha saloia das Mercês abriu hoje, mais uma vez. Tradição que se renova, mantendo no entanto, de ano para ano, as suas características populares, a feira é pretexto para tudo: um fato que se compra (o pronto-a-vestir» domina o mercado), um copo que se bebe (com as castanhas de permeio), uma «borracheira» que se apanha, o pão saloio que se prova, uma vez por ano...

A PARTIR DE AMANHÃ

CONVERSAÇÕES SINO-RUSSAS

PEQUIM, 19 — (F. P.) — Chegou esta manhã a Pequim a delegação enviada pela União Soviética ás conversações com a China acerca do problema fronteiriço, que devem começar amanhã.

A delegação, composta por 30 pessoas, é chefiada pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Vassili Kuznetsov, que era aguardado por um funcionário chinês de igual categoria.

HOJE 40 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

Edição da noite

ASSEMBLEIA-GERAL EXTRAORDINÁRIA DA HIDRO-ELÉCTRICA DO DOURO S. A. R. L.

Realizou-se no dia 15, pelas 15 horas, a Assembleia Geral Extraordinária da Hidro-Eléctrica do Douro, S. A. R. L., especialmente convocada para deliberar sobre a fusão da sociedade com as restantes empresas que integram a rede primária, nos termos do Decreto-Lei n.º 49 211.

Aberta a sessão o presidente da Assembleia Geral, senhor dr. José Luís Sapateiro, em representação do Banco de Fomento Nacional, deu a palavra ao senhor presidente do Conselho de Administração, eng.º José Albino Machado Vaz, que após referir a nova orientação que deverá vir a influir na evolução futura do sector da Produção e Transporte da energia eléctrica em Portugal Continental, afirmou:

«A Hidro-Eléctrica do Douro, como pedra de grande importância na situação actual, pois lhe cabe mais de 50% da produção e maior ainda na situação futura, é chamada a colaborar nessa evolução através das decisões que esta Assembleia venha a tomar.

Com o Decreto-Lei 49 211 o Governo procurou criar uma nova situação que mantivesse da actual as vantagens reconhecidas pela experiência de longos anos e minimizasse inconvenientes que a prática evidenciou e com tendência para se agravarem.

Entre as características que se procuram manter cita-se o propósito de robustecer o tipo das empresas de economia mista, criando assim na nova sociedade um ambiente de interesse e de produtividade que tem estado na base dos bons resultados obtidos na gerência de cada uma das actuais empresas.»

Seguidamente e precedida de elucidativos considerandos, foi lida a proposta do Conselho de Administração com vista á deliberação sobre a fusão, que foi aprovada por unanimidade. Durante a votação, o senhor António Miranda em representação do Banco Português do Atlântico e de diversos accionistas apoiou a fusão, fundamentando-se nas seguintes duas ordens de razões:

1.º — No reconhecimento dos benefícios gerais que da concentração das empresas da rede eléctrica primária deverão resultar para o País e para as empresas, designadamente no planeamento global dos empreendimentos ligados ao desenvolvimento da energia eléctrica e na decerto mais eficiente e rentável gestão empresarial.

2.º — No reconhecimento de que os princípios estabelecidos no referido Decreto-Lei n.º 49 211, de indeterminação do prazo da concessão e da não gratuitidade da reversão para o Estado dos bens afectos á exploração, deverão traduzir-se numa elevação dos lucros do sector, que facultará uma mais satisfatória remuneração ao capital accionista.

Ainda pelo mesmo accionista foi apresentada a sugestão de por razões de elementar justiça para com a cidade do Porto e pela imperiosa necessidade de se consagrar na prática o objectivo do III Plano de Fomento de atenuar os desequilíbrios de desenvolvimento económico regional, que o seu centro de decisões—a sede social da empresa — ficasse estabelecida no Porto.

A Assembleia também aprovou por unanimidade a proposta da designação como mandatários da empresa nos actos que conduzirão á fusão, dos srs. eng.º José Albino Machado Vaz e dr. Valentim de Almeida e Sousa, respectivamente, presidente do Conselho e administrador da Hidro-Eléctrica do Douro.

Para a comissão a que se refere o 3.º ponto da ordem dos trabalhos foi aprovada a sua constituição composta por 6 accionistas e presidida pelo presidente da Assembleia Geral.

Para além do período da ordem do dia foi pelos srs. eng.º Costa Oliveira e drs. Alberto Meireles e José Luís Sapateiro, evocada a memória de diversas personalidades que á empresa deram o seu melhor esforço e contributo, nomeadamente os srs. Delfim Ferreira, eng.º Paulo Marques, dr. João Moreira, eng.º Ezequiel de Campos e eng.º Martins Soares.

Foi também realçada a actuação dos Conselhos de Administração e Fiscal e da Mesa da Assembleia Geral.

O sr. dr. Alberto Meireles no seu improviso afirmou também com oportunidade:

Sabem V. Ex.as que a nossa Câmara Municipal através de uma sessão pública, e a Associação Industrial Portuense, a Associação Comercial do Porto, numerosos organismos corporativos — grémios, sindicatos — as forças vivas da cidade, enfim, quiseram vincar bem ao Governo, e quiseram vincar bem ás autoridades locais que não lhes era indiferente que o Porto fosse amputado de 3 das suas maiores empresas, e esta não só a maior empresa do Norte como a maior empresa do País, em capital accionista e em investimento. O Porto, sempre cioso das suas tradições, do trabalho dos seus filhos, e até das realidades económicas em que vive, não podia ficar indiferente.»... «E neste caso não se trata só do prestígio da cidade ou do que poderia causar o desaparecer das sedes sociais das 3 grandes empresas do Porto. Não é só isso: há problemas em causa, há problemas de ordem fiscal, de ordem económica, de ordem financeira, de ordem social. Há o problema de centenas de funcionários que representam uma elite de técnicos e de servidores em todos os graus, que estão aqui fixados.»... «Mais ainda: é que é no Norte, no nosso rio Douro, como é nos rios que são da jurisdição da Hidro-Eléctrica do Cávado, que se estão a desenvolver, a criar, a projectar as obras do futuro, o desenvolvimento da nossa produção hidroeléctrica.»

E, ao finalizar, acrescentou: «Parece que é desnecessário insistir-se em que o Norte e o Porto não manifestaram um simples capricho — exprimiram, com razões sólidas, uma convicção de justiça.»

O sr. eng.º Machado Vaz, tomando a palavra, disse ainda:

«Antes de findar a nossa reunião de hoje eu desejava congratular-me com a forma elevada como ela decorreu o que se deve a duas circunstâncias de grande merecimento, o sentido cívico e de interesse geral do País manifestado pelos srs. accionistas, e a forma eficaz como foram conduzidos os trabalhos da Assembleia, graças á comprovada competência e brilhantes qualidades do nosso presidente a quem endereço as minhas felicitações.

«Desejava ainda acrescentar que as decisões tomadas apenas alteraram a individualidade desta empresa, pois o País continua a precisar do esforço de todos nós na tarefa que não pode acabar — a de lhe fornecermos a energia eléctrica que precisar.

«Por isso a Hidro-Eléctrica do Douro não morre, apenas se transforma, continuando os seus servidores e seus accionistas a obra que têm vindo a executar.»

DIARIAMENTE, NA BRANDOA, sem o menor resguardo, da chuva ou do sol, os habitantes esperam, pacientemente, um transporte colectivo, que sempre demora e, raras vezes, chega para as encomendas. Ora a Brandoa não pode ser apenas um viveiro de trabalhadores da capital, tem que ser também uma zona habitacional onde todos os actos regulares e obrigatórios da vida quotidiana se processem normalmente

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO NOS ARREDORES DE LISBOA

De um nosso leitor que se identificou devidamente, recebemos a seguinte carta:

No seu conceituado jornal de 11 do corrente, li uma local, «O problema da habitação nos arredores da capital»; como a milhares de outros inquilinos me toca directamente também.

Perfazendo 5 anos que habito esta casa, comunicou-me o senhorio o desejo de aumentar a renda.

O problema torna-se angustiante (devido ao meu baixo vencimento mensal), tendo já criado uma terrível depressão moral em minha casa.

Por que não se estende á província a legislação aplicável a Lisboa e Porto, até que uma nova lei do inquilinato seja publicada?

MELHORAMENTOS INAUGURADOS NA MEALHADA

MEALHADA, 19 — O chefe do distrito de Aveiro, dr. Vale Guimarães, inaugurou, hoje, nesta localidade, diversos melhoramentos públicos, entre os quais se destacam a reparação da estrada municipal de Casal Comba-Silvã; abastecimento de água a esta ultima freguesia mediante um fontanário, etc.

Estão presos os autores de furtos no concelho de Ilhavo

ILHAVO, 19 — Houve, como se noticiou, roubos em Vale de Ilhavo, por meio de assaltos a capoeiras e celeiros, de onde os gatunos levaram, também, alfaias agrícolas e vestuários. Nos ultimos dias, houve, também, em Ermida, roubos que deixaram alarmados os habitantes dos dois lugares.

A G. N. R. procedeu a diligências, e madrugada, prendeu os ciganos Diamantino e Inácio Monteiro e Moreno Soares, os quais submetidos a interrogatório, confessaram ser os autores dos referidos roubos.

As diligências continuam e os presos serão entregues ao tribunal de Aveiro.

EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA BELGA EM LISBOA

O «Jogo de Xadrez» de Vic Gentils (conjunto de 32 esculturas de madeira) é uma das obras incluídas na Exposição de Escultura Belga Contemporanea, que será inaugurada, amanhã, ás 17 horas, na Feira Internacional de Lisboa.

No certame, organizado pelos Ministérios da Educação Nacional e da Cultura belga, ao abrigo do acordo cultural luso-belga, com a colaboração do Instituto de Alta Cultura, encontrar-se-ão também obras de Roel D'Naese, Laenen, Sauply, Reinhoud, Ronlin, Poot, Willequet, Arnauld, Spilliant, Michiels e Ghijels.

Ciclos de História e Sociologia da Arte

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, inauguram-se nos dias 20, 22 e 24, os novos ciclos de lições sobre História e Sociologia da Arte.

A História da Arte Antiga (Renascimento e Barroco) e Moderna estão a cargo, respectivamente, dos prof. dr. Ferreira de Almeida e dr. Rui Mário Gonçalves.

A Sociologia da Arte será ministrada pelo dr. José-Augusto França.

As aulas terão lugar uma vez por semana ás 18 e 30.

Encontros de professores

Realiza-se de 6 a 11 de Abril do próximo ano o I Encontro dos Professores do Ensino Superior e Secundário de Língua e Literatura Portuguesas. A respectiva comissão executiva é presidida pelo sr. prof. dr. Álvaro Julio da Costa Pimpão.

DE ONTEM PARA HOJE

APROXIMAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

Segundo informação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, decorreu, no Rio de Janeiro, em Julho último, a primeira reunião da Comissão Mista criada em consequência do Acordo Cultural Luso-Brasileiro. Como resultado dos trabalhos, estabeleceram-se recomendações sobre diversos pontos, nomeadamente no que se refere a colaboração em matéria de meios audiovisuais do ensino; problemas referentes ao livro; convénios entre Universidades, intercâmbio cultural; ensino da literatura brasileira em Portugal (necessidade da inclusão de uma disciplina de literatura brasileira nos programas do curso secundário e nos de Letras); colaboração entre leitorados; português fundamental (resolvida a criação de uma comissão encarregada de estabelecer as respectivas bases); bibliotecas sobre cultura portuguesa na América Latina; cultura brasileira nas Universidades ultramarinas; textos brasileiros em antologias portuguesas; programa de bolsas; intercâmbio estudantil; equivalência de títulos e unificação das linguagens técnica e científica.

ACIDENTES MORTAIS

Três pessoas morreram, em consequência de acidentes de viação. Um deles ocorreu na Rua Pascoal de Melo, onde o economista dr. António Farinha Portela, de 35 anos, casado, natural de Vila do Rei, encontrou a morte por atropelamento; outro na estrada de Cavernães (Viseu), (choque de um automóvel com uma camioneta), tendo morrido António Lopes Quinteiro, de 33, agricultor; e o outro em Albergaria-a-Velha (em condições idênticas ás do anterior), tendo morrido José Henriques Ferreira de Sá, de 39, comerciante, de S. Martinho, Aguada de Cima.

UNIVERSIDADE DO PORTO

Foram empossados, como noticiámos, os novos reitor e vice-reitor da Universidade do Porto, srs. profs. drs. Sousa Pereira e Fernando de Seabra. Ao usar da palavra, o novo reitor exaltou a figura do prof. Marcello Caetano e disse ter «fé em que novas e amplas possibilidades se vão abrir ás Universidades Portuguesas».

ENCONTRADO MORTO

Fugira do Sanatório de S. Brás de Alportel, onde se encontrava internado, dirigindo-se a casa, em Chinicato (Lagos), onde pouco depois veio a ser encontrado morto, José Marcelino, de 26 anos, casado.

LOBOS À SOLTA

Atacam homens e devoram ovelhas os lobos esfaimados que, descendo da serra Amarela, do Lindoso, vêm até ás povoações do concelho de Ponte da Barca, cujas gentes andam apavoradas. Os lavradores, prejudicados, esperam autorização para uma batida.

LÍNGUA ITALIANA

NOVOS CURSOS PARA PRINCIPIANTES A CARGO DE PROFESSORES ITALIANOS COM INÍCIO EM 15 DE OUTUBRO. CURSO TRIENAL DE LINGUA, CURSO DE CONVERSAÇÃO, CURSO MONOGRÁFICO (LITERATURA, ARTE, MÚSICA), MANIFESTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS — EXPOSIÇÕES DE ARTE

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA
RUA DO SALITRE, 146 — TEL. 684172

INSCRIÇÕES: DAS 10 ÀS 13 E DAS 16 ÀS 20 HORAS

Aos melhores alunos do Instituto serão concedidas bolsas de estudo para frequentar cursos de Verão em Itália.
A taxa de frequência são 350$00 para todo o ano.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CURSO NOCTURNO
do
COLÉGIO MODERNO

CICLO PREPARATÓRIO E 2.º CICLO LICEAL
CORPO DOCENTE CRITERIOSAMENTE RENOVADO
NOVA ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Rua de Malpique, 19 (ao Campo Grande)
Telefones 775038 - 761239

As grandes companhias americanas impulsionam o progresso dos computadores para leitura de documentos

Graças à leitura automática dos documentos, o tratamento electrónico da informação vai ultrapassar uma fase decisiva na sua libertação das servidões humanas. A participação de três grandes construtores de computadores, International Bunisse Machines Control Data e Burroughs, **na nascente indústria das máquinas de ler constitui, simultâneamente, uma garantia do seu progresso e a indicação de que a reformática entrou numa fase crítica de rentabilidade nos E. U. A.**

Por TRISTAN DOELNITZ

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

Já há muito se descobriu que a eficácia de um sistema de computadores é prejudicada pela lentidão dos processos de transferência dos dados, tanto à entrada como à saída das calculadoras, as quais, no entanto, trabalham a velocidades da ordem dos nonasegundos.

A América nunca teve falta de computadores nem de capitais para os financiar, mas o seu grande problema, nestes últimos tempos, tem sido o da escassez de programadores, cujo recrutamento e formação têm sido insuficientes para corresponder ao ritmo de crescimento da capacidade de tratamento da informação. Este problema foi, em grande parte, resolvido, recentemente, pela criação de programas especiais que traduzem automàticamente os dados acessíveis a um pessoal pouco especializado em linguagem-máquina.

O tempo requerido para a confecção e o «contrôle» dos documentos utilizáveis pelas calculadoras — essencialmente os cartões ou fitas perfuradas — constitui a segunda zona de estrangulamento. Agora esta «zona» está em vias de eliminação, graças aos trabalhos de cinco empresas, de pequena ou média importância, às quais vieram juntar-se as três firmas anteriormente citadas. Estas pioneiras, cujas acções têm vindo a sofrer amplas flutuações especulativas em Wall Street, de há vários meses a esta parte, são as sociedades **Cognitronics, Farrington. Optical Soanning, Recognition Equipment** e **Scan-Data.**

A nova técnica nasceu no início dos Anos 60 sob o impulso de dois engenheiros, David Sheppard e Jacob Rabinow. O primeiro dirige actualmente a sociedade **Cognitronics,** depois de ter sido um dos animadores de **Farrington.** O segundo está à testa da divisão especializada — divisão Rabinow em sua homenagem — da Companhia Control-Data.

Uma instalação típica de leitura automática dos documentos é composta por um dispositivo de distribuição do papel, uma cabeça de leitura, uma identificadora, uma aparelho de «contrôle» e um órgão de saída.

Existem três técnicas para a cabeça de leitura; disco rotativo, dispersão catódica e células fotoeléctricas múltiplas. O primeiro procede à exploração dos caracteres por reflexo dos valores branco ou preto através das perfurações no disco; o eixo perfuração-objectivo dispersa o caracter por um número de secções suficiente para a sua identificação. O segundo método é uma transposição puramente electrónica do precedente, a dispersão neste caso é efectuada por um feixe emitido por um tubo catódico. Tem a vantagem de uma maior maleabilidade quanto ao corpo dos caracteres. O terceiro explora os caracteres, ponto por ponto, com tantas células eléctricas quantas forem necessárias.

O órgão de identificação compara estes dados com certos termos comparativos inscritos na sua memória, e o órgão de «contrôle» traduz os impulsos em mensagens utilizáveis pelo computador. O órgão de saída é uma perfuradora de cartões, uma perfuradora de fita, uma codificadora em banda magnética ou uma ligação directa com a calculadora.

Os documentos cuja leitura se pode assegurar desta forma automática são, consoante os casos, textos impressos ou dactilografados em formato comercial, facturas tipo carta de cré-

(Continua na pág.ª seguinte)

QUE SE PASSA NA ARGENTINA?

por JOHN GOSHKO

Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»

BUENOS AIRES — Alguns oficiais subalternos das forças armadas argentinas foram presos, no maior segredo, e acusados de simpatias pró-comunistas.

Embora os porta-vozes do Governo e do exército argentino se recusem a fazer o mínimo comentário sobre este assunto, certas fontes seguras indicaram que, nove oficiais, pelo menos, desde tenentes a comandantes, foram presos nestes ultimos dias e são passíveis de julgamento em tribunal marcial, que poderá conduzir á sua expulsão do exército.

As mesmas fontes admitem que todos estes oficiais acusados estão associados a uma facção do exército, que entende que o Governo (apoiado pelos militares) do presidente Juan Carlos Onganía deve abandonar a sua actual política económica, favorável aos meios de negócios e ocupar-se mais activamente em elevar o nível de vida económico-social das massas argentinas.

Estes oficiais manifestariam, diz-se, a sua simpatia pelos partidários do antigo ditador Juan Perón, que se apoiam nos sindicatos e seriam também francos admiradores do Governo militar «revolucionário» peruano, o qual adoptou posições francamente populistas, desde que, há um ano, se apoderou do Poder.

O que neste momento não se sabe claramente é a importancia real deste grupo rebelde, acusado de simpatias comunistas, dentro do exército. Sabe-se, contudo, que um certo numero de oficiais, entre os quais um general, foram obrigados a pedir a demissão do exército, em fins de Julho e em circunstancias bem misteriosas.

UMA CHAMADA PARA A INTERTUR

TEM

O PROGRAMA QUE V. PRETENDE, PARA VISITA À:

EXPOSIÇAO AUTOMOVEL em LONDRES
15 a 25 de Outubro ... ... 4.330$00

IGEDO — Feira Internacional da Moda em DUSSELDORF
26 a 30 de Outubro ... ... 4.960$00

FEIRA ESCANDINAVA DA MODA em COPENHAGUE
21 a 24 de Setembro ... ... 7.520$00

INTERSTOFF — Feira de têxteis para vestuário em FRANCFORT
18 a 21 de Novembro ... ... 5.010$00

EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DE EQUIPAMENTO HOTELEIRO em PARIS
9 a 20 de Outubro ... ... 5.190$00

EXPOSIÇAO AGRICOLA E DE GADO em LONDRES «Royal Smithfield Shows»
8 a 12 de Dezembro ... ... 4.760$00

INCLUINDO — Passagens aéreas de ida e volta, assistência e transporte do terminal aéreo ao hotel, acomodação durante 7 dias, em quartos duplos com banho privativo, e visita da cidade.

INTERTUR

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE INTERCÂMBIO TURISTICO, LDA.
Avenida da República nº 22 - A - LISBOA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

NSU Grátis NSU

DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO UM TESTE COMPLETO AO SEU NSU POR PESSOAL ESPECIALIZADO NO AGENTE OFICIAL

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.

R. de Campolide, 27 — Telef. 685080 - 687615

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA

LICEU

CICLO PREPARATÓRIO—CURSO COMERCIAL
ADMISSÃO INSTITUTOS — LÍNGUAS

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

- ESCOLA SÃO VICENTE: Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
- EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL: Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef 820221
- EXTERNATO ÁLVARES CABRAL: Av. Grão Vasco, 1 (ffe. à Igreja de Benfica) — T. 706974

A NOTÍCIA DO ANO !

ABREM AMANHÃ AS 5 PRIMEIRAS

lojas Lanidor

Um sensacional empreendimento em Portugal!
Directamente de suas fábricas, as lojas **Lanidor** venderão fios de tricotar, malhas, novidades e pronto a vestir para homem e senhora.
Modelos em rigoroso exclusivo!
ALTA QUALIDADE A PREÇOS DE FABRICANTE
Novidade!
Todos os artigos à venda nas lojas **Lanidor** têm uma garantia de qualidade concedida através do controle feito em laboratório próprio. Sistema único no país.
Lanidor — Self-service um verdadeiro acontecimento no dia-a-dia do público português!

LISBOA: R. DA PRATA, 268 a 272
R. SARAIVA DE CARVALHO, 171 — R. TOMAZ DA ANUNCIAÇÃO, 1-A
AMADORA: R. ELIAS GARCIA, 366-B
ALMADA: R. DA OLIVENÇA, 4-A, 4-B

Fixe, peça, use, Fios, Malhas, Confecções
Lanidor
...qualidade peça por peça
L-1/69

O progresso dos computadores nos Estados Unidos

(Continuação da pág anterior)

dito ou registos de venda em fitas de caixas registadoras.

Uma máquina que custa milhões

O preço destes equipamentos varia consideràvelmente em função das suas aptidões, mas, na fase actual da técnica, só são rentáveis no quadro de uma utilização intensiva.

O investimento de que necessitam deve ser calculado em função dos seguintes dados de base:

Os empregados afectos à perfuração de cartas recebem, nos E. U. A., um salário geralmente superior em 20 % ao de uma dactilógrafa, cujo trabalho poderá ser utilizado concorrentemente com uma máquina de ler. No entanto, em igual tempo, a produção da perfuradora é inferior em 30 % (ou 35 %) à da dactilógrafa, sendo dado que cada cartão tem uma capacidade informativa da ordem das duas linhas dactilografadas.

O número de grafisenos diferentes para um dado caracter a letra **a**, por exemplo) que a máquina é capaz de identificar é, por outro lado, a principal variável no custo dos dispositivos: as máquinas que só reconhecem um tipo de caracteres custam uns milhares de escudos, enquanto as que reconhecem vários tipos (inclusive uma letra «de Imprensa» manuscrita) chegam a custar mais de 40 mil contos.

O **National Bureau of Standards**, organismo consagrado à normalização, calcula que a capacidade dos aparelhos de leitura actualmente em serviço nos E. U. A. é igual a cerca de 1 % da das máquinas perfuradoras de cartões. Segundo o mesmo organismo, esta capacidade devia chegar aos 5 %, em 1970, e aos 25 %, em 1975.

Em 1968 foram entregues mil sistemas de leitura automática (representando um investimento global da ordem dos 70 milhões de dólares) — 2 100 000 contos). Em 1967, avaliaram-se as vendas em 40 a 50 milhões de dólares (de 1 200 000 a 1 500 000 contos).

Num estudo consagrado a esta indústria, a firma de **brokers** de Walt Street, F. S. Smithers & Co. prevê que o **chiffre d'affaires** dos construtores especializados chegue aos 150 milhões de dólares, em 1970 e aos 400 a 500 milhões (15 milhões de contos), daí a cinco anos.

Algumas vantagens

A mesma firma dá os seguintes exemplos de vantagens financeiras assinaladas pelos utilizadores de sistemas de leitura automática.

Richman Brothers, cadeia de grandes armazéns do Middle West, economiza 1 milhão de dólares por ano, graças a uma melhoria do «contrôle» dos «stocks» devida à decifração electrónica das fichas de venda do vestuário.

O Centro Administrativo de Segurança Social (Caixa Federal de Aposentações, onde estão inscritos todos os assalariados), em 8 horas, com o auxilio deste equipamento, regista os rendimentos trimestrais de 35 milhões de quotizados, o que levariam 100 dias de trabalho para a perfuração dos cartões. Economia: 750 mil dólares por ano.

A **United Airline** reduziu em cerca de 250 mil dólares o custo do rol dos bilhetes vendidos graças a um aparelho capaz de os decifrar à cadência de 900 por minuto

Um dos principais especialistas da leitura automática, a companhia **Farrington**, adquiriu recentemente a sociedade francesa de moderna contabilidade simplificada (C. S. M.) que figurava em 2.º lugar na lista dos distribuidores europeus de máquinas de escritório e de tratamento electrónico de informação.

Esta empresa, com 23 sucursais e 300 agentes técnico-comerciais, irá permitir que a **Farrigton** penetre no Mercado Comum.

Farrigton constrói uma gama completa de máquinas, que têm a vantagem de poder funcionar sem a assistência de um computador. O modelo 4040 é capaz de ler a fita de uma caixa registadora, ao ritmo de 100 linhas por segundo. Podemos citar, também, uma leitora de documentos de formato comercial cujo aluguer (2500 dólares por mês) é compatível com uma utilização limitada a poucas horas por dia.

O presidente da firma, Peter McClosky e o seu vice-presidente executivo, Jim Berton, aprenderam na I.B.M. a importância capital do **marketing** para as máquinas de escritório. A companhia **Recognition Equipment** (R. E. I.) escolheu o Japão para a sua expansão no estrangeiro: fundou aí a Sociedade R. E. I. — Japão com vista a difundir a sua produção, que consta, sobretudo, de aparelhos de grande capacidade e elevado custo.

Vendeu várias das suas leitoras electrónicas Retina a administrações de correios europeus, a companhias aéreas americanas, e visa o mercado de seguros e de organismos de previdência social.

A companhia Scan-Date procura chegar à Europa através da filial britânica, **Real Time Syetem.**

A expansão da indústria da leitura automática dependerá, em grande parte da I. B. M. que construiu cerca de 80 % das 500 000 máquinas perfuradoras actualmente em serviço nos E U. A.« O ritmo deste fabrico era ainda de 50 000 por ano, na I. B. M., em 1968. É pois, difícil que a primeira firma mundial de máquinas de escritório apresente, por agora, a leitura electrónica como a fórmula do futuro.

Contudo, espera-se que o Governo dos E. U. A. decida normalizar os caracteres de Imprensa, o que permitiria a leitura de elevado número de documentos por um meio relativamente barato e daria mais um ensejo à rápida aplicação de nova técnica

YAMAHA

FINALMENTE EM PORTUGAL!
PIANOS E ÓRGÃOS JAPONESES DA MAIS ALTA QUALIDADE

— Som admirável
— Técnica perfeita

Órgãos electrónicos para igrejas e conjuntos musicais

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 216 — PORTO

VIDA MUSICAL

Centro de Estudos Gregorianos

As actividades do novo ano escolar, no Centro de Estudos Gregorianos, começam, amanhã, com a abertura das aulas em todas as classes.

Durante o novo período escolar, funcionarão três classes de solfejo, três classes de canto gregoriano, duas de polifonia, três de harmonia, uma de contraponto e fuga, de Piano (iniciação ao teclado), Latim liturgico, Pedagogia Musical para formação de professores, três classes de Órgão, duas de Direcção Coral e de Modalidade, uma de Improvisação e três classes infantis de 1.º, 2.º e 3.º anos, pelo método Ward.

Este vasto programa está confiado aos professores sr.ª D. Julia d'Almendra e sr.ª D. Maria Margarida Duarte de Almeida, e maestro Frederico de Freitas e A. Sibertin-Blanc.

Além destas classes, retomarão igualmente a sua actividade os dois grupos corais do Centro de Estudos Gregorianos, a «Schola» com a sua regular preparação de obras gregorianas e polifónicas, e o «Coro Palestrina» estritamente consagrado a obras polifónicas clássicas e modernas.

«CETA» NO TRINDADE: «O INSPECTOR-GERAL»

«O Inspector-Geral», de Gogol, não é peça para amadores, embora a sua escolha (aliás, tão intencional, como se viu, no pré-acto adiantado ao próprio texto) marque já a posição de quem ama o Teatro, mas que, nem sempre, o sabe fazer até ao fim.

Foi, um pouco, o caso do CETA — Círculo de Teatro de Aveiro. A encenação, a que se quis dar o ritmo conveniente a uma tragifarsa, esbarrou constantemente (tropeçou mesmo e quase em todos os quadros) com uma marcação precária, morta, neutra, apertada numa linha de topo-a-topo. Um modelo de casaco assertoado, cheio de enchumaços e alpacas. Sem linhas vivas.

Desta e doutras carências se nutrem muitas falhas de interpretação. Isto se se quiser admitir que é possível (entre nós) encontrar, em qualquer Aveiro deste país, 27 jovens actores a amarem com vocação.

O gosto pelo Teatro não é apenas um problema de cultura, é-o também de aptidões. De raiz. De contacto. De tradição — dirão alguns que cultivam a palavra para outros usos. Ora, o Teatro em Portugal só tem chegado, a quem o estima, por via literária. E lê-lo não é vê-lo em acção dentro dos próprios olhos. Senão, veja-se até que foram estes amadores de Aveiro quem estreou, em Portugal, esta peça de Gogol...

E isso, que é a seu favor, é bom contra o que fizeram (passe a razão) pelo que não chegaram a fazer.

Claro que isto, do Trindade, é um concurso e não um outro tipo de julgamento — as palavras não têm, aqui, a força de enunciar circunstancias atenuantes.

TAVARES DA SILVA

ATRÁS DO REPOSTEIRO

* *A companhia de Amélia Rey Colaço estreia na primeira semana de Novembro, com a peça «O pecado de João Agonia», de Bernardo Santareno.*

* *O Teatro Experimental do Porto vai apresentar a peça «Maria Stuart», de Shiller, com Ana Paula na protagonista.*

* *Yola tem dois numeros na próxima revista do Variedades, denominada «Agora é que vai».*

* *A dupla Eunice Munoz-José de Castro vai apresentar brevemente, num dos teatros de Lisboa, a peça de William Gibson, «Dois no baloiço».*

* *Alina Vaz assinou contrato com a Companhia de Teatro Alegre para interpretar um dos papéis de «Os elefantes não sentem as pulgas», original de Henrique Santana.*

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICRO-SOM, casa especializada.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, Esq.º
PORTO: Praça da Batalha, 3

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO APRESENTA
HOJE — 2.º MÊS
MATINÉE às 16 horas
Noite: 1 sessão às 21.45 horas (Adultos)
AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de Lisboa
UMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDÍSSIMO
AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULO

ROUPA SECA QUANDO CHOVE !

O secador de roupa Thermovent EKCO resolve o grande problema das donas de casa no inverno: mesmo que chova a cântaros, basta ligá-lo e pronto! A roupa seca num instante sem cuidados nem preocupações.

Peça catálogos no seu fornecedor.

EKCO THERMOVENT

Distrib. no Norte do País:
J. J. Gonçalves Sucrs. - Comércio e Indúst, SARL
Rua do Freixo, 1273/81 — Porto

À venda nas boas casas da especialidade

em 1970, no CANADÁ

JOMA

— Para podermos assegurar um maior apoio ao nosso Comércio Externo com o CANADÁ,
— Para garantirmos uma eficiente ponte financeira entre os milhares de portugueses que ali residem e as suas famílias em Portugal,
— Para colaborarmos no esforço de valorização do nosso Turismo,

estaremos em TORONTO, no Canadá, a partir de Janeiro de 1970, com o primeiro ESCRITÓRIO DE REPRESENTAÇÃO de um BANCO português naquele País.

390, COLLEGE STREET — TORONTO

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

BARROSO LOPES e DORA LEAL
nos «Conduteres de domingo»

● AMANHÃ, NÃO HÁ ESPECTÁCULO, PARA DESCANSO DOS ARTISTAS.

VÁ HOJE DIVERTIR-SE
A VER UM BOM ESPECTÁCULO, NO
MARIA VITÓRIA
● VÁ RIR COM A GRANDE REVISTA
ESPERTEZA SALOIA
● Às 20.45
e
● Às 23 h.
ADULTOS
● UM COLOSSAL ELENCO, COM
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
E AS ATRACÇÕES
● HELENA TAVARES ● «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

Arrabal representado pelo Experimental de Cascais

Na quarta-feira, o Teatro Experimental de Cascais leva á cena o grande dramaturgo espanhol Arrabal.

Foram duas as obras escolhidas pelo T. E. C.: o melodrama «Os dois verdugos» e a peça mística «Oração». Ambas num só acto, revestem toda a ciência e precisão incomparáveis de Arrabal, que, como poeta, utiliza a linguagem simples da infancia, directa como uma pedrada. Linguagem cheia de sol, nada deixa atrás de si: nem sombra, nem segundas intenções, nem equívocos.

Carlos Avilez escolheu para a protagonista de ambas as peças um nome que o publico português bem conhece, pois ao longo dos ultimos 24 anos pôde assinalá-lo através de representações magistrais. Ñoz, que, ao lado de Santos Manuel, compõe, excelentemente, a figura da mulher de «Oração» e, juntamente com os jovens Filipe La Féria e Carlos Paulo atinge o patético na mãe histérica que se justifica e autoglorifica em «Os dois verdugos».

Um grande espectáculo em perspectiva, pela mão de Carlos Avilez.

BENEFICÊNCIA NO CASINO ESTORIL

No dia 27 realiza-se no Casino Estoril um chá-canasta-bridge, cujo produto reverte a favor da simpática e benemerente obra «Os Fernandinhos Pobres». A aumentar o interesse com que habitualmente estes chás são acolhidos pelas senhoras da nossa melhor sociedade, exibir-se-á, por amável cedência do Casino Estoril, o respectivo «show», havendo ainda não só uma passagem de modelos franceses, exclusivos duma elegante «boutique» lisboeta, mas também o sorteio de um valioso casaco-capa de vison oferecido por uma das mais famosas casas da especialidade, os peleiros Zip-Zip, no valor de 25 contos.

3° rallye internacional TAP

MG
A classe desportiva de sempre...
Que se confirma!

ENG. HEITOR DE MORAIS
em MG 1300 Mark II:
1° da classe (até 1300)
4° da classificação geral

DOS QUATRO PRIMEIROS CLASSIFICADOS O MG 1300 MARK II
ERA O CARRO DE MENOR CILINDRADA

A. M. ALMEIDA S.A.R.L.
Av. da Liberdade, 11 / Rua Escola Politécnica, 39 / Av. 5 de Outubro, 138 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto — Agentes em todo o País

TRÊS «ESTRELAS» INTERNACIONAIS NA GRANDE NOITE DO FADO

Despertou grande interesse, em todos os bairros da cidade, a notícia da realização da «Grande Noite do Fado», tradicional iniciativa da Casa da Imprensa, que decorre na sala do Coliseu dos Recreios, no próximo dia 18 de Novembro.

Para além da presença, no popularíssimo palco das Portas de Santo Antão, dos melhores fadistas amadores das colectividades lisboetas, noticia-se agora a aceitação do convite formulado aos mais representativos nomes dos palcos portugueses que, numa atitude de toda a simpatia para com a Imprensa, vão desfilar na «Grande Noite do Fado».

Nessa parada de «estrelas» terá lugar, igualmente, a actuação de três conhecidas vedetas dos grandes tablados internacionais, que se deslocam a Lisboa expressamente para participar no maior espectáculo do ano. Divulgaremos os seus nomes dentro de dias.

COLISEU
HOJE ÀS 21.30
(Maiores 12 anos)
Último espectáculo
Despedida da
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
PALHAÇOS

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borjo, n.° 22
Hoje
às 22 h.
e dias seguintes.
MARIO OU EU PRÓPRIO
—O OUTRO de José Régio
com Manuela Machado, Vitor de Sousa e Jorge Vale
MARCAÇÕES depois 16 h.
T 677190
Maiores de 12 anos
Subsidiado pelo Fundo de Teatro

Beatriz Costa

Da popular e prestigiosa actriz Beatriz Costa, que recentemente regressou a Portugal (vinda do Brasil) recebemos um telegrama em que agradece o carinho que lhe tem sido dispensado neste jornal.

Nada tem Beatriz Costa que nos agradecer, mas registamos com apreço a sua prova de simpatia.

RECINTOS DE DIVERSÕES

★ Estreia-se dentro de dias, no Casino da Póvoa do Varzim, o cançonetista Fernando Correia.

★ Vai ser lançado no mercado mais um disco da Lenita Gentil.

★ Maria da Fé já regressou ao elenco artístico da «Parreirinha de Alfama».

★ Regressou do Brasil a cantadeira Cidália Moreira, que actuou no «Lisboa á Noite», de Joaquim Saraiva.

★ A fadista Teresa Silva Carvalho está a actuar na «Taverna do Embuçado».

★ O fadista Fernando Farinha projecta uma digressão á América do Norte.

★ Os guitarristas Álvaro Martins e Castro Mota estão a actuar em Paris, no restaurante «Au Portugal».

ÚLTIMOS DIAS

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA

com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS

— um espectáculo de VASCO MORGADO em QUARTO MÊS com lugares desde 10$00

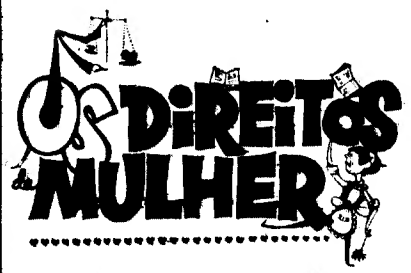
MONUMENTAL

HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.
Amanhã, descanso da Companhia

A COMÉDIA DE QUE TODOS FALAM

TEATRO VARIEDADES 14.ª SEMANA



VASCO MORGADO apresenta

— HOJE —

À NOITE, às 21.45 h. (Adultos)

2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA ☆ IRENE ISIDRO ☆ COSTINHA ☆ LIA GAMA ☆ MARIA HELENA ☆ LUÍSA DURÃO ☆ DAVID SILVA ☆ HELENA ISABEL ☆ BENJAMIM FALCÃO

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 HORAS

Amanhã, descanso da Companhia

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

SABE O QUE É A ATLAS COPCO?

SABE O QUE É O AR COMPRIMIDO?

O ar que você respira,
quando comprimido,
é a fonte de energia
mais económica,
versátil, e segura
que actualmente existe.
A ATLAS COPCO
é a maior organização
internacional
especializada
em tecnologia
de ar comprimido para:
minas
construção civil
e indústria
Mas...
...Como se comprime o ar
para se transformar
em energia?
Como o utilizamos
na prática?
Deseja ser
completamente esclarecido?
Visite os nossos stands
na 1.ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
METALO-MECÂNICA
— PORTO — Palácio de Cristal,
de 11 a 26 de Outubro.

Atlas Copco

põe o ar comprimido
ao serviço do mundo

SOCIEDADE ATLAS COPCO DE PORTUGAL, LDA.

Teatro Maria Matos

a peça de
AQUILINO RIBEIRO
dirigida por
IGREJAS CAEIRO
em cenários de
João Vieira
com música de
FERNANDO LOPES GRAÇA

TOMBO NO INFERNO

(por ordem de entrada em cena)

COSTA FERREIRA
RUY FURTADO
LURDES NORBERTO
MÁRIO PEREIRA
EMÍLIA PEDRO
ADELAIDE JOÃO
ARMANDO VENÂNCIO
VASCONCELOS VIANA
JOSÉ DE CARVALHO
GILBERTO GONÇALVES
LUÍS MACHADO
LADISLAU FERREIRA
CREMILDA GIL
ELVIRA VELEZ
HERMÍNIA TOJAL
MÁRIO SARGEDAS
MADALENA BRAGA
PEDRO PINHEIRO
JÚLIO CLETO
FERNANDO SOARES
EMÍLIO CORREIA
IGREJAS CAEIRO

ADULTOS

A PEÇA INAUGURAL DO TEATRO MARIA MATOS

TRINDADE

Hoje, às 21,30

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F.N.A.T. E DA F.P.C.C.R.

«ALBERGUE NOCTURNO»

pelo Grupo Mérito Dramático Avintense de Avintes — Gaia

(MAIORES DE 17 ANOS)

AMANHÃ — «SABINA FREIRE», pelo Grupo «Amigos de Portimão», de Portimão

(Maiores de 17 anos)

Bilhetes à venda no Teatro, aos preços de 10$00, 5$00 e 2$50

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE A TRANSISTORS

Rua Rodrigo da Fonseca, 31 1
Telef. 43464 — LISBOA

JULIETA GANDRA
MÉDICA

RETOMOU A CLÍNICA
AV. MANUEL DA MAIA, 22-1.º, DT.º — T. 560358

Actualidade internacional

Aniversário da Revolução Soviética

MOSCOVO, 19 — (F. P.) — Os jornais de hojej publicam nesta cidade os 57 «slogans» e apelos tradicionais por ocasião do próximo aniversário da Revolução de Outubro, anunciou a agência Tass.

Um dos apelos dirige uma saudação fraterna ao povo vietnamita.

Os outros pedem respectivamente:

— A cessação imediata da agressão israelita.

— Que seja impedido o rearmamento nuclear da RFA.

— Que os «povos da Europa lutem para obter um sistema eficaz de segurança colectiva e para desenvolver a cooperação e a compreensão entre os povos».

— Que os povos do mundo exijam a proibição de todas as armas nucleares, químicas e bacteriológicas.

Jarbas Passarinho chefiará a ARENA

— confirma o jornal «Correio da Manhã»

RIO DE JANEIRO, 19 — (A. N. I.) — Segundo o «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, «tudo continua a indicar que o ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, tomará o comando da ARENA (Aliança Renovadora Nacional, partido de apoio ao Governo) e será o principal porta-voz do novo Governo brasileiro no Congresso nacional».

MITTERRAND — Um novo partido socialista?

Mitterrand pronto a subir ao poder

LYON 19 — (F. P.) — F. Mitterrand, candidato á eleição presidencial francesa de 1965 e antigo presidente da Fed. Esquerda Democrática e Socialista, declarou ontem, durante um almoço-debate, que estava pronto a ascender ao poder.

Mitterrand em primeiro lugar, lançou um apelo á unidade dos diferentes partidos que se querem socialistas, e acrescentou: «A esquerda socialista é uma coisa diferente dos grupos que se encontram actualmente em presença.»

«Sim — concluiu ele — tenho a ambição de, com aqueles que o quiserem, governar a França. Não tenho vergonha de o dizer Estou pronto, com um verdadeiro Partido Socialista, a aceitar seja para servir, seja para dirigir, ascender ao poder.»

INEXPERIENTE E SEM CORAGEM ASSIM É DEFINIDO CONSTANTINO POR UM LIVRO ESCOLAR GREGO

ATENAS, 19 — (R.) — Está a ser ensinado ás crianças das escolas gregas que o rei Constantino — exilado por sua vontade pessoal — era uma pessoa inexperiente, com falta de visão e coragem, levando o país á beira de um desastre.

Um livro de texto oficial, «A História Grega dos Tempos Modernos», da autoria de Constantino Sakkadakis, acaba justamente de ser publicado para servir as escolas primárias de toda a Grécia.

O livro proclama que o país foi salvo por uma mão cheia de oficiais do Exército que, sob o comando do actual primeiro-ministro Georges Papadopoulos, se apoderaram do poder numa madrugada da Primavera de 1967.

Papadopoulos, na altura um coronel de artilharia, emergiu como homem forte do golpe militar, e assumiu o cargo de primeiro-ministro depois do rei Constantino ter feito uma tentativa abortada para derrubar o regime militar em Dezembro de 1967.

O monarca, de 30 anos, voou para Roma com os membros da sua família depois de se ter malogrado a sua tentativa de conseguir o apoio das tropas do norte da Grécia, e desde então tem vivido no exílio.

«A partir da subida do rei ao poder, declarou-se grande luta política, houve dispêndio exagerado dos dinheiros publicos. Politicas partidárias e outros compromissos, pesados para o país fizeram com que se atingisse um clima de vida impossível», declara a «História».

PEDIDO O EMBARGO DO LIVRO «PIAF»

PARIS, 19 — (R.) — Seis anos após a sua morte, a cançonetista francesa Edith Piaf permanece uma figura tão popular que um livro recente sobre a sua vida se tornou um «best-seller», desencadeando uma controvérsia publica e vários casos levados a tribunal.

A história da pequena cantora de ruas que subiu na vida até se tornar uma das mais talentosas cançonetistas do mundo do espectáculo tem atraído a imaginação e o afecto de várias gerações de franceses sentimentais.

Os seus discos continuam a ser ouvidos diáriamente pela Rádio, e «Piaf», o livro escrito por Simone Berteaut, já teve uma venda de 165 000 exemplares.

Porém, a obra, um relato íntimo da vida tumultuosa dos amores da cançonetista, foi apelidada em tribunal de «burla moral».

O irmão de Edith Piaf, Herbert Gassion, pediu que o livro fosse embargado. O seu advogado disputou o direito da autora em descrever-se como meia-irmã de Piaf, uma reivindicação que contribuiu largamente para o êxito do livro.

A controvérsia acerca do livro atingiu amplas proporções quando o jornal da tarde, de grande circulação, «France-Soir», devotou recentemente várias das suas páginas a declarações de homens que protestaram contra alegados pormenores das suas relações íntimas com a cançonetista.

Entre esses homens incluem-se os actores Yves Montand, Eddie Constantine, e os cantores Charles Aznavour e Theo Sarapo, ultimo marido da falecida Edith Piaf.

A controvérsia tomou um tom mais amargo e mais pessoal, quando Marinette Cerdan, viuva do antigo campeão do mundo dos pesos médios Marcel Cerdan, e os seus três filhos pediram a um tribunal de Paris que ordene que lhes seja paga uma indemnização de 150 000 francos.

A sr.ª Cerdan e os seus filhos pediram também a supressão de passagens do livro que descrevem um assunto amoroso entre Edith Piaf e o antigo campeão do mundo.

Porém, o tribunal ainda não fixou uma data para os inquéritos.

O advogado da família Cerdan, René Hayot, declarou que apresentará em tribunal uma carta na qual Edith Piaf assegurava á sr.ª Cerdan de que entre ela e o falecido pugilista nunca tinha havido mais nada a não ser uma grande amizade.

A MODA DAS «TOPLESS» EM DECADÊNCIA

LONDRES, 19 — (R.) — As criadinhas desnudadas da cintura para cima, conhecidas como «topless» parecem estar fora de moda — vítimas da permissiva sociedade onde a nudez no palco e nas telas do cinema se tem vindo a tornar um lugar-comum.

Os que costumam viajar por todo o mundo ainda as podem encontrar nalguns, muito poucos, restaurantes da América, Suécia e Alemanha, mas não em Inglaterra ou em França.

Há cinco anos, a moda das «topless» espalhou-se por várias partes do mundo. Agora, em San Francisco, onde a ideia nasceu, pensa-se em proibir as criadas e actrizes «topless».

A moda das «topless» apresentou-se no mundo durante o Verão de 1964, que por sinal foi um Verão muito calmoso. Não apenas as criadinhas como também jovens donas de casa e várias rapariguinhas passeavam pelas ruas ou entravam em restaurantes com os seios expostos para quem quisesse ver.

A moda alcançou tal projecção que o Vaticano a condenou em 7 de Julho de 1964.

Mas talvez o golpe de graça fosse vibrado pelo movimento nudista inglês. O movimento condenou a moda «topless» como «sexualmente provocadora».

O PENTÁGONO ESTUDA A REDUÇÃO DOS EFECTIVOS DAS FORÇAS ARMADAS

WASHINGTON, 19 — (F. P.) — O Pentágono estuda actualmente a possibilidade de reduzir em cerca de 500 000 homens os efectivos das Forças Armadas americanas até meados de 1971, segundo informou uma fonte militar. Este estudo foi iniciado a pedido do presidente Nixon que deve apresentar o orçamento da Defesa no mês de Janeiro.

Se os efectivos americanos fossem reduzidos deste modo, contar-se-iam dois milhões e novecentos mil homens servindo nas Forças Armadas, numero muito inferior ao da Primavera de 1966. A maioria dos créditos assim economizados — cerca de cinco biliões de dólares — seria utilizada, como é desejo do presidente Nixon, em aumentar os soldos.

O secretário da Defesa, Melvin Laird, afirmou por várias vezes, nos ultimos tempos, que desejava que os efectivos americanos se fixem em cerca de dois milhões e seiscentos mil homens quando a guerra do Vietnam terminar. Se tal nivel fosse atingido, representaria uma diminuição de 900 000 homens em relação ao nivel actual e um numero inferior em 100 000 homens em relação ao nivel de meados de 1965, época em que o presidente Johnson decidiu enviar as primeiras unidades combatentes americanas para o Vietnam.

Manifestações no Japão

TÓQUIO, 19 — (A. N. I.) — O comando das forças territoriais japonesas foi hoje atacado por um grupo de manifestantes esquerdistas que lançou «cocktails Molotov» contra o edifício.

As forças de segurança intervieram prontamente, dispersando enérgicamente os desordeiros. Foram efectuadas prisões.

Maior capacidade de sobrevivência demonstrada pelos «hippies»

WOODSIDE (Califórnia), 19 — (R.) — Uma experiência para demonstrar os perigos do excesso de população mundial salientou que os «hippies» poderão ter maior capacidade de sobrevivência num mundo esfomeado.

De facto, eram «hippies» a maioria das 52 pessoas que saíram ontem de um recinto florestal no termo de uma semana de jejum a que se chamou «Feira da Fome».

Essas 52 pessoas foram tudo o que restou das 120 que entraram para uma barreira de plástico, no sábado passado, garantindo que não comeriam durante sete dias.

Quando os jornalistas perguntaram a Stewart Brand, um fotógrafo organizador da «Feira da Fome», quem melhor tinha resistido á experiência, ele respondeu: «Os cabeludos e os que tomam estupefacientes foram os unicos que conseguiram sobreviver».

O principal objectivo da «Feira da Fome» foi convencer as pessoas de que há uma maneira fácil de manter a taxa de nascimentos num nível baixo por meio do jejum.

Brand disse aos jornalistas: «Talvez que as pessoas que pensam em ter um terceiro filho devam passar fome durante uma semana»

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL DOM CARLOS
PARA SI, SUA FAMÍLIA OU COM AMIGOS
UTILIZE O NOSSO RESTAURANTE
Ao almoço tem sempre á sua disposição um prato típico da cozinha portuguesa
Amanhã, 2.ª feira — Filetes de garoupa à moda das Berlengas
PARA MARCAÇÃO DE MESA: TELEF. 53 90 71
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 LISBOA

AMÉRICA DO NORTE, AUSTRÁLIA, BRASIL, CANADÁ, ÁFRICA, ETC.
Reserve sua passagem de Barco ou Avião na AGÊNCIA TURALGARVE
Praça da Republica, 100 — Telef. 193 — L O U L É
Rua Luciano Cordeiro, 6-C — Telef. 538240 — LISBOA

LINDA-A-VELHA

ALFREDO LOPES FARINHA

Missa do 30.º dia e agradecimento

Sua mulher, filhos, pais, irmãos, cunhados, tios, sobrinhos e amigos, participam a todas as pessoas de suas relações e amizade, que amanhã dia 20, pelas 9 horas, na Igreja dos Jerónimos em Belém, será celebrada Missa pelo eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto. Ao mesmo tempo agradecem muito reconhecidamente às pessoas que lhes manifestaram o seu pesar e o acompanharam à sua última morada, não o fazendo directamente por desconhecimento de moradas.

CARTAS DO BRASIL

POR CHIANCA DE GARCIA

VISITA AO MUSEU VILA LOBOS

NO DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA MORTE DO GRANDE COMPOSITOR BRASILEIRO

Nos vários anos da década de 30 ainda eram desconcertantes as imagens que eu ia inscrevendo no deve-e-haver da personalidade de Heitor Vila Lobos. Impressões opostas. Para uns, um génio. Para outros, um louco. Por tendência, ou melhor, por temperamento, aceitei-o logo como louco. Sempre têm sido esses os meus eleitos Sua música, embora já genial nesse tempo, ainda era escassamente divulgada no Brasil. Discos, conheciam-se poucos. O homem sim, era discutido pelas suas atitudes de rebeldia Eu sabia do escândalo paulista da Semana de Arte Moderna onde, no campo da música, suas obras revolucionárias tiveram a glória da vaia, depois de Graça Aranha demolir, num discurso desafiador, toda a música clássica.

Na França, porém, Paris recebeu-o com simpatia. Foi o primeiro passo. E começou então, embora difícil, a sua carreira de músico internacional. Mas, no Rio de Janeiro, continuava sendo olhado com descanfiança. Por muitos, não por todos. Os melhores admiravam-no. Mas seria, de facto, um génio?

DOIS

A primeira vez que estive ao lado dele foi no antigo teatro Republica *onde, com Luís Peixoto, montávamos não sei já que peça musicada de que éramos autores. Muitos amigos iam ali visitar o poeta da* Oração do Guerreiro. *Lembro-me de Olegário Mariano, João Alberto, Átilio Milano. Uma tarde vi surgir, da confusão da Avenida Gomes Freire, alguém que julguei conhecer de fotos vistas nos jornais, mas que conseguia ter certa aparência de um Júpiter, criado aliás por conta própria. Logo Luís Peixoto no-lo apresentou. Era o Mestre Vila Lobos. Estendeu-me a mão, olímpico, sem sequer voltar os olhos para mim. Como era a hora do início do ensaio foi convidado para assistir. Aceitou. Mas quando chegámos à porta da sala veio de lá de dentro, desafinado, o matraquear do piano de ensaios. Ficou duro, por segundos. Olhou o Luís. E depois de resmungar não sei o quê, voltou-nos as costas, e foi embora.*

Foi aí que comecei admirando Heitor Vila Lobos. Luís Peixoto ria. E nessa noite, como muitas vezes depois, contou-me, deliciado, um mundão de histórias, talvez anedotas, desse ser fantástico que era o autor das Bachianas Brasileiras.

TRÊS

Agora, dias atrás, estive, na companhia sempre admirável de Geysa Boscoli, no Museu Vila Lobos. Ali conversámos com Dona Arminda, que tem sido, pelos anos fora, a perpetuadora da memória do grande compositor. Ia escrever do grande Maestro. Porque ele o foi, também, principalmente no estrangeiro. Mas se, no Brasil, já é considerado, hoje, o génio nacional da música, ainda há quem ponha restrições ao estranho talento que o caracterizava como, por vezes, ao exigir dos músicos que tocassem, não como estava escrito no papel, mas como as notas deviam ser transmitidas pelo intérprete. Conta-se uma história que isto exemplifica. Um violinista, na orquestra do Teatro Municipal, tocava certa vez, num ensaio, como ele não queria. Repita, ordenou. O músico voltou a tocar do mesmo jeito. Repita, insistiu o Maestro. Por fim o spalla *interveio: «Maestro, mas é o que está escrito.» E ele, rápido: «Mas não foi assim que eu criei!»*

QUATRO

O Museu Vila Lobos é o que pode ser um museu que nos fala de um músico nosso contemporâneo. Partituras, creio que cerca de oitocentas. Objectos de uso pessoal. Programas. Recortes de jornais. O seu violão. Cartazes. E fotografias. Centenas. Milhares de fotografias. Eu estava sentado diante de algumas que me lembraram a segunda vez que vi pessoalmente Vila Lobos. Foi no estádio de São Januário. Lá estava aquele imenso mar revolto de quarenta mil crianças que, guiadas pelas suas mãos de mago, iriam cantar uma duzia de canções infantis, por ele harmonizadas. Eu queria ver o que poderia acontecer com aquele desvario de gnomos na hora de cantar em conjunto.

Por fim, tudo emudeceu. E Vila Lobos, no alto de um palanque, ergueu os braços. Um estremecimento percorreu todo o estádio. Tive um arrepio. E as quarenta mil crianças, dominadas, começaram cantando. Não sei se afinadas, se desafinadas. Percebi porém que, de um jeito ou de outro, o caso não tinha a menor importância. O importante estava nelas que ali formavam o mais juvenil dos exércitos. O ideal exército do amor, da fraternidade, da alegria. Quarenta mil vozes que se erguiam para o céu. Imensa revoada de sons, de pássaros, de borboletas, de pequeninos balões coloridos e luminosos. Assim era Heitor Vila Lobos.

CINCO

Filho de um homem culto, mas que foi também um excelente violoncelista, assim ao pai se refere: «Abandonei a casa muito jovem para aliviar a inquietude que fez de mim um passeante nocturno, cantando serenatas. Viajei muito. Andei por todos os rincões da minha terra. Escutei os tambores dos índios nas noites cheias de mistério. Tenho de meu pai esta paixão pela música que me eleva e me consome.»

SEIS

Há muitos anos já, fui chamado um dia ao palácio do Catete pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek, que me incumbiu de pôr em cena a grande evocação histórica imaginada por Josué Montello e R. Magalhães Júnior, e que se destinava a comemorar a inauguração de Brasília, a nova capital do Brasil. Depois de mim, faltava apenas escolher a quem competiria a missão de organizar a respectiva partitura sinfónica. Logo foi lembrado o nome de Heckel Tavares. Dito e feito Foi ele o escolhido. Então começámos trabalhando juntos. Minha ideia era um espectáculo de massas, no alto da plataforma do Palácio do Congresso, com uma boca de cena de cem metros onde pudesse evoluir um elenco de duas mil figuras, impulsionado pela qualidade orquestral de uma música que contivesse profundas raízes nacionais.

— Óptimo, gritou Heckel, nesse caso a partitura está pronta!

E, ante a minha surpresa, afirmou que para um espectáculo de tal modo grandioso só existia a música do grande, do genial Vila Lobos.

Já então eu não tinha mais dúvidas sobre a genialidade do autor das Ciandas *e das* Serestas. *Só que ele já não era mais deste mundo. Tinha falecido meses antes.*

— Você conhece a partitura do Descobrimento do Brasil?

— Não.

Heckel morava num apartamento que se debruça sobre a paisagem verde e brasileira das matas e das águas que correm de pedra em pedra pelos córregos da Gávea. Então durante noites e noites, e bíblicas madrugadas, disco após disco, Heckel desvendou para mim esse mundo musical que tem como clima o amor, a melancolia, a ternura, a paixão, o calor, a agitação e a violência. Tudo que é Heitor Vila Lobos. Tudo que representa, na sua música, o retrato vivo da natureza do Brasil. O dom único de uma exacta percepção cósmica. E de aí o carácter lírico, mas ao mesmo tempo selvagem e telúrico de tantas das suas páginas sinfónicas...

E desde então fiquei um devoto da música brasileira de Vila Lobos. Da música, sim. Mas ainda não do ser humana Vila Lobos.

SETE

Não sei, não consegui saber se ele, além dos ensinamentos transmitidos pelo velho pai, teve outros professores. Nem se frequentou cursos. Nem sequer se ganhou uma formação especializada. Por mim, julgo que não. E foi essa a sua grande vitória. Vila Lobos foi músico por instinto. A música, recebeu-a em pleno estado de graça. Criou-a conforme o seu temperamento. Conforme a sua visão ciclópica do Brasil. Fora dos «cânones», dos tratados, das regras convencionais. Mas uma coisa ele possuía como ninguém. O claro entendimento do som puro da natureza. mestra de todos os sons e de todos os ritmos. Foi esse o seu curso. Ele ouviu o Brasil. Ele foi o homem brasileiro Pôs o Brasil em música.

OITO

Isso fez dele, agora sei, um génio. Mas isso também provocou as iras de todos aqueles que não admitiam a desobediência ao secularmente estabelecido. De aí o desentendimento que foi árduo entre ele e o ambiente que o cercava. Mas ia em frente. Defendia-se com orgulho, com bravatas, com frases agressivas que ficaram na história. Tinha de ser desconfiado e agreste.

Quando foi pela primeira vez a Paris, ao lá chegar teve a oportunidade de ser recebido por uma ilustre companhia de grandes mestres. Então um dos professores indagou: — Com qual de nós pretende estudar?

Foi quando deu esta resposta fulminante:

— Eu? Pelo contrário Vocês é que vão aprender comigo.

Anos depois, referindo-se a este acontecimento inusitado disse no Rio de Janeiro a um amigo:

— Escandalizaram-se mas não tardaram em compreender que eu tinha falado sério.

E quando alguém o acusava de usar motivos folclóricos, respondia simplesmente: — O folclore sou eu!

Era assim Heitor Vila Lobos. Foi sepultado em 1959, aos setenta e dois anos de idade Ainda o vi uma última vez na Sociedade de Autores. Conversava com Joracy Camargo com Luís Peixoto e ainda com Geysa Boscoli. Ouvi-o dizer então:

— Não penso em morrer, nem sequer espero morrer. Ainda recentemente os médicos me disseram, em Nova York, que tenho vida para toda a vida.

Vida para toda a vida. Tinha razão. Vida para a eternidade.

NOVE

Relembram-se agora os primeiros dez anos após a sua morte. E Arminda Vila Lobos, à frente do Museu dedicado á memória deste grande nome da música brasileira, mostra-nos com orgulho a tábua internacional das comemorações anunciadas São quinzenas, semanas, dias, tardes, noites dedicadas em todo o Mundo ao nome e à obra de Vila Lobos. Em toda a Europa. Nas Américas. No Oriente. Na própria Rússia soviética. Porque em cada ano que passa mais vai crescendo, universalmente, a importância deste grande criador.

Sim, parece que ele tinha razão Vila Lobos tem vida para toda a Vida.

Copacabana, fim de Setembro 69.

Portugal premiado na X Bienal de S. Paulo

Na «Exposição do Livro e das Artes Gráficas» integrada na X Bienal de S. Paulo a que Portugal concorreu com cerca de 30 edições, escolhidas por Fernando Guedes e Sebastião Rodrigues, foi atribuído pelo juri internacional, o 1.º Prémio ao livro «Aparição» de Virgílio Ferreira, ilustrado por Júlio Resende e editado pela Editorial Inova.

A organização da representação nacional na X Bienal de S. Paulo pertenceu á Secretaria de Estado da Informação e Turismo e á Fundação Calouste Gulbenkian.

FÍSICO - QUÍMICO

Licenciado/a ou Engenheiro/a com boa preparação científica com idade até 30 anos para trabalho de investigação tecnológica, no Porto. Resposta com curriculum e indicação da situação militar à Delegação do Porto, deste Jornal ao n.º 109.

Em três linhas

O arquitecto Rui Mendes de Paula foi nomeado chefe da Divisão de Projectos do Fundo de Fomento de Habitação.

///

Foi reconduzido nas funções de comissário nacional adjunto para o Ultramar da Organização da Mocidade Portuguesa o coronel Jorge da Fonseca Dores.

///

O professor de Educação Física Eduardo A. M. Pimentel Trigo foi reconduzido nas funções de comissário nacional adjunto para a Educação Física da Mocidade Portuguesa.

///

Foram nomeados directores do Instituto de Neurologia, anexo á Faculdade de Medicina de Lisboa e do Instituto de Anatomia Patológica, também anexo áquela Faculdade, respectivamente os srs. profs. drs. Pedro Manuel de Almeida Lima e Jorge Augusto da Silva Horta, catedráticos do referido estabelecimento de ensino superior.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

ora diga-nos...

— Qual o número da sua preferência?

«Talvez um numero de telefone..» — sorri um qualquer galã.

● *Disse-nos Rogério Medeiros Lopes, estudante:*

— Com excepção do numero 13, gosto de todos os numeros. Não dizem nada, e dizem tudo... Mas para falar com toda a franqueza, gosto muito mais de palavras.

● *O sr. António Francisco Santos Jorge, técnico de contas, é um caso complicado:*

— Gosto do 87.

— E porquê?

— Rectifico. Gosto é do 70 387.

— Mas porquê?

— Perguntem ao sr. Teófilo Costa.

— Quem é esse senhor...?

O nosso interlocutor afastou-se sem mais uma palavra.

● *Por ultimo, respondeu-nos Manuel dos Santos, empregado numa mercearia:*

— O meu numero preferido é o 15.

— Faz-te lembrar o «115», não?

— Não é isso. Cá por razões muito minhas. Isto é: a rapariga que nos agrada pode ter 15 anos. Ou não? Compreendido?

I EXPOSIÇÃO DE EX-LIBRIS DA COSTA DO SOL

A Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril) inaugurou a 1.ª exposição de Ex-Libris da Costa do Sol e seu triângulo turistico, das colecções dos srs. Conde da Folgosa e Adelino Vieira Neves.

Estiveram presentes á inauguração o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. Serra e Moura, muitos artistas, críticos e outras individualidades.

ETP 30

DOMUS

A NOBREZA DO DESENHO CONTEMPORÂNEO

É UMA CADEIRA

SEEL

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S. A. R. L.
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFS. 324986 - 328671 - 327022

filatelia

A. J. VASCONCELOS CARVALHO

DUAS OUTRAS EXPOSIÇÕES FILATÉLICAS

A Exposição Nacional «Aemipex-69»

Não possuimos à mão a colecção das nossas crónicas, mas supomos já aqui ter publicado três ou quatro sobre a próxima Exposição Filatélica Nacional, «Aemipex-69», que em Coimbra se realiza de 30 de Novembro a 9 de Dezembro, por iniciativa e organização da Secção Filatélica da prestigiosa Associação Académica de Coimbra, com o alto patrocínio da Federação Portuguesa de Filatelia, dos Ministérios da Educação Nacional, das Comunicações, do Ultramar e do Interior e de várias outras entidades.

Esta exposição está garantida, e garantido está o seu êxito, pois existem, neste momento, 120 expositores inscritos, e outros podem surgir ainda, dado que a inscrição só termina no próximo dia 30, na secretaria respectiva, Largo da Feira, n.º 2, 2.º, Coimbra, para onde podem ser pedidos quaisquer esclarecimentos.

E para eles também estão garantidos dois mil quadros, postos à disposição pela Federação Portuguesa de Filatelia, mercê de subsídio substancial concedido pela Administração Geral dos nossos C. T. T., facto que não é demais enaltecer, porque muito vem facilitar todas as futuras exposições filatélicas portuguesas.

Que nos recordemos, é esta a primeira exposição filatélica que, além das medalhas de competição, possui uma comemorativa, cuja excepcional beleza já há meses aqui realçamos. Encontra-se à venda ao preço de 300$00 cada exemplar, e, pelo que temos presente, podemos garantir que este novo trabalho de Cabral Antunes vem confirmar inteiramente todas as qualidades que fazem dele um dos maiores, se não o maior artista português da especialidade.

Temos outros pormenores, em primeira mão, sobre esta notável exposição de Coimbra. Mas eles merecem uma outra crónica, pelo que ficam para domingo próximo.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Raríssimos indivíduos farão válida ideia da lufa-lufa da publicação de um Diário da tarde. Pior aos domingos, em que o futebol impera. E muito pior neste momento, de intensa propaganda eleitoral.

Isto invocamos para justificar os lapsos de composição e de paginação, nos títulos e subtítulos da nossa crónica anterior. E que, tendo nós cortado, na revisão de provas, a última frase do capítulo «A bomba na Federação Portuguesa de Filatelia», não por conter menos verdades, porque nós até sabemos de mais, mas para não sermos nós a aumentar a bomba, — tal corte tenha escapado, e aquela frase tenha sido publicada.

Do que tudo pedimos desculpa aos nossos prezados leitores.

«XIV Exposição de Divulgação Filatélica de Alhandra»

Também a esta exposição aqui temos feito inúmeras referências, umas em primeira, e a maior parte delas, até em única mão, pelo que hoje nos cumpre referir que, organizada pelo dinâmico Núcleo Filatélico de Alhandra, da presidência do nosso amigo e distinto filatelista Almeida Carvalho, esta «XIV Exposição de Divulgação Filatélica de Alhandra e I Mariana», foi foi inaugurada no passado domingo, no salão do Clube Recreativo de Alhandra, pelo presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, e na presença de várias entidades locais, como o presidente da respectiva junta de freguesia e o pároco, secretário da Federação Portuguesa de Filatelia e inúmeros filatelistas, entre os quais os drs. Romano Caldeira Câmara, dr. Jorge Vieira, Félix da Costa Ilha, Artur Santa Bárbara, padre Henrique Rena, etc., etc.

Usou da palavra Almeida Carvalho, que agradeceu a presença do presidente da Câmara Municipal, dos patrocinantes da Exposição, Administração Geral dos C. T. T., Federação Portuguesa de Filatelia, Clube Filatélico de Portugal, referidas Câmara Municipal e Junta de Freguesia, saudando todos os expositores e todos os presentes, e terminando por evocar os ausentes em missão de soberania no Ultramar.

Aquele presidente da Câmara Municipal, Féria Teotónio, filho de um velho e querido amigo nosso, já falecido, agradeceu, salientando o excelente nível da exposição, e o magnífico ambiente de camaradagem em que se via envolvido.

Antes, tivera lugar um almoço, à última hora transformado em banquete algo político, sob a presidência do sr. governador civil de Lisboa, nesse dia em visita de propaganda à região.

Expositores, por ordem do catálogo (alfabético do último apelido), foram o Santuário de Fátima, António Santos Aguiar, Eurico Carlos Esteves Cardoso, Almeida Carvalho, José Marques Curado, Amândio Costa Rodrigues Cruz, Leandro Marques Fortes (chegado já depois do catálogo impresso), Manuel Henriques, Félix da Costa Ilha, Manuel Cerqueira Macedo, D. Maria da Madre de Deus Fernandes Rey de Matos Mourão, Miguel Ramalho Pinto, António Ferreira Rodrigues, Raul Soares e revista «Gabriel».

De todos, permitimo-nos destacar Félix da Costa Ilha, que há mais de meia dúzia de anos, durante uma sessão filatélica na secretaria do Benfica, nos permitimos proclamar um dos maiores, dos jovens filatelistas portugueses, afirmação que nos não foi difícil, e que ele sobejamente tem confirmado; e Almeida Carvalho, António Ferreira Rodrigues, Miguel Ramalho Pinto, José Marques Curado, Raul Soares, Manuel Henriques, Leandro Marques Fortes e Santuário de Fátima, esta, decerto com intensa colaboração de Artur Santa Bárbara e padre Henrique Rena.

Como não houve competição, a medalha do presidente do Clube Filatélico de Portugal, que em tempos aqui foi prometida, será muito brevemente entregue ao Núcleo Filatélico de Alhandra, como justa homenagem à sua extraordinária actividade em prol da Filatelia.

OS SELOS DE GAGO COUTINHO

Domingo passado, fizemos aqui, muito à última da hora, rápida referência à nova série de quatro selos dedicada ao centenário do nascimento do grande almirante Gago Coutinho, referência que também não saiu com o devido destaque.

Prometemos então, para hoje, alguns detalhes sobre a nova série, infelizmente com um desenho único, como de costume, o retrato do herói, se possível ainda mais feio do que ele era, numa série que permitia, pelo menos, três outros motivos: o avião, o roteiro e o astrolábio. E sabemos, não venham argumentar-nos que a série não é comemorativa da viagem, mas esta é que o tornou célebre.

Quanto a outros detalhes, o «Diário de Lisboa» antecipou-se, tendo-os publicado na passada sexta-feira.

MUNDO DOS SELOS

Os nossos C. T. T. usaram ultimamente dois belos carimbos postais, de que não distribuíram pagelas: em 6 de Setembro, o da Exposição Filatélica de Arganil, e em 8 do corrente, comemorativo da inauguração do Terminal Petrolífero do Porto de Leixões. Ora isto prejudica altamente as entidades organizadoras, que editam sobrescritos próprios, cuja maior parte não vendem. Prejudica os coleccionadores da especialidade, que, não tendo deles conhecimento, os não adquirem. E prejudica os próprios C. T. T., que assim deixam de vender muitos selos...

* Do segundo destes carimbos, tivemos conhecimento particular, e por duas vezes escrevemos a notícia respectiva, que, todavia não saiu, no dia 5 de Outubro por ser feriado nacional, e no último domingo... porque não saiu. Felizmente, lembrou-se de nós o querido dr. Cardoso Ribeiro, que nos enviou um exemplar da excelente edição da Sacor, pelo qual aqui lhe deixamos aperto do abraço amigo.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NÓS E O DESPORTO

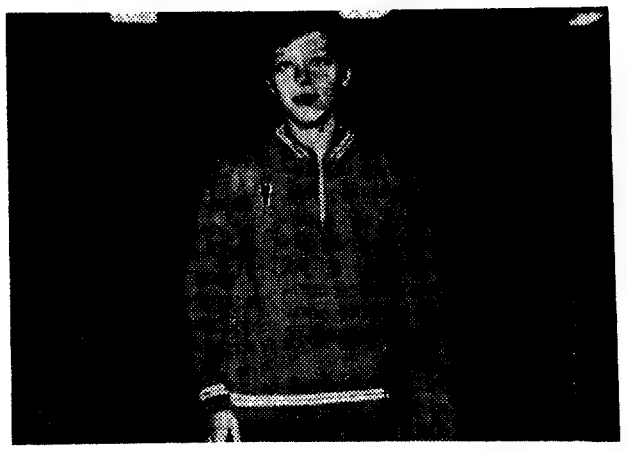
escreve

Lídia Faria

• ELENA: «INTERNACIONAL» EM DUAS MODALIDADES

A categoria de internacional em qualquer modalidade desportiva é sempre galardão invejável que qualquer praticante ostenta com orgulho. Se o atleta, porém, alcança esse plano em duas modalidades, temos de convir que na realidade se trata de um individuo particularmente dotado para a prática desportiva.

Está nesse caso Elena Settimelli, a atleta e pingue-



ELENA SETTIMELLI

-ponguista do Benfica, que alcançou já em qualquer das modalidades a que se dedica — ténis de mesa e atletismo — plano de evidente notoriedade.

Mas quem é Elena Settimelli? — perguntará o leitor pouco identificado com as praticantes das chamadas modalidades pobres, no sector feminino,

— Uma moça de ascendência italiana — responderemos nós — que há catorze anos faz desporto e que se iniciou no ténis de mesa, no Benfica, onde se manteve durante onze anos e para ali voltou, depois de representar o Ateneu (durante dois anos) e, o ano passado, o Paço de Arcos.

— «Mas eu gosto mais do atletismo ainda que reconheça ter mais aptidões para a prática do ténis de mesa. **— confessou-nos Elena Settimelli. E continuou:**

— Ao nível internacional acho que o atletismo feminino tem evoluído mais do que o pingue-pongue.

— Há muito tempo que pratica atletismo?

Há três anos, em representação do Benfica, alcançando a internacionalização em 1966, nos Jogos Luso-Brasileiros.

— E no ténis de mesa, quais são os títulos que conquistou?

— Diversos — respondeu-nos. Em 68/69 em representação do Paço de Arcos fui campeã nacional individual em pares e por equipas e ganhámos também a «Taça de Portugal». No Benfica, alcancei, várias vezes o título de campeã.

— Certamente, treina com assiduidade para manter esse nível?

— No ténis de mesa cinco vezes por semana, e no atletismo apenas uma, aumentando para três, quando me preparo para os campeonatos nacionais.

Quem são, para si, Elena Settimelli, as melhores pingue-ponguistas portuguesas?

— A Octávia, do Paço de Arcos, a Madalena, do Sporting e a Leonor Cadilhon — respondeu sem hesitações.

— Terão sido proveitosos os recentes confrontos internacionais que se verificaram no ténis de mesa?

— Com certeza. E seria bom que houvesse mais contacto internacional. Aprende-se sempre. E como temos tanta falta de aprender!...

TÉNIS DE MESA INTERNACIONAL

Vitória de Portugal sobre a Espanha

Foi incomparàvelmente melhor do que anterior a segunda e ultima jornada do Torneio Internacional, promovido pela Federação Portuguesa de Ténis de Mesa em comemoração do seu 25.º aniversário. Resultados a servirem os desejos dos portugueses (vitória sobre a Espanha e uma marca tangencial no encontro decisivo).

O encontro entre a Alemanha e a Jugoslávia proporcionou ténis de mesa do melhor que se terá visto entre nós — de bom nível e de emoção, resultante da notável recuperação da Alemanha, passando a marca de 0-2 para 3-2. O publico, longe de ser hostil para com Surbeck e Cordas, «puxou» claramente pelos alemães, como que a premiar o seu esforço para a conquista do triunfo, com que muito pouca gente contaria, porquanto, na véspera, ficara a impressão de maior valia dos jugoslavos, em confronto com os alemães e que deixariam Portugal invictos.

No primeiro encontro, a vitória de Portugal sobre a Espanha não nos surpreendeu, dado o que víramos na noite anterior. A marca de 3-0 está certíssima e só há que acrescentar os resultados técnicos: Delfim Soares v. Olvar, por 22-20, 21-16 e 21-13; João Rui v. Sahis, por 21-18, 17-21, 21-11 e 21-10; Delfim-J. Rui v. Olivar-Sahis, por 21-18, 16-21, 21-10 e 21-11.

No encontro entre alemães e jugoslavos os resultados técnicos foram estes: Surbeck (Jug.) v. Ness (Al.), por 21-16, 21-8 e 21-14; Cordas (Jug.) v. Liecker (Al.), por 17-21, 21-12, 21-19 e 21-10; Liecker-Ness (Al.) v. Surbeck-Cordas (Jug.), por 14-21, 21-19, 13-21, 21-18 e 21-15; Liecker (Al.) v. Surbeck (Jug.), por 21-11, 21-17 e 21-12; Ness (Al.) v. Cordas (Jug.), por 21-15, 21-19 e 21-15.

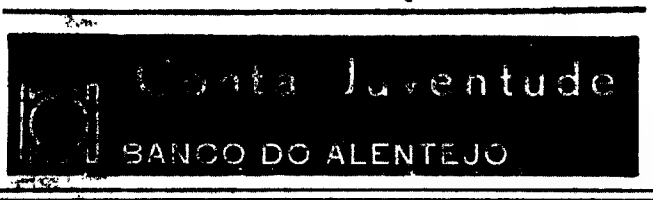
No fim do encontro os directores da Federação, srs. José Manuel Amaro, Prudêncio Carneiro, Naia e A. Almeida procederam á entrega dos prémios. — *D. D.*

A TAÇA «DIÁRIO DE LISBOA» COMEÇOU HOJE A DISPUTAR-SE

Promovido pela Associação de Ténis de Mesa de Lisboa, e com a participação de 15 equipas, começou hoje a disputar-se a taça «Diário de Lisboa» em ténis de mesa (na categoria de infantis), tendo-se apurado os seguintes resultados:

C. Católico-Intendente ...	3-0
Belenenses-Sporting	3-0
E. Amadora-Apolo B	0-3
Apolo A-R. Cordeiro	3-1
Combatentes-Aguias	3-2

Ficou isento o Benfica.



O Belenenses venceu o C.N.O.C.A.: a fase pertence a esse jogo

ANDEBOL

SPORTING E BELENENSES EM EVIDÊNCIA NO «REGIONAL»

Campo de Ourique, um recinto em franco progresso. Casa cheia. Um jogo de grande expectativa. Defrontavam-se Passos Manuel, a equipa sensação da primeira jornada, e Sporting, actual campeão.

Grande falange de apoio dos «liceais», cartazes, máscaras, ambiente de entusiasmo esfuziante!

Os resultados foram os seguintes:

Belenenses-C.N.O.C.A. .	33-16
Sporting-P. Manuel ...	26-13
Benfica-C. Ourique ...	19-17

No primeiro jogo um Belenenses sensacional. Uma grande equipa já com a rodagem completa. Os «antigos cadetes» longe do apuro que rápidamente os levou ao convívio entre os melhores nada podiam fazer.

Depois o grande jogo. Expectativa de certo modo gorada. O Passos Manuel com processos idênticos aos do jogo anterior, muitas vezes longe de corresponder ao permitido pelas regras, cedo se viu suplantado pela velocidade estonteante do «verdadeiro» Sporting. 5-0 e até ao intervalo leva réplica do seu adversário (10-7). Depois nove golos «leoninos» e só um do seu antagonista. Questão resolvida, sem que o vencido desiludisse, mas uma equipa que tem na sua linha Bessone e Brito, em noite fora de série e a vontade férrea de todos os seus companheiros para rectificarem impressão menos boa da jornada inaugural, dificilmente pode ser desfeiteada. É uma força muito poderosa!

Por último, um Benfica muito renovado e sem Pintado, perante um Campo de Ourique, também com uma equipa remoçada que esteve perto do triunfo, só vindo a soçobrar na parte final do encontro.

CAMPEONATO DE JUNIORES

Iniciou-se o campeonato de juniores, com os resultados seguintes:

Atlético-Sporting B, fc. — v. Oriental-Sporting, 9-27. Costa do Sol-Ajudense, 20-7. Belenenses-Benfica, 15-15. Boa Hora-Almada, 10-24. C. D. U. L.-C. Ourique, 12-20. Encarnação-Passos Manuel B, 10-14 e Passos Manuel A.-A. Amadora, 13-10.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

CRUZEIRO CVR IV

CONHEÇA, VIVA, REALIZE-SE

LISBOA-BARCELONA-PALMA DE MAIORCA-GIBRALTAR-LISBOA

DE 25 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO

Paquete «MOÇAMBIQUE»

Saída de Lisboa a	25 de Outubro
Estadia em Barcelona em	27 e 28 de Outubro
Estadia em Palma de Maiorca a	29 de Outubro
Estadia em Gibraltar a	31 de Outubro
Chegada a Lisboa a	1 de Novembro

Preços desde 1 900$00

Aconselhamos todos os interessados a proceder á reserva do seu lugar, dado o reduzido numero de lugares disponíveis neste cruzeiro.

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Rua do Comércio, 85 — Telef. 32 30 21 — LISBOA

Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22 436 — PORTO

COM Krefft ...É LIMPINHO!...

KREFFT — AS FAMOSAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA — A MAIS ALTA QUALIDADE ALEMÃ — ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS TELVI PORTO LISBOA

SPORTING, 2 - PORTO, 1

(Continuação da 1.ª página)

Gualter, Valdemar, Vieira Nunes e Sucena; Pavão e Rolando; Lisboa, Salim, Pinto e Nóbrega.

Suplentes — Vaz, Ernesto, Gomes e Ceninho.

Aos 8 minutos as incursões dos visitantes eram mais notórias que as dos sportinguistas. Precisamente, nesta altura, uma entrada violenta de Gualter a Pedras obrigou este a sair do rectangulo, de maca, fazendo o Sporting recuar José Morais e dando entrada a Lourenço.

A equipa leonina desembaraçou-se das ofensivas contrárias e, aos 15 minutos, Gonçalves flanqueou Gualter e centrou sobre a linha de cabereira onde LOURENÇO, surgindo á boca da baliza abriu o activo com um golpe de cabeça.

Surgiu, depois, um remate de Gonçalves á figura de Aníbal e, aos 40 minutos, o guarda-redes do Porto chutou a bola da sua área, provocando «livre» que Peres apontou para Aníbal (a soco) devolver para «canto».

Aos 44 minutos, Pinto conseguiu apoderar-se do esférico, após uma exitação da defesa leonina, e frente á baliza de Damas atirou á vontade defendendo o guarda-redes do Sporting para «canto». Da marcação do respectivo «corner» resultou o tento da igualdade, por entrada oportuna de PINTO, que desfeiteou Damas.

Ao intervalo, portanto, Sporting, 1-F. C. Porto, 1.

O F. C. Porto, entrou com certa ascendência sobre o Sporting e, aos 3 minutos, beneficiou de um «livre», quando Hilário se opôs a uma incursão de Gualter. Pouco depois, Nóbrega, atirou rasteiro, obrigando Dàmas a boa defesa.

O Sporting respondeu no mesmo tom, e Lourenço «arrancou» um excelente centro, que Nelson não soube aproveitar. Marinho, aos 6 minutos, á boca da baliza (ao cabeçear a bola por alto), perdeu, também, uma óptima oportunidade de tento.

Aos 20 minutos, registou-se uma substituição na equipa do Porto: Ceninho entrou para o lugar de Salim.

Aos 25 minutos, o F. C. Porto esteve prestes a desfazer a igualdade com um remate de Ceninho que a trave devolveu.

Entretanto, e aos 29 minutos, Celestino entrou para o lugar de José Morais.

Aos 35 minutos, o Sporting voltou novamente á posição de vencedor, com um golo de MARINHO, que (de cabeça e á boca da baliza), bateu Aníbal.

Após a marcação deste golo, o Sporting esteve prestes a marcar novo tento num remate de Celestino, mas Valdemar, de cabeça, cortou.

E, até final o resultado não se alterou. Assim, Sporting, 2 F. C. Porto, 1.

COMENTÁRIO

Admitia-se que o F. C. Porto, de visita a Alvalade, acautelasse a sua presença diante do Sporting, mas não seria necessário tanta dureza, pois, como reflexo das suas entradas viris, Pedras acabou por ser a vitima. Os visitantes tiveram momentos de bom ataque, batendo até, por vezes, a equipa leonina, e tais lances podiam também surgir com mais «meiguice».

Os ultimos vinte minutos da primeira parte foram de relevo para a equipa lisboeta. No entanto o F. C. Porto num lance de surpresa conseguiu estabelecer a igualdade, embora neste primeiro tempo se justificasse um resultado favorável aos lisboetas.

Os projectos da equipa visitante, depois de atingir o intervalo em igualdade, eram de fechar a sua área, formando uma cortina para tornar inviolável a baliza e, por consequência, agruparam na zona defensiva normalmente sete jogadores. O Sporting, que não se exibia como tinha feito nos ultimos 20 minutos da primeira parte (e ainda com a tendência de afunilar o jogo), sentiu as naturais dificuldades, aliás, só desfeitas quando alcançou o golo da desigualdade.

M. F.

BOAVISTA, 2-
-VARZIM, 1

Jogo no Campo do Bessa, arbitrado por António Garrido (de Leiria) e presenciado por razoável assistência. As equipas alinharam:

BOAVISTA — Quim; Alfredo, Mário João, Barbosa e Pinto Moreira; Celso e Alexandre; Moura, Germano, Lemos e Zeca.

Suplentes: Luz, Mourinho, Albano e Augusto.

VARZIM — Benje; F. Ferreira, Quim, Sidónio e Salvador; Rico e Aleixo; Pena, Valdir, Sousa e Marques.

Suplentes: Castro, Albino, Serrão e José António.

A equipa da casa lançou-se ao ataque e, logo nos minutos iniciais, Moura (ao marcar um «livre») fez o esférico passar a escassos centímetros da barra e Lemos numa jogada individual proporcionou a Benje uma excelente defesa.

Prosseguindo em toada de franco ascendente, a turma local materializou essa supremacia com a obtenção dum golo por Moura (aos 26 minutos) a concretizar uma primorosa «entrega» de Zeca. Todavia no minuto imediato, Sousa estabeleceu a igualdade.

Aos 32 m., o Boavista esteve á beira de desfazer a igualdade, mas o remate de Moura (disparado a três metros do risco) proporcionou a Benje uma extraordinária defesa.

E o primeiro tempo terminou com igualdade no marcador.

Após o reatamento, Lemos foi substituído por Moinhos. Depois de Moura haver desperdiçado uma ocasião de marcar, foram os poveiros que, por intermédio de MARQUES, desfizeram a igualdade na marcação dum livre (aos 9 m.) por falta de Pinto Moreira sobre Sousa.

O encontro manteve-se com situações de golo alternadas, mas Benje e Quim, ambos em bom plano, foram impedindo o êxito dos atacantes. Moura (Boavista) e Valdir (Varzim) mostravam-se, todavia, inconformados.

Com o Boavista a procurar a igualdade e o Varzim a defender a vantagem, o encontro terminou com o triunfo dos «poveiros» pela marca tangencial: 1-2.

COMENTÁRIO

No primeiro tempo pode dizer-se que o Boavista foi sempre uma equipa de ataque. Moura, Germano e Lemos (três jogadores que fazem do remate a sua «arma»), bem apoiados por Celso e Alexandre, remataram muito, apregoando perigo amiudadas vezes. Fizeram um golo na primeira meia hora mas poderiam e deveriam fazer mais. O sabor desse golo durou pouco, pois um tanto fortuitamente os visitantes anularam essa vantagem, com um «tento de espectáculo» que veio a equilibrar o ritmo do jogo.

O segundo tempo foi um tanto diferente, mormente nos primeiros dez minutos. O Varzim movimentou-se melhor e com mais perigo. Valdir vira um golo «negado» pela barra mas, Marques, nem pontapé feliz fez o que parecia improvável.

Na situação de (imerecido) vencido o Boavista colocou-se decididamente ao ataque mas sem conseguir bater a excelente inspiração d Ben-excelente inspiração de Benje, que viria a ser a grande

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE
FABRICO PRÓPRIO
Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

CICLISMO

Fernando Mendes (Profissionais) e Fernando Camilo (Amadores) campeões nacionais de rampa

Na Rampa da Pena, na distância aproximada de 1200 metros, disputou-se hoje de manhã, a segunda e última prova do Campeonato Regional de Rampa nas categorias de Profissionais e Amadores, em que participaram ciclistas do Benfica, Loures e Mafra.

O tempo chuvoso que se fez sentir prejudicou o rendimento dos corredores.

Classificação da prova de hoje:

1.º, Américo Silva, 4 m 07,35 s; 2.º, João Pinhal, 4 m 08,25 s; 3.º, José Eduardo Santos, 4 m 12,25 s; 4.º, Fernando Mendes, 4 m 20,25 s; 5.º, Fernando Vieira, 4 m 24 s; 6.º, Pedro Moreira, 5 m 10 s, todos do Benfica.

AMADORES — 1.º, António Martins (Bf.), 4 m 16 s; 2.º, José Martins (Bf.), 4 m 16,15 s; 3.º, António Beirão (Bf.), 4 m 22,35 s; 4.º, Fernando Camilo (Bf.), 4 m 23 s; 5.º, António José Santos (Bf.), 4 m 28 s; 6.º, João Carvalho (Marconi), 4 m 54,45 s; 7.º, António Soares (Mafra), 5 m 20 s.

Após esta prova, a classificação geral ficou assim ordenada:

PROFISSIONAIS — 1.º, Fernando Mendes, (Bf.), 9 m 54,25 s; 2.º, José Eduardo Santos (Bf.), 10 m 01,15 s; 3.º, João Pinhal (Bf.), 10 m 45 s; 4.º, Fernando Vieira (B.), 10 m 45,35 s.

Américo Silva, 4 m 07, 35 s; Pedro Moreira, 5 m 10 s. Estes dois últimos corredores só participaram na prova de hoje.

AMADORES — 1.º, Fernando Camilo (Benf.), 10 m 12,1/5 s; 2.º, António Beirão (Benf.), 10 m 24,2/5 s; 3.º, Manuel Mendes (Loures) 10 m 32,35 s; 4.º, António Martins (Benf.), 10 m 56 s; 5.º, José Martins (Benf.), 11 m 04,4/5 s.

CHOCOLATES TAGIDES
SACAVÉM · LISBOA · QUELUZ

CAMPEONATO NACI

LEIXÕES, 5 - BELENEN

Jogo no Estádio do Mar, arbitrado por Saldanha Ribeiro, de Leiria. Equipas:

LEIXÕES — Ferreira; Barros, Adriano, Raul Machado e Raul Oliveira; Gentil e Bené; Quim, Esteves, Horácio e Neca.

Suplentes — Tibi, Nicolau III e Albertino.

BELENENSES — Mourinho; Assis, Quaresma, Freitas e Murça; Quinito e Luciano; Laurindo, Camolas, Saporiti e Godinho.

Suplentes — Serrano, Ernesto, Serafim e Rodrigues.

O jogo começou em toada de equilíbrio, com as duas equipas actuando mais sobre o meio campo.

Aos 7 minutos, numa jogada rápida dos donos do campo, Horácio serviu ESTEVES e este com um remate fortíssimo obteve o primeiro golo da partida.

Depois do tento, manteve-se um certo ascendente técnico e territorial da equipa leixonense, cujos atacantes, por diversas vezes, perturbaram o sector defensivo da turma visitante, de tal modo que, aos 33 minutos, NECA aumentou a vantagem para 2-0, culminando uma boa jogada do sector ofensivo.

Aos 37 minutos, sairam Freitas e Godinho, na equipa lisboeta, tendo sido substituídos por Rodrigues e Ernesto.

As duas equipas continuaram a lutar com denodo, mas o intervalo chegou com o resultado de Leixões, 2-Belenenses, 0.

Recomeçado o encontro, logo aos 4 minutos, HORÁCIO, de cabeça, passou a marca para 3-0, beneficiando de um centro de Quim.

Aos 8 minutos, o Leixões passou a ganhar por 4-0, porque ASSIS, em jogada infeliz, introduziu o esférico na própria baliza.

Dois minutos volvidos o Belenenses reduziu a diferença para 1-4, com um tento de LAURINDO.

Aos 20 minutos, o Leixões marcou o 5.º golo: HORÁCIO colheu de surpresa a defesa «azul», aproveitando um passe de Esteves.

Na equipa da casa verifica-

ACADÉMICA, 3-
-GUIMARÃES, 3

Jogo no Estádio Municipal de Coimbra, perante fraca assistência, arbitrado por Manuel Fortunato, de Évora. Equipas:

ACADÉMICA — Viegas; Curado, Alhinho, Belo e Araújo; Rui Rodrigues e Gervásio; Mário Campos, Manuel António, Nene e Vítor Gomes.

V. GUIMARÃES — Roldão; Bernardo da Velha, Pinto, Joaquim Jorge e Costeado; Artur e Bilreiro; Manuel, Mendes, Peres e Carlos Manuel.

Os estudantes foram mais persistentes nas jogadas iniciais e aos 12 minutos marcaram o primeiro golo da partida, por RUI RODRIGUES, na marcação de um livre indirecto, depois da bola ter tabelado na barreira.

Aos 18 minutos, a Académica aumentou a vantagem, quando Gervásio entrou na grande área adversária, entregando a NENE que rematou prontamente fazendo 2-0.

Até á meia-hora, os estudantes continuaram a dominar territorialmente, e só raras vezes os visitantes conseguiram esboçar alguns contra-ataques, que, no entanto, se goraram.

Aos 39 minutos, aproveitando uma confusão da defesa coimbrã, MANUEL, reduziu a diferença para 1-2.

A dois minutos do intervalo, MANUEL, bateu novamente Viegas, fazendo 2-2, resultado com que terminou a primeira parte.

Recomeçada a partida, Serafim entrou para o lugar de Vítor Gomes.

A compensar a supremacia da equipa coimbrã, aos 18 m. e na sequência de uma fuga rapidissima da Académica, MANUEL ANTÓNIO, ultrapassou o guarda-redes Roldão, fazendo 3-2.

Aos 25 minutos, saiu Carlos Manuel, e entrou para o seu lugar Zézinho.

Quase no final do encontro, e na sequência de um livre indirecto, Peres passou a MANUEL que estabeleceu novamente a igualdade a três bolas, resultado com que terminou a partida.

CONSTRUÇÕES TERRENOS, ETC.

Temos para venda: Moradias na Linha do Estoril e Costa Caparica — Lotes terreno para moradias em Cascais ou constrói moradias por encomenda — Terreno em Caxias (fica a 8 minutos de Lisboa em automóvel) para moradias e prédios — Terreno para indústria e armazéns no Casal do Marco, á saída da auto-estrada da Ponte, pode construir os edifícios para vender ou alugar — Quintarola perto Estoril — Moradia antiga e pequena quintarola a 100 KM AO SUL LISBOA — QUINTINHAS PREÇOS de 10, 13, 15, 23 contos cada, facilitamos em 36 prestações. Somos os donos de tudo, damos facilidades pagamento e trocamos por terrenos, quintas, moradias, prédios, etc., pagamos e recebemos diferenças valores. — Compramos terrenos — Fazemos construções por empreitada e por administração á despesa, podendo aceitar pagamento com terrenos ou dinheiro — Tratamos de urbanizações e construções em sociedade ou comparticipação nos lucros com donos de terrenos — Temos secção de administrações de prédios e recebimento de rendas. Damos as máximas referências, sob todos os aspectos que é possível dar e garantias materiais, se necessário. Tecnicimento — Sociedade Geral de Construções, Ld.ª, Av. 5 Outubro, 31-r/c., Lisboa-1, T. 539773 e 539774, 9.30-12.30 e 14-18.30 h.

OS PRÓXIMOS JOGOS

A próxima jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão, que será a sexta, engloba os seguintes jogos:

U. Tomar-Leixões
Barreirense-V. Setubal
F. C. Porto-Sp. Braga
Varzim-Sporting
Benfica-Boavista
V. Guimarães-C. U. F.
Belenenses-Académica

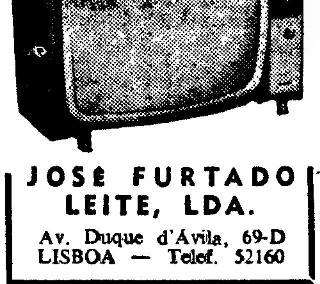
O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Festival do Sintrense no Coliseu

Para encerramento das festas do 58.º aniversário do Sport União Sintrense, realiza-se na terça-feira, ás 21 e 45, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, um espectáculo de variedades em que colabora a orquestra ligeira da Emissora Nacional e grande numero de artistas da Rádio, da Televisão e do Teatro.

CLASSIFICAÇÃO

SPORTING	5	16- 1	10
Benfica	5	11- 2	8
Vit. Setúbal	5	7- 6	6
Varzim	5	5- 5	6
Braga	5	6- 7	6
U. Tomar	5	7-11	5
Leixões	5	9- 7	4
F. C. Porto	5	9-10	4
Académica	5	10-12	4
C. U. F.	5	7-10	4
V. Guimarães	5	5-10	4
Belenenses	5	5- 9	4
Boavista	5	9-12	3
Barreirense	5	8-12	2

KAISER RÁDIO TV
IMAGEM e TÉCNICA EXCEPCIONAIS

JOSÉ FURTADO LEITE, LDA.
Av. Duque d'Ávila, 69-D
LISBOA — Telef. 52160

ram-se
Raul O
de Ben
Com
actuare
jogo te
a just

CO

O re
Leixões
o inter
justo,
ter mo.
intencio
adversá
turno,
conexão
vas ind
mais co
A su
xões fo
los ma
a conse
bição, d
rante.
O Bel
zer ma
uma ré
jogador
dos, fic
cialmen
da viv
leixoner

SI

Jogo
fim. Pe
ncia
de Adel
boa, as
VIT.
Conceiçã
no e Ca
mé; Jo
Figueire
U. TO
ki, João
Barnabé
Cláudio;
tão, Tit
Jogo
primeiro
altura, c
redo) p
são de
Aos 1
vou a b
lizas vi
foi anu
Ao at
de jogo

NOVOS
DE «(

ST. M
— «Os
Maur e
vos di
Silva
Manuel
e-presic
Mate
gio da
Gaspar,
do Sism
Espírito
tes, e F
nador.
A est
a orien

Futel

Inicia
fio de
pas dos
-(Coina)
sa (List
do déci
la comp
4-3 foi
Laborat

ACIONAL DE FUTEBOL (1.ª DIVISÃO)

ENSES, 1 C. U. F., 0 - BENFICA, 2

ram-se as substituições de Raul Oliveira por Geraldo e de Bené por Rui.

Com os leixonenses a actuarem em bom plano, o jogo terminou com a vitória justa do Leixões, por 5-1.

COMENTÁRIO

O resultado favorável ao Leixões, com que se atingiu o intervalo, era inteiramente justo, visto o seu «onze» se ter mostrado, sempre, mais intencional do que o seu adversário. Este, por seu turno, actuou com certa desconexão, preferindo iniciativas individuais a um sentido mais colectivista.

A superioridade do Leixões foi indiscutível. Os golos marcados foram apenas a consequência de uma exibição, de certo modo, fulgurante.

O Belenenses não pôde fazer mais do que oferecer uma réplica animosa. Os seus jogadores actuaram desligados, ficando aturdidos (especialmente a defesa) em face da vivacidade dos «bebés» leixonenses.

Jogo no Estádio Alfredo da Silva, perante razoável assistência, sob a arbitragem de Mário Alves, de Beja. As equipas:

C. U. F. — Cabral; Sério, Marques, Medeiros e Castro; Pedro e Arnaldo; Louro, Monteiro, Capitão-Mor e Armando.

Suplentes: Guimarães, Bambo, Américo e Manuel.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto, Zeca e Adolfo; Toni e Coluna; Simões, Torres, Eusébio e Diamantino.

Suplentes: Fonseca, Jacinto, Graça, Artur Jorge e José Augusto.

Nos primeiros minutos, o assédio do Benfica foi mais constante pelo melhor labor da sua intermediária, a que Torres dava excelente colaboração.

Apesar disso, porém, o primeiro momento de perigo junto da baliza de Vítor Cabral só se verificou aos seis minutos, na marcação dum «canto», que Torres rematou primorosamente de cabeça.

E, aos 11 minutos, foi a vez de Diamantino, sem adversário a estorvar-lhe os movimentos e em boa posição, atirar ao lado da baliza.

A' passagem do quarto de hora, o Benfica continuou a ser a equipa mais intencional no terreno. Depois dum «livre» de Eusébio e uma recarga de Coluna que fez passar a bola por cima da barra da baliza da C. U. F., surgiu finalmente o golo num «centro» de Diamantino que TORRES concluiu á boca da baliza. Havia 17 minutos de jogo.

Aos 24 minutos, os visitados perderam boa ocasião de igualar, quando Capitão-Mor (em posição frontal á baliza de José Henrique) rematou de forma deficiente.

Nos ultimos minutos desta primeira parte, o ataque do Benfica voltou a apoderar-se do comando da partida e Vítor Cabral viu um remate de Torres passar por cima da barra.

Porém, e apesar dos esforços dos cufistas, o resultado não se alterou: C. U. F., 0 -Benfica, 1.

No reatamento a C. U. F. apresentou Bambo a defesa direito, passando Sério para o meio campo, em substituição de Louro.

A C. U. F. empertigou-se e por duas vezes os defensores «encarnados» travaram irregularmente os avançados adversários.

Aos 20 minutos saiu Capitão-Mor, entrando Manuel para o seu lugar.

E oito minutos depois foi a vez de Toni ceder o seu posto a Jaime Graça, no conjunto benfiquista.

Exactamente á meia hora saiu Eusébio, sendo substituído por Artur Jorge.

Nos ultimos minutos, o Benfica teve uma explêndida jogada, que foi mal neutralizada pela defesa da C. U. F. A bola saltou para ARTUR JORGE que atirou para a baliza de Cabral, defendendo este (segundo o fiscal de linha) para além da linha de golo.

E com a vitória do Benfica, por 2-0, atingiu-se o termo do encontro.

COMENTÁRIO

A expressão numérica da partida, registada ao atingir-se o 45.º minuto, poder-se-á aceitar como o retrato fiel do que as duas equipas tinham produzido até então.

Aceitando jogar sem pressas, a equipa do Lavradio permitiu ao Benfica o desbobinar de lances apreciáveis em quantidade e em qualidade bastante para justificarem a vantagem de um tento.

Segunda parte de nível modesto, com as duas equipas a coleccionarem desacertos, sem velocidade, nem garra para dar outra feição ao jogo

Notas salientes: as duas substituições feitas na equipa do Benfica, que causaram surpresa, pela sua aparente inoportunidade.

Até final e sem que qualquer dos conjuntos denunciasse melhoria, o jogo manteve-se nas mesmas características

E o Benfica, pelo que fizera no primeiro tempo, pôde amealhar os dois pontos.

E. V.

BRAGA, 1- -BARREIRENSE, 0

Jogo no Estádio 28 de Maio, perante reduzida assistência e sob a arbitragem de Fernando Martins, de Lisboa. As equipas alinharam:

BRAGA—Armando; Agostinho (ex- Acad.ª), Leiria, Alípio e José Manuel; Mário e Alfredo; Palmeira, Betinho, Arlindo e Fernando.

Suplentes: Martinho, Sobral, Adão, Domingos e Coimbra.

BARREIRENSE — Bento; Murraças, Almeida, Bandeira e Patrício; João Carlos e Mira; Walter, José Carlos, Rogério e José João.

Suplentes: Paixão, Serra, Aleixo e Malagueta

Aos 31 minutos, Betinho apareceu em boa posição na frente de Bento mas o guardião, arrojadamente, evitou o golo que parecia certo. Do choque entre Betinho e Bento, os dois sairam lesionados, estando o jogo interrompido, mas continuando com os jogadores em campo.

Até ao fim da primeira parte, o resultado manteve-se em branco.

No início da segunda parte, Malagueta substitui José João na equipa do Barreirense.

Aos oito minutos, Arlindo, preparava-se para entrar na área mas foi desarmado em falta por Almeida. Na marcação do respectivo livre, Mário tocou para BETINHO que, com um potente remate fuzilou a baliza de Bento, abrindo o activo

Aos 21 minutos, numa disputa de bola a meio-campo, João Carlos desarmou Alfredo e este carregou-o pelas costas. O árbitro, perto do lance, ordenou a expulsão do bracarense

Aos 30 minutos, Serra entrou para o lugar de João Carlos. Dois minutos depois Sobral substituiu Fernando. Aos 35 minutos, Adão entrou para o lugar de Bétinho. Aos 44 minutos Arlindo bateu Bento, mas o árbitro apitando tardiamente, acabou por não considerar o golo.

Resultado final: Spt. Braga, 1-Barreirense, 0.

COMENTÁRIO

Embora jogando em terreno alheio, a equipa visitante procurou dar feição atacante ao seu jogo e, denunciando melhor ligação (sem ter conseguido jogar bem) foi a que produziu futebol de melhor entendimento.

Os bracarenses, com um meio-campo bastante lento e denunciando os movimentos, não conseguiram (a não ser em contra-ataques) ocasiões merecedoras de bom prémio. Assim, a igualdade era aceitável ao fim dos primeiros 45 minutos de jogo.

Enquanto no primeiro tempo foi o Barreirense a equipa mais em evidência, na segunda melhoraram imenso a produção de jogo e até ao momento da expulsão de Alfredo dominavam completamente o jogo e o adversário.

SETÚBAL, 2 - TOMAR, 0

Jogo no Estádio do Bonfim. Perante regular assistência e sob a arbitragem de Adelino Antunes, de Lisboa, as equipas alinharam:

VIT. SETUBAL — Vital; Conceição, Cardoso, Herculano e Carriço; Wagner e Tomé; José Maria, Guerreiro, Figueiredo e Jacinto João.

U. TOMAR — Conhé; Kiki, João Carlos, Faustino e Barnabé; Ferreira Pinto e Cláudio; Armando Luís, Leitão, Tito e Vieira.

Jogo equilibrado até aos primeiros dez minutos. Nessa altura, o Vitória (por Figueiredo) perdeu excelente ocasião de marcar.

Aos 15 minutos, Tomé levou a bola ao fundo das balizas visitadas, mas o golo foi anulado por deslocação.

Ao atingir-se a meia hora de jogo, os locais conseguiram equilibrar as operações e, até, tomar o comando do jogo.

Mas, até ao intervalo, o resultado não se alterou, mantendo-se o marcador em branco.

Para a segunda parte, Arcanjo substituiu Guerreiro na equipa setubalense.

Aos 17 minutos apareceu o primeiro golo da partida, marcado por TOMÉ na sequência de um passe de Figueiredo.

Aos 20 minutos, Vítor Baptista entrou para o lugar de Wagner, na equipa setubalense.

Aos 23 minutos, o U. Tomar perdeu excelente ocasião de marcar por Leitão.

Aos 32 minutos, Alfredo substituiu Armando Luís na equipa visitante. Quatro minutos depois, Vieira abandonou o rectangulo, lesionado, entrando Totoi para o seu lugar.

E, depois, IGUEIREDO (aos 37 minutos) fez 2-0, para o V. Setubal.

Resultado final: V. Setubal, 2-U. Tomar, 0.

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO

NOVOS DIRIGENTES DE «OS LUSITANOS»

ST. MAUR (França), 19 — «Os Lusitanos» de St. Maur elegeram os seus novos dirigentes Manuel da Silva Pereira, presidente; Manuel Francisco Vieira, vice-presidente; José de Almeida Mateus, secretário; Aprígio da Costa Marques e José Gaspar, tesoureiros; Fernando Sismeiro, Carlos Silva e Espírito Santo, equipamentos, e Fernando Fereira, treinador.

A estes dirigentes compete a orientação do grupo de futebol particular.

Iniciaram-se com um desafio de futebol entre as equipas dos Laboratórios Pfizer (Coina) e Pfizer Portuguesa (Lisboa) as comemorações do décimo aniversário daquela companhia. O resultado de 4-3 foi favorável á equipa dos Laboratórios.

A CHAVE DO TOTOBOLA

Para que os nossos leitores possam, rápidamente, verificar o acerto, ou o erro, dos seus prognósticos enviados ao Totobola, indicamos a seguir, as apostas deste domingo.

Setúbal-U. Tomar	1
Braga-Barreirense	1
Sporting-Porto	1
Boavista-Varzim	2
CUF-Benfica	2
Académica-Guimarães	X
Leixões-Belenenses	1
Gouveia-Beira Mar	1
Lamas-Sanjoanense	1
T. Novas-Famalicão	1
Montijo-Portimonen.	X
Sesimbra-Peniche	1
Lusitano-Oriental	2

TELEVISORES
AS MELHORES MARCAS
MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO
CASA M. L. FERREIRA
R. D. Estefânia, 48, 1. andar
(Junto ao Largo)

Correio diese

Saiu já mais um número do CORREIO DIESE, que inclui assuntos de capital importância para a saúde de população portuguesa, entre os quais destacamos:
Castigo da civilização: a fadiga ● Quando as folhas caem... ● Cursos de alimentação racional ● Agora que o mar ficou para trás ● Alimentos completos ● Quando o café saiu trocado... Surgiu uma fonte de vitamina C! ● A saúde de seu filho... ● Um certo sorriso... ● Ria-se do Inverno que vem aí! ● Quando quilos a mais são uma obsessão ● Doze meses de bom trabalho escolar... ● O medo mórbido: carência magnesiana ● O sono tão (ou mais) importante que a alimentação ● Ainda existe um paraíso sobre a terra! ● Saúde amigo! com lecitina ● O colesterol ataca-o: defenda-se! ● Uma ajuda à flora e as secções habituais.

Se está interessado em receber graciosamente este número do CORREIO DIESE basta recortar o cupão anexo e enviá-lo à DIESE — Apartado 1382 — Lisboa-1

D. L. 31

Agradeço remetam, sem mais encargos para mim, o número do CORREIO DIESE, acima mencionado.

Nome .....

Morada .....

Os seus nervos podem causar-lhe insónias

As insónias são muitas vezes causadas pela tensão nervosa. Livre-se dessa tensão. Recupere o equilíbrio dos nervos. Consegue depois um sono tranquilo. É tão fácil.

O Sanatogen pode ajudá-lo

Um sistema nervoso equilibrado depende do estado das células nervosas. Estas células precisam de proteína e fósforo para funcionar correctamente; se não, *morrem de fome* e você sofre as consequências. O Sanatogen fornece toda a proteína concentrada e fósforo necessários às células nervosas. Alimenta, fortalece e normaliza completamente o sistema nervoso.

Recomendado pelos médicos

Mais de 25.000 médicos alemães e ingleses receitam o Sanatogen. Nenhum produto contém o que ele possui. Por isso o Sanatogen melhora a saúde de qualquer pessoa. Experimente o Sanatogen no seu caso.

Para todas as formas de «nervos»

Os nervos podem manifestar-se de várias formas — insónias, depressão, preocupações exageradas, irritabilidade, cansaço permanente, e até, às vezes, indigestão.
Qualquer destas manifestações nervosas o inferioriza e deprime. Reconquiste a sua *fortaleza nervosa*. Sanatogen vai ajudá-lo.

Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC

diese Produtos Dietéticos, Lda. — Apartado 1382 — Lisboa 1

O "NACIONAL" DA 2.ª DIVISÃO

OS PRÓXIMOS JOGOS

A próxima jornada do «Nacional» da 2.ª Divisão, que será a sexta, engloba os seguintes jogos:

ZONA NORTE — Beira-Mar-Penafiel, Espinho-Gouveia, Leça-Vizela, Sanjoanense-Salgueiros, Tirsense - Marinhense, Famalicão-U. Lamas e Ac. Viseu-Torres Novas.

ZONA SUL — Farense-Lusitano, União Santarém-Atlético, Seixal-Luso, Portimonense-Torriense, Peniche-Montijo, Sintrense-Sesimbra e Oriental-Tramagal.

ZONA SUL

Sesimbra-Peniche

Jogo no Campo Vila Amália, arbitrado por Joaquim Campos, de Lisboa.

SESIMBRA — Acrísio; Artur, Fragata, Joaquim e Aureo; Urbano e Piedade; Julião, Garcia, Carlos Pereira e Joaquim Manuel.

PENICHE — Tavares, Ferreira, Seia, Roxo e Carolino; Cunha Velho e Carapinha; Vicente, Honório, Campinense e Eusébio.

No 1.º tempo: 0-0.

Na segunda parte, Joaquim Manuel e Julião, marcaram pelo Sesimbra, aos 24 e 30 minutos, respectivamente.

No final, Sesimbra, 2 Peniche, 0.

Torriense-Seixal

Jogo no campo das Covas, arbitrado por Graça da Silva, de Santarém.

TORRIENSE — António Maria; Narciso, Morais, Sá Quintas e Alfredo; Belmiro e Nineu; Narciso I, Gois, Rodrigues e Mendes.

SEIXAL — Ricardo; Vítor, Baltasar, Helder e Quim; Nunes e Barreiros; Jorge, Clarita, Cambalacho e Rui.

Ao intervalo: 3-0. Golos de Góis, aos 16 minutos; Nineu, aos 28 e Rodrigues, aos 32.

Na 2.ª parte, Góis (aos 2 minutos) e Rodrigues (aos 7 e 33) marcaram pelos locais e Nunes (aos 23) pelos visitantes.

No final: Torriense, 6-Seixal, 1.

Lusitano-Oriental

Jogo no Campo Estrela, arbitrado por César Correia (Faro).

LUSITANO — Antoninho; Cunha, Coelho, Flórido e Torres; Costa e Mitó; Bom, Janota, Santa Rita e Pissara.

ORIENTAL — Eduardo; Capucho, Antunes, Cordeiro e João António; Faustino e Inácio; Gomes, Carvalho, Vasconcelos e Vítor Lopes.

Ao intervalo, o Oriental vencia por 1-0: golo de Carvalho, aos 29 minutos.

No 2.º tempo o resultado não sofreu alteração. Expulsos Flórido e Antunes.

Atlético-Farense

Jogo no Estádio da Tapadinha, arbitrado por Ismael Baltasar, de Lisboa.

ATLÉTICO — Botelho; Maximino, Durand, Candelas e Valdemar; Gaspar e Pinhal; Raul, Fernando Carlos, Raimundo e Peixoto

FARENSE — Januário; Atraca, Torres, Manhita e Lampreia; Jardim e Nunes; Nelson, Pedro, Artur Jorge e Testas.

No primeiro tempo: 0-0.

No final: Atlético, 0-Farense, 0.

Montijo-Portimon.

Jogo no Campo Luís Fidalgo, arbitrado por Ilídio Cacho, de Lisboa.

MONTIJO — Redol; Nelson, Moreira, José António e Espírito Santo; Vieira Dias, Mateus, Rangel e Porfírio.

PORTIMONENSE — Daniel; Hélio, Celestino e Morujo; António Luís e Luz; Mateus (António José), Ramos, Lecas e Pacheco.

No 1.º tempo: 1-0, golo de Mateus, aos 22 m.

Aos 16 minutos, António José igualou o marcador. No final: Montijo, 1-Portimonense, 1.

Tramagal-Sintrense

Jogo no Campo Com. Duarte Ferreira, arbitrado por Porém Luís, de Leiria.

TRAMAGAL — Bonito; Rui, Nelson, Armando II e Armando I; Cardoso e João Baptista; Mateus, Cunha, Sampaio e Fernando.

SINTRENSE — Esteves; Brinca, Guilherme, Eugénio e Elias; Silva e Gomes Ferreira; Baptista, Madeira, Sérgio e Roque.

Ao intervalo: 0-0.

No 2.º tempo, Cunha fez o golo dos locais.

Luso-U. Santarém

Jogo no Campo da Quinta Pequena, arbitrado por Augusto Baillão, de Lisboa.

LUSO — Alhinho; Alegria, Torrão, Durand e Abalroado; Totala e Jeremias; João Luís, Correia, Alberto e A. João.

U. SANTARÉM — Vítor Manuel; Carlitos, Joaquim José, Tito e Spínola; Marcelo e João; Medeiros, Castro, Amandio e Inácio.

No primeiro tempo: 1-1. Golos de Durand e João. Foram expulsos João Luís e Marcelo, por agressão mútua.

Na 2.ª parte não se marcaram golos.

No final: Luso, 1-U. Santarém, 1.

RESULTADOS DA JORNADA

ZONA SUL

Atlético, 0 - Faren., 0
Sesimb., 2-Peniche, 0
Montijo, 1-Portim., 1
Torriense, 6-Seixal, 1
Lusit., 0-Oriental, 1
Luso, 1-U. Santar., 1
Tramag., 1-Sintr., 0

CLASSIFICAÇÕES

Torriense	8
Oriental	8
Portimonense	7
Peniche	6
Farense	6
Atlético	6
Sesimbra	6
Montijo	5
Tramagal	5
Seixal	4
Sintrense	3
Luso	3
U. Santarém	2
Lusitano	1

ZONA NORTE

Gouveia, 2-B.-Mar, 1
Vizela, 1-Espinho, 1
Penafiel, 2-Viseu, 0
Marinhen., 1-Leça, 1
Lamas, 1-Sanjoan., 0
Salgueir., 1-Tirsen., 3
T. Novas, 4-Famal., 3

CLASSIFICAÇÕES

Tirsense	7
Sanjoanense	6
Gouveia	6
T. Novas	6
B. Mar	5
Famalicão	5
Salgueiros	5
Leça	5
Marinhense	5
Vizela	5
Lamas	5
Espinho	4
Ac Viseu	3
Penafiel	3

ZONA NORTE

U. Lamas-Sanjoan.

Jogo no Estádio Com. Henrique de Amorim, arbitrado por Américo Barradas, de Lisboa.

U. LAMAS — Domingos; Redol, Alberto, Barrigana e Chico; Romão e Ismael; Amadeu, Rui Ernesto, Jesus e Carlos Silva.

SANJOANENSE — Fidalgo; Freitas, Caneira, Zéquinha e Almeida; Ferreira Pinto e Moreira; Adé, Louro, Perdigão e Vieira.

Ao intervalo: 1-0, a favor do U. Lamas. Golo de Jesus, aos 31 minutos.

No 2.º tempo o resultado não sofreu alteração, pelo que o União de Lamas venceu por 1-0.

Marinhense-Leça

Jogo no campo da Portela, arbitrado por Mário Vidreiro, Lisboa.

MARINHENSE—Vítor Gomes; Cardoso, Cartaxa, Craveiro e Armando; Leitão e José João; Manaça, Veiga, Vila Nova e Vítor Manuel.

LEÇA — José Henrique; Gentil, Vila Cova, Pinto Carvalho e Serrão II; Abílio e Mourinho; Seminário, Ramos, Martinho e Santos.

Ao intervalo: Marinhense, 1-Leça, 0, golo de José João aos 40 m.

Na 2.ª parte, a 7 minutos, Marinho igualou.

No final: 1-1.

Penafiel-Ac. Viseu

Jogo no Estádio Municipal, arbitrado por Diogo Manso, de Braga.

PENAFIEL — Dionísio; Gaspar, Graça, Hernâni e Adelino; Caldeira e Rosendo; Silva Pereira, Prieto, Nartanga e Garcia.

AC. VISEU — Pais; Luís, Afonso, António Alfredo e Vítor; Fonseca e Carolino; Vingílio, Bastos, Walter e Morais Alves.

Ao intervalo: 1-0, golo de Nartanga aos 12 minutos.

O segundo golo do Penafiel foi obtido por Caldeira aos 23 minutos, da segunda parte.

Resultado final: Penafiel, 2-Ac. Viseu, 0.

Vizela-Espinho

Jogo no Campo Agostinho Lima, arbitrado por Jaime Loureiro, do Porto.

VIZELA — Lucindo; Artur Augusto, Tomás, Silveira e Viana; Vítor Silva e Capela; Baptista Neto, Gregório, Daniel e Catricoto.

ESPINHO — Arnaldo; Ribeirinho, Silva, Gonçalves e Gomes; Ribeiro e Alcobia; Momade, Norftal, Luciano e Calix.

Ao intervalo: 1-0, Golo de Daniel, aos 35 minutos.

No 2.º tempo Gonçalves estabeleceu a igualdade: 1-1.

T. Novas-Famalicão

Jogo no Campo Almonda Parque, arbitrado por Carlos Dinis, de Lisboa.

T. NOVAS — Casimiro; Duna, Bruno, Zeca e Bragança; Sá Pinto e Nogueira; Hugo, Real, Vicente e Serranito.

FAMALICÃO — Arnaldo; Lopes, Filipe, Inácio e Ferreirinha; Vitorino e Moreira; Luís Pereira, Miranda, Quim e Leonardo.

Ao intervalo: 1-1. Pelo T. Novas, marcou Vicente aos 15 minutos e Quim fez a igualdade aos 25.

Na 2.ª parte, o Torres Novas obteve três golos e os visitantes o seu unico tento.

No final: T. Novas, 4-Famalicão, 3.

Gouveia-Beira-Mar

Jogo no campo do Farvão, arbitrado por Fernando Leite, do Porto.

DESP. GOUVEIA — Dias; Macalense, Maçarico, Amilcar e Carlos Branco; Margarido e Paxim; Pestana, Araujo, Feliciano e Julio.

B. MAR — José Pereira; Viriato, Joca, Feliz e Almeida; Abdul e Celestino; Amaral, Nelito, Eduardo e Colorado.

Ao intervalo: 1-0, golo de Feliciano, aos 26 minutos.

No 2.º tempo marcaram-se dois golos, Julio (Gouveia) e Amaral (B. Mar) pelo que no final: Gouveia, 2-Beira-Mar, 1.

Salgueiros-Tirsense

Jogo no Campo Eng.º Vidal Pinheiro, arbitrado por Porfírio da Silva, de Aveiro.

SALGUEIROS — Melo; Mendes, Taco, Edgar e Gabriel; Faustino e Reis; José da Costa, Santana, Yauca e Ferreira.

TIRSENSE — Ricardo; Sebastião, Cristóvão, Luís Pinto e Viana; Francisco Baptista e Ernesto; Rui Manuel, António Luís, Silva e Jóia.

Ao intervalo, 1-2 a favor do Tirsense, golos de Silva aos 30 segundos e Edgar (na própria baliza) aos 10 minutos, para o Tirsense. E por Santana, aos 24 minutos, para o Salgueiros.

No 2.º tempo Rui Manuel estabeleceu o resultado final 1-3 para o Tirsense.

III DIVISÃO

Com os encontros da 2.ª jornada prosseguiu hoje o campeonato nacional da III Divisão, alguns dos quais tiveram os seguintes resultados:

C. Piedade - Grandolense	1-1
Limianos-D. Chaves	1-0
U. Algés-Faro Benfica	2-2
Caldas-Alcanenense	1-0
Calipolense-S. Portaleg.	1-1
Aljustrelense-Juventude	2-1
Vila Real-Viamense	0-1
Sacavenense-Almeir.	1-0
Silves-Lusitano	0-0
Amora-Beja	0-2
Lamego-Bragança	3-0

HÓQUEI EM CAMPO

Nos jogos da segunda jornada do «Torneio de Abertura» de Hóquei em Campo, disputados esta manhã, apuraram-se os seguintes resultados:

Belenenses-Hóquei Clube de Portugal, 2-0; Atlético - Palmense, 2-1.

O jogo F. Benfica-Benfica deve estar a disputar-se á hora que encerramos esta edição.

GOLFE

Começou o torneio da Taça «Duque de Windsor»

Com quarenta e três inscrições começou a disputar-se ontem, mais uma «edição» do tradicional torneio do Clube de Golfe do Estoril, denominado Taça «Duque de Windsor».

A primeira eliminatória forneceu os seguintes resultados

C. Alves de Sousa v. Maria Elcock, no 20.º buraco; Colette Hanley v. Koert, por 4-3; Manuel Rua v. Tito Lagos, por 2-1; José Lara S. Melo v. Flávio Lyra, por 7-6; J. M. Espírito Santo v. J. Daniel Hanley, por 3-1; F. Costa Cabral v. P. Michell, por 3-2; Julio Bastos v. Prudêncio Duarte no 20.º.

A. Gagliadini Graça, G. Riddell, Mariane Callissendorf e Faustino David passaram á eliminatória seguinte por falta de comparência de A. C. Pacheo, Van der Vyver, Glória Ruhmor e R. Rissiardi.

Provas da A.F.L.

«Regional» de juniores

Com os jogos correspondentes á sexta jornada prosseguiu hoje o «Distrital» de juniores da 1.ª Divisão, da A. F. L., registando-se os seguintes resultados:

Série A — 1.º Dezembro-Sintrense, 1-0; Casa Pia-Algés, 2-1; Atlético - Cascais, 10-0; Casalense-E. Amadora, 0-3; Estoril-Oeiras, 5-0; Sporting-Belenenses, 3-0.

Série B — Alhandra-Malveira, 0-0; Oriental-Vitória, 4-0; Bucelense-Sacavenense, 3-3; Torriense-Benfica, 0-2; Odivelas-Alverca, 1 3; D. Olivais-Loures, 0-2

«Distrital» de juvenis

Resultados dos jogos da terceira jornada do «Distrital» de juvenis, disputados esta manhã:

Série A — Olivais-Belenenses, 0-4; Cascais-Oeiras, 2-5; Dafundo-Algés, 0 5; Vitória-Estoril, 0-1; S. L. Aguias-Carcavelos, 0-8.

Série B — Águias Operário, 1-1; Lusitano-Sintrense, 0-8; E. Amadora Cacém, 3-1; Mem-Martins - Sporting, 0-4; Oriental-Boa-Hora, 0-0.

Série C — Benfica-Torriense, 11-1; Vialonga-Vila-franquense, 2-2; Sacavenense-Prior Velho, 1-1; Alverca-Azambuja, 3-0; Alhandra-Santa Iria, 1-0.

Série D — Rio de Janeiro-Bela Vista, 2-0; Palmense-Casa Pia, 1-0; D. Olivais-Atlético, 1-3; Loures-A. Campolide, 7-1; F. Benfica-Cascalheira, 5-0.

JUDO

A equipa «C» do Judo Clube venceu a «Taça de Portugal»

No «dojo» do Judo Clube de Portugal e com a participação de sete equipas, totalizando quarenta e dois judoeas, disputou-se a «Taça de Portugal», em judo.

Competiram a C. U. F., o Clube de Judo de Lisboa, o Centro Especial n.º 1 e o Judo Clube de Portugal, este com quatro equipas.

Ficaram apuradas para as meias-finais as equipas do Judo C. P. «C», «B» e «D» e a do Clube de Judo de Lisboa. Combateram J. C. P. «C» contra J. C. P. «D» e C. J. L. contra J. C. P. «B» chegando á final as equipas «C» e «B», que venceram, respectivamente, por 5-0 e por 4-1, os seus adversários.

As equipas finalistas alinharam:

J. C. P. «C» — Bastos Nunes, Serge Araujo, Francisco Aguiar, Carlos Oliveira, André Ferreira e José Farias.

J. C. P. «B» — Carlos Beirão, Alfredo Laranjinha, João Raimundo, José Negrão, Joaquim Gonçalves e Carlos Porfírio.

Bastos Nunes venceu Carlos Beirão por falta de comparência e todos os restantes da sua equipa ganharam por «ippon».

Os combates mais animados foram os travados entre André Ferreira e Joaquim Gonçalves e Serge Araujo contra Alfredo Laranjinha.

A taça e medalhas para o finalista vencedor foram entregues por Kobayashi e ao do vencido por João Taborda.

Como a «Taça de Portugal» e é disputada em escada, foram atribuídas taças e medalhas aos terceiros classificados, isto é, aos dois semifinalistas vencidos, entrega a que procedeu Joaquim Barata.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º, J. C. P. «C»; 2.º, J. C. P. «B»; 3.º, Clube Judo de Lisboa e J. P. C. «D».

ACTIVIDADES DA F.N.A.T.

Começou, em Lisboa o 28.º Campeonato Nacional de Futebol

Com a participação de 39 equipas, sendo 12 de 1.ª categoria e 27 de 2.ª, começou ontem a disputar-se e prosseguiu hoje o 28.º Campeonato Nacional de Futebol (distrito de Lisboa).

Até á hora de fecharmos esta notícia apuraram-se os seguintes resultados:

1.ª categoria

T.A.P.-F. N. Munições	3-3
C. Condes-Telefones	0-4

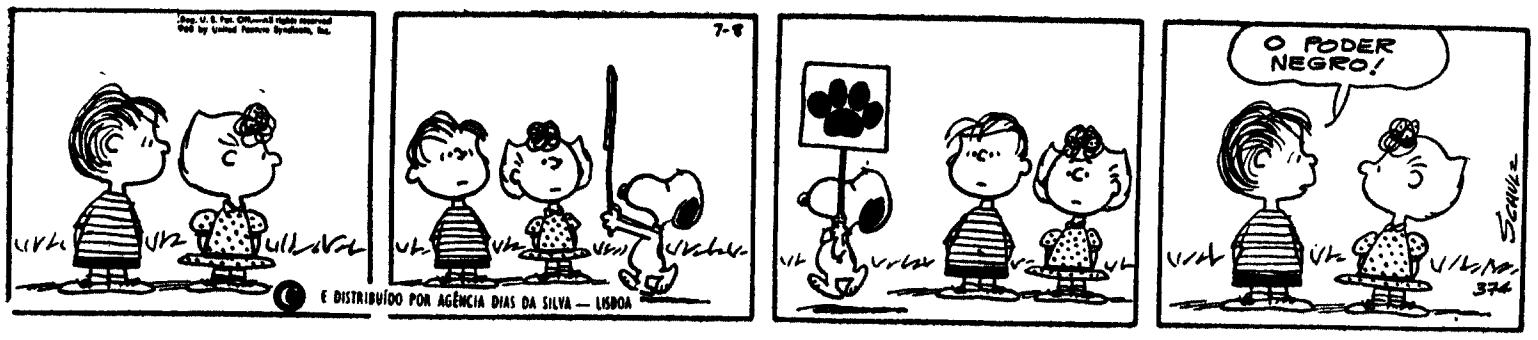
2.ª categoria

C. G. Depósitos-B. E. Santo	1-2
B. Agricultura--B. F. & Burnay	3-2
B. Alentejo-B. T. Aliança	1-6
Edifer-Sociedade Geral	3-1
O. G. Fardamentos--Term. Portuguesa	3 1

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

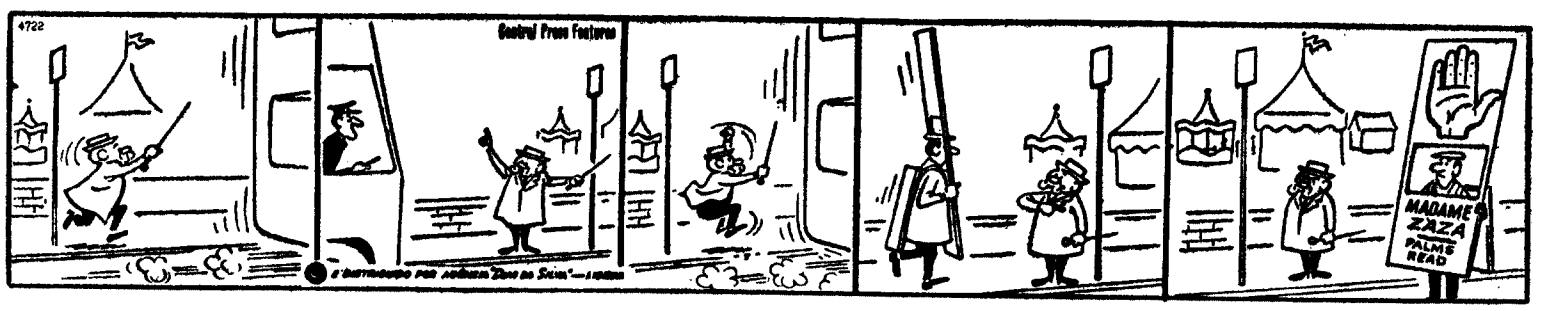
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

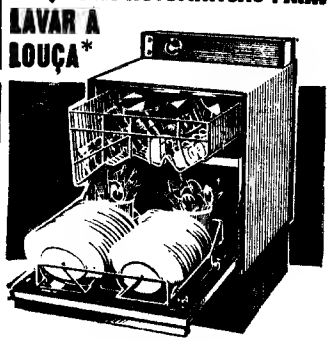


HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», na sua edição de 19 de Outubro de 1939, publicava a seguinte notícia:

«O sr. ministro da Educação Nacional nomeou presidente do Conselho de Administração da Caixa de Previdência do referido ministério para o biénio 1939-41 o professor [illegible] Caetano.»

PEUGEOT
MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR A LOUÇA*



100% Automáticas
100% Aço inoxidável
*Com capacidade para um serviço completo de 8 pessoas
PEUGEOT
a qualidade que não se discute
SABEL
Rua de D.Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta.Catarina,1209-PORTO

Nas CALDAS DA RAINHA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Estabelecimento de Pedro Franco.

Palavras cruzadas

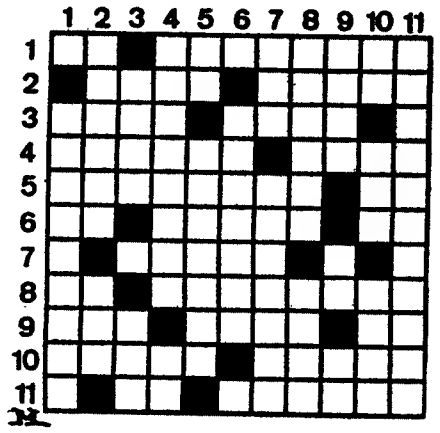
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5332

HORIZONTAIS: 1 — Caminhe. Grosso e arredondado. 2 — Pez negro. Enrubescer. 3 — Nome do sinal de adição. Perversos. 4 — Poesia consagrada ao luto e á tristeza. Depressão ou planície entre montes. 5 — Ruminar. Prefixo de negação. 6 — Segundo. Fora do tempo. Apelido. 7 — Contestar. 8 — Carta de jogar. Forreta. 9 — O qual. Congelar. Sufixo que designa acção, resultado dela, agente. 10 — Inflamação das gengivas. Jamais. 11 — Apenas. Ferros curvos para abrir fechaduras.

VERTICAIS: 1 — Saia de balão. 2 — Parti. Meio-dia. 3 — Escamecem. Aqui está. 4 — Remissões. Porco. 5 — Pronome pessoal. Introdução. 6 — Espécie de franja, semelhante á rede dos bolsas de caça. 7 — Escavada. Nome de mulher. 8 — Antiga residência real, hoje museu artístico de Paris, um dos mais ricos do Mundo. Interjeição que imita o som de pancada ou queda. 9 — Nome de duas constelações boreais. Avistei. Descoberto. 10 — Oferece. Lírio. Planta narcótica sul-americana de onde se extrai a cocaína. 11 — Determinadoras.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5331

HORIZONTAIS: 1 — A. Enevoados 2 — Rim. Cálculo. 3 — Anaco. HOMEM. 4 — Mana. Dama. 5 — Camide. Br. 6 — Tô. Bizet. Rã. 7 — Toneladas. 8 — Atingia. IV. 9 — Manáus. Paus. 10 — Iate. POBRE. 11 — Assomo. Soar.

VERTICAIS: 1 — Anam. Toam. 2 — Inaco. Tais. 3 — Emana. Tinas. 4 — Carbonato. 5 — Eco. NINGUÉM. 6 — Vá. Dizeis. 7 — Olhadela. 8 — ACOMETA. Pôs. 9 — Duno. Diabo. 10 — Olé. Bravura. 11 — Sombras. Ser.

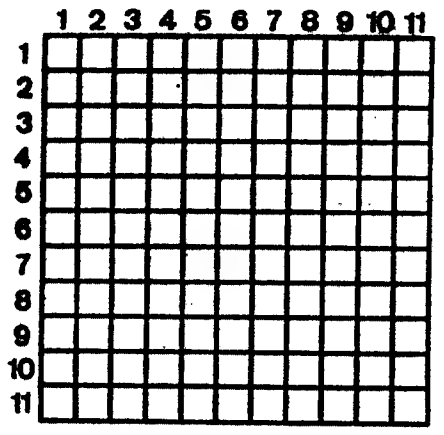
(Provérbio: A HOMEM POBRE NINGUÉM ACOMETA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9175

HORIZONTAIS: 1 — Republico da América Central, entre a Costa Rica e Honduras. 2 — Artigo definido. Cilada. Nome de mulher. 3 — Cabelos brancos. Amimara. 4 — Combina. Peleja. 5 — Usava. Berilo (s. q.). 6 — Cidade da Ucrânia. Agora. 7 — Érbio (s. q.). Marcada com ferro em brasa. 8 — Cobertura. Equipo. 9 — Tirara proveito. Aqui está. 10 — Termo. Parte inferior. Artigo definido. 10 — Molestassem

VERTICAIS: 1—Cidade da Arábia. Título turco dado aos oficiais superiores do exército. Nota musical. 2 — Temperar com sal. Instrumento para encurvar as calhas das linhas férreas. 3 — Fechar as asas para descer mais depressa. Lago de Itália. 4 — Caminhar. Campeão. Executa. 5 — Um cento. Calcara os pés (Prov.). 6 — Acrescentara. Invulgares. 7 — Transferir. Suspiros. 8 — Prende. Deusa da Lua entre os Egípcios. Nome de letra. 9 — Produz. Pessoa gorda. 10 — Nome de fruto. Rugia. 11 — Em partes iguais. A mais velha das vestais. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.

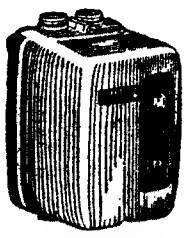


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9174

HORIZONTAIS: 1 — Acaso. Sertã. 2 — Saim. Seis. 3 — Sia. Pôr. Imã. 4 — Or. Celas. Ro. 5 — Aoros. Saíra. 6 — Er. In. 7 — Porto. Adogo. 8 — An. Arena. Ri. 9 — Rói. Elo. Mar. 10 — Iear. Bata. 11 — Samos. Balão.

VERTICAIS: 1 — Asseoa. Paris. 2 — Cairo. Anosa. 3 — Ala. Rier. Iam. 4 — Sm. Carta. Ro. 5 — Pés. Are. 6 — Rol. Ela. 7 — Ras. Anto. ás. Saída. Ba. 9 — Rei. Ina. Mal. 10 — Timor. Grota. 11 — Asara. Airão.

NÃO COMPRE
Aparelhagem eléctrica Téléménanique se só pretende o que é mais barato.
COMPRE porém
Téléménanique
se a sua preocupação é economizar adquirindo qualidade a bom preço.



Os contactores-disjuntores e arrancadores automáticos Téléménanique são equipados com relés diferenciais. *Os únicos que protegem totalmente os motores contra falta de fase ou sobrecarga.*

Telemec R. D. Estefânia, 32-3.º Dto. Lisboa Tel. 51486
Av. da Boavista, 301 Porto Tel. 64611

HOROSCOPO

pelo astrólogo HORUS

PARA O PERÍODO DE 19 A 25 DE OUTUBRO

ARIES

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR — Não resolva os seus casos sentimentais e probelmas familiares com brusquidão. O momento requere calma e não impulsivamente. Todas as contrariedades que surgirem solucione-as com paciência Mau para experiências psíquicas. **DINHEIRO** — Equilibre hábilmente o orçamento, pois não haverá grandes possibilidades financeiras. Cuidado com as novas empresas e aventuras arriscadas. Não reme contra a maré e procure fazer uma vida sóbria. **PROFISSÃO** — Um período vulgar sem nada de especial digno de menção. Use de reflexão antes de tratar de qualquer assunto de interesse profissional. Notável actividade nas suas ocupações, mas ao mesmo tempo, certas dificuldades nas mesmas. **SAÚDE** — A disposição nesta altura não será muito boa. Andará pouco sociável e notar-se-á algum nervosismo.

TAURUS

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR — A família opor-se-á aos seus desejos. Dissimule os seus sentimentos e proceda mais discretamente, pois uma pequena contrariedade espreita-vos. Recomenda-se calma e reflexão nos actos e nas palavras. **DINHEIRO** — Tempo impróprio para tratar de assuntos relacionados com o dinheiro. É contra-indicado investir capitais em quaisquer empreendimentos, pois o período é insignificante, pelo que não merece a pena esforçar-se demasiado. **PROFISSÃO** — Profissionalmente a semana decorrerá serena Não é favorável ao grande desenvolvimento nas ocupações. Entretanto, conclua os assuntos que tenham ficado parados pela força das circunstâncias. Não trate de associações nem de casos jurídicos e sociais. **SAÚDE** — O período é susceptível de pequenos aborrecimentos sem importância, o que equivale dizer que serão dias normais.

GEMINI

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR — Embora se observe uma pequena descida da boa influência astrológica anterior, continua a desfrutar, ainda de alguns momentos felizes na vida sentimental, familiar e social. Aproveite-os. **DINHEIRO** — Apesar da semana ser um tanto benéfica às finanças, é conveniente não prodigalizar. Pouco a pouco ponha os seus trabalhos em ordem e mantenha-se à altura da sua especialidade. **PROFISSÃO** — A semana é favorável ao bom desenvolvimento, mas uma vez atingido tal nível, convém não ir mais além. Isto é, dê uma boa média e depois estabilize. Não procure fazer muito e variado ao mesmo tempo. **SAÚDE** — Vigie a saúde; principalmente, torna-se conveniente controlá-la bem ao final da semana.

CANCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR — Poderá encontrar no seu meio profissional uma pessoa que desempenhe um papel importante na sua vida afectiva. No quadro familiar evite, tanto quanto possível, as dicussões inúteis. **DINHEIRO** — Excelentes influências para o período financeiro; igualmente favorável para obter apoios e protecções de qualquer natureza. Boas perspectivas para tudo o que se refira à sua actividade profissional e aos ganhos a ela referentes. **PROFISSÃO** — Poderá fazer progressos e em tudo o que se refira aos assuntos profissionais. A tenacidade e consciência que utiliza na execução do seu trabalho permitir-lhe-ão atingir os seus objectivos. **SAÚDE** — O estômago e o sistema respiratório são os órgãos que deve vigiar com mais atenção durante este período.

LEO

(Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR — As influências astrológicas aconselham calma. Evite de qualquer forma as divergências sentimentais, e os atritos com a família, que darão mau resultado e com perigo de consequências futuras. Ponha toda a sua subtileza em acção. **DINHEIRO** — No que se refere a dinheiro as coisas não tomarão o caminho que pretende. Surgirão problemas de difícil solução ou de interesse tardio. Cuidado com prejuízos. **PROFISSÃO** — As viagens que tiver projectadas em missão profissional não são desfavoráveis desde que sejam bem ponderadas. Evite fazer negócios duvidosos ou de escrupulo; porque podem criar-lhe situações embaraçosas. **SAÚDE** — Tenha o máximo de cuidado na alimentação que ingerir, pois o fígado ameaça sentir-se. Cuidado com a sua saúde.

VIRGO

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR — Semana benéfica às questões familiares, aos problemas sentimentais e ao estreitamento dos laços de amizade. Altura propícia para realizar mudanças de residência, bem como a pequenas deslocações com o fim de patentear a sua estima a parentes e amigos íntimos **DINHEIRO** — Resultados financeiros que se aproximam do seu valor real, e com tendência a maior expansão mercê da sua actividade individual. **PROFISSÃO** — Vá estudando cuidadosamente os projectos que tiver em mente. Pràticamente os seus assuntos profissionais não irão muito além do âmbito da preparação. Não haverá acontecimentos extraordinários, tudo se passará normalmente. **SAÚDE** — O aspecto físico decorrerá benigno. Os nascidos sob este signo que se encontram enfermos notarão sintomas de melhoria.

LIBRA

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR — Disposição exaltada no domínio amoroso. Ao tratar dos seus casos sentimentais proceda com mais amabilidade, e no convívio doméstico seja mais acessível e contemporize tanto quanto possível, de contrário será preferível isolar-se para não inquietar os seus. **DINHEIRO** — Se souber aplicar a prodigiosa intuição que os outros lhe concedem neste período, novas fontes de receita aparecerão e, consequentemente, terá uma semana muito progressiva financeiramente. **PROFISSÃO** — Tempo propício para tomar decisões com vista a um futuro mais próspero. Os negócios de exploração estão bem favorecidos Procure promoções e tente elevar-se na vida profissional que tem presentemente. **SAÚDE** — Restabelecimento progressivo dos males que o têm apoquentado Os que sofrem do coração terão uma certa melhoria.

SCORPIUS

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR — Alegrias e momentos agradáveis alternados com outros dias de tristeza e má disposição, eis o que lhe reserva esta semana o planeta Vénus. Procure ter resignação; imponha as suas concepções e triunfará sobre a adversidade. **DINHEIRO** — Andamento lento nos casos de dinheiro. Prepare-se para uma actividade financeira quase nula Em consequência dos meios serem limitados modere as suas exigências. **PROFISSÃO** — Continue com o que tiver e não queira acumular mais responsabilidades, para não arranjar dificuldades. Procure conhecer as intenções dos seus interlocutores. **SAÚDE** — A neurastenia apoderar-se-á de si. Reaja e procure não se impressionar excessivamente com os acontecimentos.

SAGITTARIUS

(Para os que nasceram de 22 Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR — A felicidade sorrir-lhe-á em todos os assuntos de amor. Propício para manter interessados os seus problemas sentimentais. Justifique a sua fidelidade e tome resoluções perdoáveis. **DINHEIRO** — Os colaboradores serão preciosos e tentam dar a sua ajuda. É um bom período para se aproximar deles. Siga a sua consciência e proceda com correcção. **PROFISSÃO** — Deixe correr a sua vida profissional na forma do costume. Se pretender seguir novas directrizes é conveniente orientar-se por intermédio de opiniões de pessoas entendidas no assunto e de idoneidade comprovada **SAÚDE** — Proteja-se contra a humidade e excessos físicos

CAPRICORNIUS

(Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR — Não haverá alteração na sua vida afectiva, relações sociais e vida doméstica. Deixe passar a semana sem criar embaraços e não faça qualquer alteração no seu comportamento transacto. **DINHEIRO** — Não seja sentimental e defenda os seus interesses. Terá ganhos. O que fizer, as voltas que der e as medidas que tomar darão resultado. Faça uso da sua psicologia. **PROFISSÃO** — Terá boa intuição para aumentar e desenvolver o seu mister profissional. É favorável às novas responsabilidades. Vencerá, mas tome plena consciência dos seu deveres. Redobre de coragem e vá até ao fim. Receberá a recompensa merecida. **SAÚDE** — Propensão a ataques de resfriados, especialmente na região ombral e na garganta.

AQUARIUS

(Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR — Redobre de atenção com as suas preocupações sentimentais. Não alimente sentimentos obstinados e faça a diligência para que a vida doméstica decorra satisfatóriamente. Não tente fazer modificações. **DINHEIRO** — Período fraco no que se refere a finanças. Terá de enfrentar dificuldades, o que conseguirá, mas imponha-se uma disciplina orçamental. **PROFISSÃO** — Deixe correr os seus assuntos suavemente, não tentando introduzir melhoramentos de vulto. Cuidado com as novas ideias que podem redundar em fracasso. Seja claro e explícito. **SAÚDE** — Gozará de saúde, pois nada de anormal se observa para este período.

PISCIS

(Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR — O aspecto sentimental está bem favorecido às benéficas influências deste período semanal. Bom para as amizades e prometedor nas relações familiares e sociais. Prossiga no seu objectivo com sinceridade e descobrirá a pessoa capaz de compreender os seus sentimentos. **DINHEIRO** — Aproveite as circunstâncias para agir financeiramente, pois está num bom período para obter dinheiros. Poderá ver realizadas algumas das suas esperanças. **PROFISSÃO** — Está sob boas influências para desenvolver e para resolver a sua situação. O imprevisto mostrar-se-á favorável às suas iniciativas. A semana é propícia aos assuntos ou preocupações intelectuais. **SAÚDE** — Os brônquios podem trazer-lhe preocupações. Cuidado!

Horus

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTRÓLOGO

Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM, um NEGÓCIO IMPORTANTE? Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 19 H.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef. 72 41 62 — LISBOA

SEMINÁRIOS DE BIOLOGIA NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Nas manhãs de sábado, durante o período de 8 de Novembro a 13 de Dezembro de 1969, realizar-se-ão no Centro de Biologia da Fundação Calouste Gulbenkian (Oeiras), seminários de Biologia dedicados a estudantes do ensino universitário.

Cada seminário efectuar-se-á das 9 e 30 ás 12 e 30 e constará de uma introdução teórica sobre o assunto em foco e demonstração e execução dos métodos utilizados.

Já se encontra programada a realização dos seguintes seminários: 8 de Novembro — 1) Microscopia de contraste de fase e microscopia de fluorescência; 2) Fundamentos e aplicações das técnicas cromatográficas (1.ª sessão); 15 de Novembro — 1) A cultura de tecidos em Virologia; 2) Fundamentos e aplicações das técnicas cromatográficas (2.ª sessão); 22 de Novembro — 1) Técnicas de microscopia electrónica em Biologia; 2) Criação de animais de laboratório (visita ao Biotério); 29 de Novembro — 1) Organização ultrastrutural da célula; 2) Manipulação de animais de laboratório; 6 de Dezembro — 1) Separação de fracções celulares; 2) Cinética do crescimento celular; 13 de Dezembro — 1) Tumores induzidos por vírus; 2) Obtenção e estudo da actividade de enzimas.

O número de participantes admitidos é variável mas sempre limitado (10 a 20). Se o numero de inscrições o justificar, repetir-se-ão ulteriormente alguns dos seminários agora previstos.

As inscrições podem ser feitas até ao dia 31 de Outubro de 1969, pelo telefone 2431454 das 14 h. ás 17 e 30, todos os dias excepto sábados, ou por escrito para. Seminários de Biologia, Laboratório de Biologia Celular. Instituto Gulbenkian de Ciência, Oeiras.

Os interessados devem indicar o nome, faculdade e ano, morada e numero de telefone.

Os candidatos a seminários que se realizam no mesmo dia. devem indicar aquele a que dão prioridade.

Militares falecidos em Angola

LUANDA, 19 (L.) — Faleceu em Angola, por doença, o soldado n.º 04755267, Leopoldo da Silva Loureiro, natural de Vila Nova de Famalicão, filho de Augusto Loureiro e de Olívia Frutuoso Silva.

Também em Angola faleceu, por desastre, o soldado n.º 06644467, Carlos Alberto Ferreira Marques, natural de Braga, filho de José Marques e de Ana Couto Ferreira.

CACILHAS

João Eugénio Guimarães dos Reys Santos

(Comandante Guimarães)

FALECEU

Irene de Sousa da Silva Reys Santos e filhos, Berta Guimarães Santos, irmãos, cunhados, sobrinhos, tios, sogros e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações o falecimento ocorrido em Lourenço Marques, em 14/9, do seu extremoso marido, pai, filho, irmão, cunhado, tio, sobrinho, genro e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 17.30 horas, da Igreja Nova de Almada, para jazigo de família, no cemitério local. Ás 17 horas é celebrada missa de corpo presente no referido templo.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
Telef. 270132

CACILHAS

João Eugénio Guimarães dos Reys Santos

(Comandante Guimarães)

FALECEU

PASTELARIA DRAGÃO VERMELHO, LDA. (de Almada), participa a todos os seus fornecedores, clientes e amigos, o falecimento do genro do seu Sócio-Gerente sr. João Izidoro da Silva, e que o funeral se realiza amanhã às 17.30 horas da Igreja Nova de Almada, para jazigo de família no cemitério local. As 17 horas é celebrada missa de corpo presente no referido templo.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
TELEF. 27 01 32

DE COIMBRA

Recepção ao bispo auxiliar

O sr. D. Alberto Cosme do Amaral que hoje principiou o seu munus episcopal na diocese de Coimbra, como auxiliar do sr. D. Francisco Rendeiro, foi aguardado, a meio da tarde, na Mealhada, limite norte da diocese, onde recebeu os cumprimentos do prelado, de vários membros do cabido e de muitas pessoas que ali se deslocaram.

Na Sé Nova, celebrou D. Alberto Cosme do Amaral a missa da Concentração Diocesana de Catequistas.

O bispo auxiliar, que passará a presidir ás reuniões do clero, visitará com esse fim, até ao fim do mês e acompanhado pelo sr. D. Francisco Rendeiro, os seguintes arciprestados: Galizes, dia 22; Arganil, dia 22; Figueira da Foz, dia 23; Pampilhosa da Serra, dia 25; Cantanhede, dia 27; Casa dos Retiros de Coimbra, dia 27; Avelar, dia 28; Pombal, dia 28; Luso dia 29; e Soure, dia 29.

NOVAS VIATURAS TÊM OS BOMBEIROS DE CANTANHEDE

CANTANHEDE, 19 — Com uma festividade em que estiveram presentes trinta e uma corporações congéneres, a maioria do distrito de Coimbra, mas vindas de diversas terras do País, a benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Cantanhede inaugurou um autotanque pronto-socorro de nevoeiro e uma nova auto-ambulancia para os serviços de saude, dispondo agora de sete unidades de bom material.

Depois da cerimónia inaugural, houve desfile de cerca de 400 bombeiros e mais de meia centena de viaturas pelas ruas e seguiu-se uma sessão solene no salão nobre dos Paços do Concelho, presidida pelo sr. eng.º Horácio de Moura, governador civil do distrito de Coimbra, e estiveram presentes o presidente da Camara Municipal desta vila, sr. dr. Santos Silva; o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, sr. Moura e Silva; o inspector de Incêndios da Zona Norte, sr. tenente-coronel Alexandre Magalhães, e outras entidades. Foi orador oficial o sr. David Cristo e usaram da palavra outros oradores.

O CHEFE DO FBI VAI DEMITIR-SE?

WASHINGTON, 19 — (A. N. I.) — Edgar Hoover, o homem que há 45 anos dirige o F. B. I. (Federal Bureau of Investigation) completa 75 anos no próximo dia um de Janeiro.

Recentemente, os boatos da demissão de Hoover voltaram a surgir quando se soube que o general Lewis Hershey, de 76 anos, tinha sido exonerado do seu cargo de chefe dos serviços de recrutamento. Surgiu espontanea a pergunta: «Será Hoover o próximo?»

O F. B. I. desmentiu repetidamente que Hoover «tivesse quaisquer planos para se demitir do cargo.» Tanto o presidente Nixon como o ministro da Justiça, John Mitchell, têm por ele a mais alta consideração e, presentemente, não há grande insistência do publico para a sua substituição.

Todavia, pode também acontecer que Hoover aguardasse justamente que homens como Nixon e Mitchell assumissem o poder, para se retirar, confiando que estes nomearão para o seu lugar o sucessor mais conveniente e capaz.

Desde que o general Eisenhower terminou o seu mandato, em 1958, nunca Hoover se dera tão bem com um governo como com o actual. No dia do seu próximo aniversário completam-se cinco anos sobre o limite de idade com que, normalmente, se teria reformado.

Foi o antigo presidente Lyndon Johnson quem assinou uma concessão especial que lhe permitiu continuar na chefia do F. B. I.

Interesse do Lions Club de Coimbra pela Casa de Infância Doutor Ilísio de Moura

O Lions Club de Coimbra iniciou agora a sua actividade para um novo ano. Numa recente reunião, o seu presidente, sr. eng. Garcia Reis, expôs o plano de trabalhos para 1970.

Assim, entre todas as iniciativas daquela organização, foi proposto dedicar-se a maior atenção e carinho á Casa da Infância Doutor Elísio de Moura, como uma das mais importantes obras sociais da cidade e que dela desfruta grande carinho. O governador-geral do distrito português, sr. eng.º Alves Ferreira, usando da palavra, pôs em relevo a surpreendente actividade já desenvolvida pelo Lions Club de Coimbra, referindo-se especialmente ao campo internacional e a toda a acção que compreende o mesmo anseio de melhorar a compreensão entre os homens.

Ainda não apareceram os causadores do acidente na Avenida Gago Coutinho

Continua a P. S. P. as investigações tendentes á identificação e descoberta dos ocupantes (condutor e acompanhantes) do automóvel com a matrícula GB-44-69 que após um acidente por eles provocado, na noite passada, na Avenida Almirante Gago Coutinho, fugiram, deixando o veículo avariado.

Foi cerca das 23 horas que aquele veículo embateu na retaguarda de um que seguia á sua frente, quando descia aquela artéria em direcção ao Areeiro. O choque, violento, fez rodopiar o carro colidido vindo a ficar em sentido inverso do que levava, ao passo que o veículo que originou o acidente, com a frente destroçada, ficou imobilizado mais á frente, atravessado na via.

Com espanto dos circunstantes, os ocupantes daquela viatura fugiram rápidamente do local, abandonando aquela. Do automóvel atingido, o seu proprietário, sr. Januário do Espírito Santo, de 51 anos, residente na Rua Jacinto Nunes, 23, 1.º, Dto. teve de receber, no Hospital de S. José, tratamento a ferimentos superficiais. Foi, aliás, o unico dos quatro ocupantes daquele veículo que ficou lesionado.

Tomou conta da ocorrência a esquadra da P. S. P., no Areeiro. Admite-se que o automóvel cujos ocupantes fugiram tenha sido utilizado abusivamente. Pertence ao sr. Luís Venancio Baptista Albuquerque Amaral, residente até há um mês na Amadora, esta, manhã não havia ainda, porém, queixa sua quanto ao desaparecimento do veículo.

ELOS CLUBE DO RIO DE JANEIRO

Na sétima reunião da Convenção Internacional do Elismo, realizada no Rio de Janeiro, foram eleitos vice-presidentes do organismo o sr. general Raul de Castro, comandante da G.N.R., por Portugal; e o brigadeiro Augusto Teixeira Coimbra, pelo Brasil.

Tambe foi eleito director internacional, para Portugal, o dr. Manuel Martins da Cruz.

Nesta sétima reunião da Convenção Elista, estiveram presentes 13 unidades espalhadas no Brasil e em Portugal, sendo presidida pelo sr. Augusto Maggessi Pereira, que se fez secretariar pelo banqueiro Jaime Palma, encontrando-se presente, entre outros, o dr. Negrão de Lima, governador do Estado de Guanabara.

Entre outras foram apresentadas três comunicações do maior interesse para as relações luso-brasileiras.

Inaugurado em Góis pelo ministro da Educação um edifício escolar

GOIS, 19 Sob a presidência do ministro da Educação Nacional e com a presença de autoridades distritais e concelhias, além doutras entidades e muito povo, foi inaugurado, esta manhã, o edifício onde funciona o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, mandado construir pela Casa do Concelho.

Foi sublinhado, durante a cerimónia, o valor deste melhoramento e o que ele significa de dedicação e benefício para esta localidade.

Mais tarde, na Associação Educativa e Recreativa, foi oferecido um almoço áquele membro do Governo.

A POLÍTICA DA 3.ª IDADE
PEDIDA A INTEGRAÇÃO SOCIAL DOS IDOSOS

O Seminário sobre Política da 3.ª Idade terminou os seus trabalhos levados a efeito na Direcção-Geral da Assistência.

Na sessão final foram aprovadas as seguintes conclusões (provisórias):

1 — Verifica-se o envelhecimento progressivo da população portuguesa; embora menos acentuado do que noutros países europeus. No entanto, a sua amplitude presente (8% do total da população) e e prevista (10% para 1980) é de molde a exigir, desde já, a átenção dos responsáveis pela política social.

Dado que o envelhecimento de uma população se deve fundamentalmente a razões de ordem demográfica, nomeadamente ao abaixamento de taxas de natalidade, a política da 3.ª idade deverá assentar no volume de pessoas que constituem este grupo, que se identifica por: uma situação de inactividade e, por conseguinte, sem rendimento de trabalho; existência de necessidades específicas, resultantes do estado de saude física e psíquica; e dificuldades de integração social.

2 — A política da 3.ª idade dependerá, em grande parte, da imagem que a sociedade fizer dos idosos e do seu papel na vida social. Se é de evitar a existência duma gerontocracia (entrave no progresso e dinamismo social, importa, no entanto, reconhecer a vantagem de um tipo de integração social dos idosos que lhes assegure o desempenho de um papel activo na sociedade (actividade profissional e cívica adequada ás potencialidades da respectiva idade).

Reconhece-se a existência de tarefas para cujo desempenho se poderá recorrer com vantagem ás pessoas idosas.

3 — A fixação de uma idade-limite para a reforma pode ocasionar: um desajustamento, face ás situações concretas de capacidade dos idosos; uma sobrecarga evitável de custos sociais; e insatisfação psicológica para as pessoas dessa idade que se julgam, ainda, com possibilidades de dar á sociedade um contributo util.

Assim, parece de recomendar um sistema atenuado que, firmando uma idade determinada admite que a reforma só se efective a pedido do próprio ou da entidade patronal, e com rectificação de uma autoridade sanitária.

4 — Deve constituir princípio o objectivo a longo prazo de uma política da 3.ª idade, a tornar possível á população inactiva (idosa) um nível de vida semelhante ao da população activa, o que significa que se opere em cada momento uma repartição do rendimento nacional que tenha em conta o grupo dos inactivos.

5 — Entre as necessidades específicas dos idosos, mereceram particular atenção as que se referem á habitação, saude e lazeres.

6 — Dada a extrema penuria dos recursos actualmente existentes das entidades que têm a seu cargo a protecção social dos idosos, interessaria definir um critério de prioridades a seguir na satisfação das necessidades.

7 — Reconhecendo-se a multiplicidade de entidades que se ocupam da população idosa, e, bem assim, o grau insatisfatório da cobertura das necessidades, importaria assegurar uma melhor coordenação de esforços e, também, forçar uma solução que permitisse ainda uma articulação com outros Ministérios encarregados dos diferentes ramos de política social, de forma que, nas várias políticas sectoriais os idosos, fossem considerados como um grupo com necessidades específicas.

ASSEMBLEIA GERAL DA EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA, SARL

Sob a presidência do sr. dr. Henrique Pimentel Saraiva em representação da CHENOP, e secretariado pelos srs. Alberto Fonseca Figueiredo e eng.º José Lima Sousa Pinto, que representavam, respectivamente, a Empresa Carbonífera do Douro e a Hidro Eléctrica Portuguesa, realizou-se anteontem, 17 do corrente, ás 15 horas no Porto, na sede social da empresa, a assembleia geral extraordinária da Empresa Termoeléctrica Portuguesa para deliberar sobre a fusão da sociedade com a Companhia Nacional de Electricidade, Hidro Eléctrica do Cávado, Hidro Eléctrica do Douro e Hidro Elétrica do Zêzere, nos termos do Decreto-Lei n.º 49 211 de 27 de Agosto findo.

Registou-se elevada afluência de accionistas — grandes empresas industriais, instituições da banca comercial, de companhias seguradoras, além de muitos accionistas individuais — assegurando a representação de 616 635 contos de acções, equivalente a 86 % do capital social.

Iniciados os trabalhos, o sr. presidente da assembleia geral, depois de apresentar os seus cumprimentos aos senhores accionistas, deu a palavra ao sr. eng.º Fernando Ivo Gonçalves, administrador por parte do Estado e presidente do Conselho de Administração, que apresentou em nome deste Conselho a proposta de fusão, precedida das considerações que a justificam.

Em apreciação da referida proposta, usaram da palavra os srs. António Brandão Miranda e Alcino Cardoso em representação, respectivamente, do Banco Português do Atlântico e Banco Pinto & Sotto Mayor que fizeram declarações de apoio á fusão.

Submetida á votação, foi a proposta aprovada por unanimidade

Foram também, em seguida, aprovadas por unanimidade as propostas relativas á designação dos mandatários para conduzir as negociações para a concretização da fusão e á escolha dos membros da comissão delegada á Assembleia Geral para apreciação das contas finais da empresa. Para o primeiro caso foram designados como mandatários o sr. eng.º Ivo Gonçalves, presidente do Conselho de Administração e o accionista da Sacor. A comissão delegada ficou constituída pelo presidente da Assembleia Geral, sr. dr. Pimentel Saraiva, pela Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova, Banco Pinto & Sotto Mayor, Caixa de Previdência e Abono de Familia da Industria do Distrito de Lisboa, Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos, Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais de Seguros e Caixa Sindical de Previdência do Pessoal das Industrias de Panificação, Moagem e Massas Alimentícias.

O sr. presidente da Assembleia Geral encerrou os trabalhos agradecendo a todos a forma construtiva como todos participaram nesta Assembleia Geral e fez votos pelas prosperidades do sector da produção de energia agora unificado na nova empresa, exprimindo a confiança que todos depositam nos mandatários cuja acção assegurará os melhores resultados.

MANUEL DA COSTA LOBO

Maria Amélia Couto Pinto da Costa Lobo, Maria Teresa da Costa Lobo Mascarenhas de Lemos e seu marido, Maria Isabel da Costa Lobo Pinto de Balsemão e seu marido, Maria Luísa da Costa Lobo Reymão de Nogueira e seu marido, Manuel da Costa Lobo, Maria da Glória da Costa Lobo Cardoso Mourão e Dr. Vasco Mourão, Luísa da Costa Lobo Cardoso, Eugénio da Costa Lobo Cardoso e sua mulher participam que será celebrada missa do 30.º dia na Igreja da Conceição Velha, pelas 18 e 30, por alma de seu querido marido, pai, sogro, irmão e cunhado.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceu em combate na província de Angola o soldado numero 60119966, João Manuel, do recrutamento da província, filho de Manuel Rodrigues e de Inês Pedro.

MORAM NUM PRÉDIO DA CÂMARA MAS A CÂMARA NÃO OS ACODE...

Da nossa leitora sr.ª D. Cremilde Nunes de Sousa recebemos esta carta:

«Venho pedir a V. que, através do jornal que dirige, torne público o seguinte:

Moro com meu pai, Mário Sezinando da Costa Nunes, num 1.º andar do prédio sito na Rua do Benformoso, 227, pertencente à Câmara Municipal de Lisboa. Desde o sismo de 28 de Fevereiro de 1969 que os moradores deste prédio pedem à Câmara providências relativamente ao estado em que o mesmo ficou — ausência de telhas em grande parte do telhado, o que faz com que a chuva consiga inundar os três andares, grandes fendas nas paredes, janelas abatidas parcialmente.

Chegados ao fim do Verão, durante o qual esperámos que o assutno fosse resolvido hoje, primeiro dia de chuvas, encontramo-nos com a casa invadida pelas águas, chovendo sobre os móveis, as nossas camas, os nossos aparelhos eléctricos, as nossas roupas. É de assinalar o facto de vivermos nós no primeiro andar. O que se poderá dizer das casas dos inquilinos do segundo e terceiro andares? Resta-me acrescentar que o meu pai tem 78 anos, necessitando de constantes cuidados médicos, repouso e tranquilidade à sua volta. Como conseguir esse repouso e essa tranquilidade com a chuva a cair-lhe em casa? Parece-me incompreensível que a Câmara deixe sem solução problemas que põem em perigo a saúde e os haveres dos moradores dos seus prédios.

Depois de todas as insistências que os inquilinos do prédio têm feito junto da Câmara, sem nada se conseguir tomei a resolução de escrever hoje mesmo, directamente, ao sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Tal como peço a V torne pública a situação em que nos encontramos assim pedirei, oportunamente, que me seja permitido tornar pública a resposta de S. Ex.ª»

Necrologia

FALECIMENTOS

Mota Pereira

Mota Pereira

Faleceu, na cidade de S. Salvador da Baía (Brasil), o cantor lírico português Mário Mota Pereira, nascido em Lisboa a 14 de Março de 1909.

Depois de se ter matriculado no Conservatório Nacional de Música, onde obteve o diploma do curso superior de violino, foi professor de canto coral do Liceu de Passos Manuel, de onde transitou para a secção musical da Emissora Nacional.

A fim de iniciar a sua carreira no estrangeiro, seguiu para Madrid, onde efectuou vários concertos, actuando, também, na ópera daquela capital, a convite de Miguel Fleta.

Regressado a Lisboa, fundou o Quarteto Vocal Português, que dirigiu durante dois anos e integrado no qual actuou nas principais cidades da Europa.

Cantou em Itália, Alemanha, Áustria e Polónia, junto de artistas consagrados como Toti del Monti, Gina Cigna, Carlo Tabliabue, Tito Schipa, etc.

No Brasil, país a que estava ligado por laços de amizade, dirigiu escolas de preparação de artistas no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.

Caetano José de Pinho

ESTREMOZ, 19 — Faleceu, nesta cidade, o sr. Caetano José de Pinho, industrial de mármore, casado com a sr.ª D. Elvira Paixão Godinho.

D. Teresa Machado de Sousa

VILA VERDE, 19 — Com 87 anos, faleceu, na Casa do Reguengo, desta vila, a sr.ª D. Teresa Machado de Sousa, viúva do sr. Josuíno Machado de Sousa. A extinta era mãe das sr.as D. Maria Arlete e D. Maria Fernanda, e dos srs. Luís Alberto e dr. Mário Machado de Sousa, médico no Porto.

D. Maria Luciana

MONTARGIL, 19 — Faleceu, nesta vila, a sr.ª D. Maria Luciana, viúva, de 57 anos.

ENCONTRO MUNDIAL DOS INDUSTRIAIS DA CONSERVA

Vai realizar-se em Marrakech (Marrocos), a partir de amanhã e até ao dia 23, o 1.º Encontro Mundial dos Industriais da Conserva, organizado pelo «Comité» Internacional Permanente da Conserva.

A esta manifestação, onde serão tratados problemas técnico-económicos da maior importancia para a actividade, estarão presentes delegações nacionais de grande numero de países produtores de conservas.

A delegação portuguesa é chefiada pelo eng.º Hélio Paulino Pereira, director do Instituto Português de Conservas de Peixe, que actualmente desempenha o cargo de presidente do «Comité» Internacional Permanente da Conserva e dela fazem parte o eng.º José Duarte Amaral, Presidente da Junta Nacional das Frutas, José de Oliveira Marques, presidente do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte; Filipe Nazaré Fernandes, presidente do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Centro; dr. Luís Matias Torres, chefe do Centro de Investigação Científica e de Técnica Industrial do I. P. C. P. e eng.º Alberto Rios Nunes Salvador, chefe do Laboratório de Tecnologia e Verificação Comercial da J. N. F.

o tecido ideal para os seus cortinados!

cortinados robilon Glass em fibra de vidro

porquê?

porque (como é óbvio...)

O vidro não deixa entranhar a sujidade, apenas a permite à superfície...

O vidro resiste à humidade...

O vidro é refratário ao míldio, e também não apodrece...

O vidro é o material de mais fácil lavagem...

O vidro nunca encolhe nem alarga.

O vidro nunca é passado a ferro...

O vidro é inflamável...

...e não menos importante, de cores extremamente resistentes aos efeitos solares

Sinceramente, será que os seus actuais cortinados lhe oferecem Todas estas garantias?

Tecidos para Decoração robilon Glass em fibra de vidro

À VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS DO GÉNERO

Para informações: RODRIGUES & BICHO, LDA./LISBOA 2

2.° PROGRAMA

«RECITAL», «TÚNEL DO TEMPO» E «TV CLUBE»

CERCA das 22 e 05, a pianista Maria Teresa Paiva interpreta a «Sonata em Ré Menor» de Carlos Seixas e a «Sonata em Ré Maior K 311», de Mozart, seguindo-se a exibição do episódio «A Arma Secreta», da série de ficção científica «Túnel do Tempo», com James Darren e Robert Colbert.

Os dois cientistas do «Túnel» são projectados no ano de 1956, a fim de descobrirem a finalidade da «Máquina do Tempo» construída por um cientista, inimigo dos Estados Unidos.

Carlos Belo, Sissi, Isabel Fontes e Natércia Barreto participam no «TV Clube» que se transmite, cerca das 23 e 20.

Além destes programas, o Emissor Regional transmite ainda a edição da noite do Telejornal e a rubrica «Portugal de hoje».

TARDE DE CINEMA —«O CAVALO BRANCO»

Uma vez aí, quando seguia numa diligência, esta é assaltada por um bando de ladrões, mas Joselito...»

«O Cavalo Branco» (El Caballo Blanco) é um filme com o famoso Joselito de há alguns anos. É apresentado a partir das 15 e 35 e foi inteiramente rodado no México.

O pequeno e famoso Joselito de há anos

Com Joselito contracenam António Aguilar, Sara Garcia e a encantadora Luz Maria Aguilar.

Esta película foi dirigida pelo conhecido realizador azteca, Rafael Baledón.

Joselito canta muitas e belas canções espanholas e mexicanas.

«Joselito empreende uma viagem, de Espanha até ao México.

Domingo Desportivo

Para o publico adepto do desporto, a RTP apresenta a rubrica «Domingo Desportivo» em duas edições.

A 1.ª é transmitida ás 17 e 15 e inclui os resultados do dia e ainda o boletim do Totobola. A 2.ª edição estará «no ar», pelas 23 e 50.

Programa Infantil

As camaras da RTP, saíram dos estudios e foram até á Escola Francisco Arruda, ai gravando o programa, que se transmite nesta tarde de domingo, cerca das 17 e 30.

Trata-se, pois, de uma rubrica viva e plena de interesse.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

TELE-RITMO

A SEGUIR à exibição de novo episódio do folhetim de produção francesa «Os Companheiros de Baal», será apresentado, cerca das 22 e 40 o programa de variedades n.° 4 «Tele-Ritmo», realizado por Luís Andrade, tendo como chefe de produção Melo Pereira.

Henrique Mendes, apresenta Zizi Jeanmaire, Rika Zarai, Margaret Savage, Mike Kennedy, Duarte e Ciriaco, Manuel de Almeida, Mara Abrantes, Grupo 5, Bossa Jazz 3, «Ballet» Sul-Americano, «Ballet» de Alberto Portilho e ainda o guitarrista Jaime Santos e o violista Martinho d'Assunção.

Os cenários são de António Casimiro.

Concerto

De Bach e Mozart, os «Solistas de Camara de Praga» interpretam, respectivamente, o «Concerto Brandeburguês n.° 3» e o «Divertimento em fá maior, K 318».

A realização deste programa, a transmitir cerca das 20 e 30, é de Henrique Pavão.

DESENHOS ANIMADOS: KIMBA

Pelas 15 e 10, é exibido o episódio «A Arvore do Sol» da série «Kimba» numa realização de Yamamoto. Temos que, desta vez, «Kimba» e Dan'l vão visitar um velho tio do Dan'l, Scratch, que vive na Arvore do Sol, a mais alta da selva, porém a árvore está velha e cairá com o primeiro temporal.

Nuffy, neto do Scratch, incita todos os animais a abandonarem a árvore, mas o velho recusa-se a partir...

PROGRAMA DE HOJE

I Pograma — Às 17 e 15: Domingo desportivo; 17 e 30: Programa infantil; 18 e 25: Folclore; 18 e 50: TV Rural; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Expedição; 20 e 15: Se bem me lembro; 20 e 30: Concerto; 20 e 55: Domingos da Europa; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: Folheti.m; 22 e 40: Tele-Ritmo; 23 e 50: Domingo desportivo; 0 e 15: Marcha do Mundo e Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 5: Recital; 22 e 25: Tunel do Tempo; 23 e 20: TV Clube; 23 e 45: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Juventude no Mundo; 20 e 5: Momento Desportivo; 20 e 35: Ao Serviço da Nação; 21: Imagens da Poesia Europeia; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: Zip Zip: 0 e 10: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 5: Sebastião entre os homens; 22 e 30: Se bem me lembro; 22 e 45: Concerto para jovens; 23 e35: Fecho

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 17 e 10: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 18: Domingo Desportivo; 18 e 15: Panorama musical; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 35: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica moderna; 20 e 40: O Espírito sobre as Águas, pelo rev dr Videma Pires; 21: Rádio desporto; 21 e 20: Escolha e diga; 22: Teatro das Comédias: «Não conte ao seu marido», original de Judith Navarro; 22 e 40: Conjunto de guitarras de Jorge Fontes; 23 e 05: Sol e Toiros; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 17: 3.° e 4.° actos da ópera «O Trovador» (Verdi); 18: Concerto de domingo (1.ª parte); 18 e 50: Crítica de Artes Plásticas, pelo dr. Fernando Pamplona; 19: Concerto de domingo (2.ª parte); 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de piano de Albeniz, por Rosa Sabater — Castelo; Maiorca; 20 e 30: A Orquestra «Zimbler String Sinfonietta», com o pianista Lukas Foss — Tema a quatro variações («Os 4 temperamentos») (Hindemith); 21: Recital de canto e piano por Helena Pina Manique e Maria Antónia Saldanha, preenchido com «Lieder» de Strauss sobre poemas de Clemens von Brentano; 21 e 18: Duo de violoncelo e piano; 21 e 30: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 22: Selecção da ópera «Troilus e Cressida» (William Walton) — intérpretes principais: Tenor Ridhard Lewis, soprano Elisabeth Schmarzkopf, meio soprano Monica Sinclair, Orquestra Filarmónica dirigida pelo autor; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.° Programa (MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 14 e 50: Musica Coral Sinfónica — Missa em honra de S. Nicolau (Haydn); 16: Obras de Bach; 16 e 30: Musica de piano; 17: Junção; 23: Ciclo Albinoni; 24: Musica sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — Às 19 e 10: Reabertura; 19 e 15: Noticiário; 19 e 20: Flash Back; 19 e 35: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 14 e 52: Tarde desportiva; 17: Noticiário e chave do totobola; 17 e 03: Domingo musical; 17 e 32: Variedades; 18 e 02: Musica pelo caminho; 18 e 45: Canções para si; 19 e 02: Fórmula 1; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Momento A. B. C.; 20 e 15: O comentador desportivo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Presença Singer; 21 e 03: Leitura; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e patriótica religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Pêndulo; 17: Noticiário e chave do totobola; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 2 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Go-Gó; 0 e 02: Em órbita-Dois; 1 e 03: Banda sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 14 e 52: Tarde desportiva; 17: Noticiário; 17 e 02: Auto-Rádio; 17 e 45: Musica e desporto; 18 e 01: Imagens de Portugal; 18 e 45: Página regional; 19 e 03: Conjunto; 19 e 15: Campeão português; 19 e 30: Boletim desportivo; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Viagens na nossa terra; 21 e 15: Imagens de Portugal; 21 e 30: A voz da esperança; 22 e 02: Selecção de ritmos; 22 e 15: A hora do templo; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 286 kc/s — Às 15 e 30: Onda desportiva; 18 e 05: Programa Carruagem; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Leitura do programa e Boletim do S. C. R.; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa variado; 22: Suplemento especial; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e 22 ás 2; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 14 e 30 ás 17; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 17 ás 19 e 30; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30 e 19 e 30 ás 22

canal da crítica

O IMPOSSÍVEL ACONTECE

Aquilo que ninguém julgaria possível, aconteceu. France de Vasconcelos voltou. Com ela, morreu mais uma esperança naqueles que sonharam uma séria viragem, pelo menos no domínio da decoração, conhecido como é o interesse de um cada vez maior número de pessoas.

Inumeros telespectadores vão pôr as mãos na cabeça e perguntar como foi possível. Podem perguntar. Ninguém lhes responderá. Não lhes restará outra oportunidade senão carregar no botão salvador — ou dispor-se a ver e ouvir para conquistar a sua dosezinha de sofrimento. Para nada mais — pois tudo o mais já sabe: que France de Vasconcelos não faz decoração: apresenta cadeiras e armarinhos; que procura disfarçar uma total incapacidade profissional com o palelo mais vazio que já se ouviu na televisão; que a apresentadora irresponsável se utiliza da rubrica para a sua propaganda pessoal — «basta dizer que na emissão de ontem empregou cerca de *30 vezes* a palavra *eu...*»; que a todo o momento dá provas de uma nulidade cultural ao nível da maior aflição pré-primária; a sua capacidade de expressão é de uma infelizmente agressividade ás leis gramaticais. Desde ontem, France de Vasconcelos obteve um notável diploma: a de ser a unica pessoa em Portugal que desconhece o carácter paroxitónico da palavra *caracteres*... France de Vasconcelos esqueceu-se de nos dizer qual o lugar que a gramática ocupa nos seus métodos de decoração...

Mesmo as pessoas menos habituadas a avaliar da utilidade decorativa do programa a cargo de France de Vasconcelos, não deixarão de avaliar a insensatez dos seus projectos.

Ontem, por exemplo, a apresentadora de «Momento de Decoração» «*resolveu pensar no seguinte problema*»: um casal tem dois filhos de 8 e 10 anos e habita num apartamento com duas divisões. Numa das divisões, o casal fez o seu quarto de dormir; na outra fez quarto de dormir dos pequenos e *living*. A «decoradora» não nos explicou onde é que o casal tomava as refeições. Passemos. Acontece que, na tal sala comum, os dois pequenos têm de dormir e de estudar num local que serve de sala de visitas... France não nos diz como é isso possível.

Dar respostas sensatas e soluções justas não a preocupa muito. France de Vasconcelos tem a leviandade de todos os ignorantes. A sua unica preocupação é *salvar-se como puder*, dizer seja o que for, como se as palavras pudessem resolver problemas postos pelos seus erros decorativos.

Repare-se no seguinte exemplo: no móvel utilizado no quarto dos dois pequenos, já em idade escolar, há uma unica escrivaninha. Solução de France: os dois irmãos revezam-se. Enquanto um escreve, o outro senta-se no sofá...

E passemos... Num quarto de dormir de dois pequenos em idade escolar, France pôs o aparelho de Televisão... E para formar o carácter dos moços e desenvolver ou espevitar o amor pela arte, não viu melhor do que quadros... com cavalos!

Teríamos de utilizar um excessivo espaço no jornal para enumerar os dislates deste flagelo que é uma das sete pragas da Televisão portuguesa. Lamentemos todos

(Continua na página seguinte)

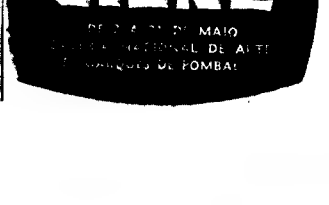
COMICHÃO NOS PÉS

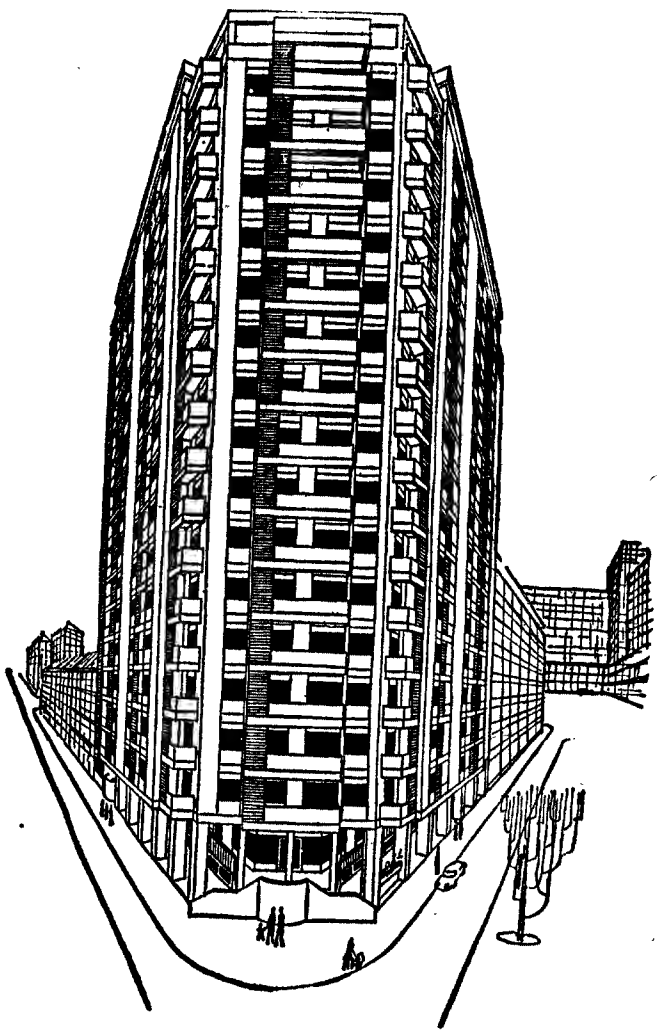
ELIMINADA EM 3 DIAS

Tem comichão nos pés, pieadas e ardores tão terriveis que quase o emlouquecem? A pele greta, estala ou sangra? A causa destas perturbações denomina-se de várias maneiras, tais como: Pé de Atleta, Comichão de Singapura, Comichão de Dhoby, etc. Não poderá ver-se livre deste mal sem exterminar a causa. Uma nova descoberta chamada Nixoderm pára a comichão em 7 minutos e começa a tornar a pele macia, suave e clara em 3 dias. Nixoderm é tão eficaz que se garante acabar com a comichão e curar a pele não só nos pés mas também nos mais teimosos casos de Eczema, Borbulhas, Acne, Bolhas e Impigens na face ou no corpo. Peça ao seu farmacêutico NIXODERM hoje mesmo.

Nixoderm

Para Doenças De Pele





EDIFÍCIO OEIRAS

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa

Comportará cerca de 200 fogos

Compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com Piscina

J. PIMENTA, S.A.R.L.

assegura-lhe um rendimento de **6** a **10%**, durante **6** e até **18** anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

Apartamentos em exposição em: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS, (Espargal) e CASCAIS (por detrás do Hotel Baía)

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS e LISBOA

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Tel. 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

Enquanto esperava a ambulância o sinistrado ficou sem 1920 escudos

BARREIRO, 19 — Quando atravessava a Avenida Alfredo da Silva, nesta vila, o sr. António José Vaz, de 65 anos, inspector reformado da C. P., embateu lateralmente num automóvel conduzido pela dr.ª D. Maria Guerreiro, professora do ensino técnico.

O sr. António José Vaz foi transportado para o hospital desta vila, onde recebeu os primeiros socorros, tendo sido depois transferido para o Hospital de São José, onde ficou internado.

Entretanto, a família da vítima participou á G. N. R. que, pouco depois do acidente, desapareceu da sua carteira a quantia de 1920 escudos.

Pensa-se que o dinheiro teria sido roubado, enquanto se esperou a ambulância, já que no local se juntou muita gente.

Funeral de um militar

BEIRÃ (Alto Alentejo), 18 — Para o cemitério desta localidade efectuou-se o funeral do soldado Manuel da Costa Viegas, morto em combate na província de Moçambique

ACTIVIDADES DE FORMAÇÃO NO G. I. T. A.

Iniciou-se, no Centro de Selecção e Formação Profissional do O. I. T. A. em Lisboa, o programa de aperfeiçoamento profissional, destinado a empresários de transportes e seus colaboradores directos.

O curso, que é dirigido pelo dr. Joaquim Carvalho, da Direcção Geral de Contribuições e Impostos, incide sobre os planos de contabilidade.

A primeira sessão abriu com algumas palavras do director do G. I. T. A., eng.º Braz Frade, que chamou a atenção para a necessidade e a importância da intensificação destas sessões, que irão prosseguir em Novembro com cursos sobre a gestão financeira e problemas de financiamento e o «contrôle» de exploração nas empresas de transportes colectivos de passageiros e sua automatização.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

que a R. T. P., em atenção ninguém sabe a quem ou a quê, nos obrigue a todos perder tempo tão precioso. Lamentemos que a presença de France de Vasconcelos perante as camaras da Televisão, represente tamanho desdouro para uma classe como a dos arquitectos e decoradores onde existem elementos tão valiosos. Tão valiosos quanto indiferentes ao que se passa na Televisão portuguesa...

NOITE DE ÓPERA

João de Freitas Branco veio, como ele tão bem sabe, falar-nos de uma ópera composta pelo Amadeuzinho Mozart.

Ao princípio da noite de ontem, foi o milagre. O milagre do menino entre os doutores. Grandes maestros, grandes executantes, orquestras compostas por professores. E todos espantados da sabedoria daquele menino de 12 anos que descobrira para os homens novos caminhos de felicidade.

Eu cá, se pudesse alguma coisa, tinha feito uma campanha gigantesca por escolas, casas, oficinas, campos. Meninos de todo o País, não deixem de ouvir o Amadeuzinho Mozart, com 12 anos, que compôs uma ópera onde se fala de amor e é tão boa de ouvir e de aprender que vocês vão assobiá-la, não tarda nada...

Doze anos. O menino entre os doutores...

O menino maior que todos os doutores. O milagre aconteceu ontem, na Televisão portuguesa. Quantos meninos em Portugal deram pelo milagre?

(E no entanto foi bem mais extraordinário do que a viagem á Lua...)

TV CLUBE COM TONICHA

Tonicha e os seus gritos deixaram-nos a cabeça á razão de juros. Tonicha que andou pelo Ribatejo, pelo Alentejo, pela Beira Alta, pelos Açores nada mais senão á procura de pretextos para gritar. Tonicha, a apresentar os novos modelos, mas onde onde onde mas onde é que se meteu a Maria Leonor que não veio fazer a locução? A Tonicha diferente de tudo quanto era e sem nos dar nenhuma indicação correcta daquilo que é na realidade e do que na realidade quer. Tonicha diferente de tudo quanto era, lançada ás feras de um «folclore» superficial e de rotina. Tonicha numa imitação de Amália que nada justificava. Tonicha a gravar coisas daqui e dali para os núcleos portugueses, coitados, matarem saudades. Tonicha, garganta vibrante, perdida nessa jogada perdida de cantar alentejano, tão difícil (porque tão sagrado) como interpretar espirituais negros. Tonicha enquadrada em cenários sofisticados e mentirosos. Tonicha, devorada pela realização do mais provinciano realizador da Televisão Portuguesa: Ruy Ferrão. Tonicha fantasma no meio de uma fauna humana que nada ajudara na caracterização das canções (que verdadeiro, que primor de pastor aquele de safões, encostado ao cajado, e munido de relógio, e um grande cachucho no dedo...) Tonicha, para que nem tudo fosse mau, a fazer um «play-back» consciencioso, como não é vulgar ver-se nos nossos cançonetistas profissionais.

Abrilhantou o TV Clube «o conjunto de guitarras e violas dirigido por António Luís Gomes. Interpretou a «Rosa branca ao peito», a «Oliveirinha da serra», etc. Consta que este conjunto vai receber o prémio de originalidade.

OS INVASORES

«Seres estranhos viriam de um planeta extinto para conquistar a Terra, e para isso tomaram a forma humana...»

Pois claro. Como não havia por estes sítios terráqueos sarilhos que bastassem, ainda nos arranjaram mais um. Quer dizer por essas galáxias fora, os planetas extinguem-se e depois é a Terra quem paga as favas.

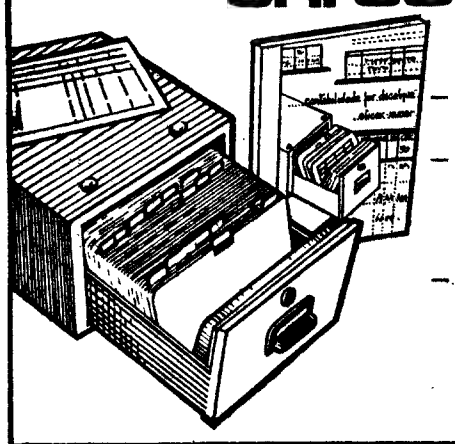
Que o planeta haja desaparecido é grande pena. Os seus habitantes do sexo masculino eram beras de todo, feitos de aço, ou qualquer coisa assim, mas os do sexo femininho eram bem meiguinhos, bem carinhosos e sobretudo muito ciganos. Ainda tive esperança de que ficasse semente, mas não: a pobre rapariga foi destruída pelos seus complanetariotas que vinham á Terra para fazer guerra e não para to make love.

O episódio dos *invasores* salda-se com a habitual fornada de meia duzia de mortos. Nisso, os tais do planeta extinto facilitam-nos a tarefa pois todos trazem crematório acopulado.

Assim prossegue a operação da destruição da riqueza imaginativa, pelo processo da fantasia mais desbragada. Depois de, na actual temporada televisiva de violência, assistirmos a séries como «Brigada especial», «Jogo da Vida», «Departamento S», etc., não se pode dizer que o processo seja para nós desconhecido.

MÁRIO CASTRIM

SR. CONTABILISTA



— **O sistema de contabilidade por decalque EFICEX-MINOR foi concebido especialmente para si.**
— **O manual de instruções que o acompanha permite a sua instalação sem quaisquer dificuldades e sem qualquer intervenção estranha. Tem esquema, plano de contas, modelos, noções de classificação, quadro de balanço, etc.**
— **O seu preço Esc. 1.995$00 para a instalação completa, facilitará uma rápida amortização.**

PEÇA ESCLARECIMENTOS GRÁTIS

PROCURAMOS AGENTES PARA ESTE NOVO SISTEMA EM TODAS AS LOCALIDADES

CUPOM A ENVIAR A
EFICEX KIENZLE
Av. João XXI, 4-A - LISBOA

Queiram enviar-me condições de agência para os v/ sistemas

NOME.....
MORADA.....
LOCALIDADE .....
OCUPAÇÃO.....

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ALMADA

João Batista Lavareda Zagallo e Mello

Missa do 30.º dia e agradecimento

Sua família participa que amanhã, dia 20, pelas 11 horas, na Igreja de São Tiago em Almada, será rezada missa de sufrágio por sua alma, na impossibilidade de o fazer directamente por carência de endereços, testemunha a sua gratidão aos inúmeros amigos que se dignaram assistir ao funeral ou de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
TELEF. 27 01 32

CONTO DE DOMINGO

AQUELA LOIRA TRISTE

Texto de JORGE DA SILVA PEREIRA — Ilustração de CARLOS BOTELHO

AQUELA Loira Triste tem um drama. Drama que a possui e que talvez a acompanhe pela vida fora. Íntimo, tão seu, que não tenho autoridade nem coragem para o desnudar aqui. Só eu sei, só eu posso medir quão grande é esse drama! Eu que o conheço e que nada posso fazer para diminuir a dor e a nostalgia que lhe vão lá dentro. Ah, Loira Triste, quem te pôs nos olhos, nesse olho que o marejam de lágrima, um mundo tão grande de indecisão e de colapso? Quem os apagou e os molhou em pranto! Tem esperanças Loira Triste!

Esperanças em ti, no lado bom da tua alma, na parte de Anjo que tu tens, porque és Mulher! Conta só contigo, mais ninguém! Foge de todos, de quem te inveja e de quem te quer perder!

Minha pobre Loira Triste, o único homem que te podia ajudar, não o faz! Fecha-se no seu egoísmo e contempla a tua tristeza. Ele que te podia incutir fé no Mundo, apenas olha para os teus olhos tristes... Ele pensa na cruel, e nada faz para o deixar de ser .. Desculpa o, Loira Triste! Perdoa-o, que perdão é o que tens dado pela crueldade que o toma; é tua vida fora ..

Tu, que estás lendo estas linhas, lembra-te que o mundo é mau. Tu, que lês este pedaço da tua vida, não esqueças que os homens não sabem reconhecer o que a Mulher tem de grande e de eterno. Aqui deito a única coisa que te posso oferecer: o meu pedido de perdão, por te não poder amparar.

Escuta, Loira Triste: seca os olhos, vê se os consegues fazer sorrir, e luta! Conta com a tua alma boa, luta por ti!

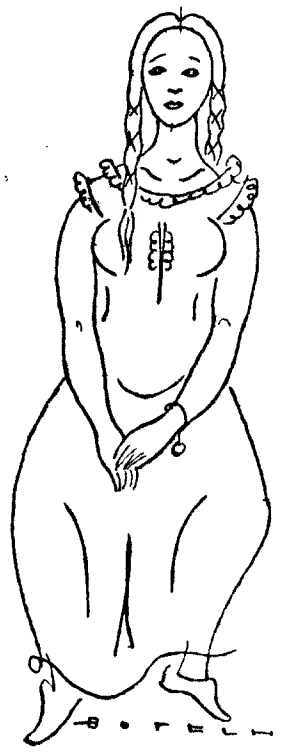
Eu não te posso ajudar. Nem tenho pena de não poder, repara. Nem tão pouco sei se te ajudaria, se pudesse... Vês o que é a alma dum homem? Repara no que encontras quando lhe perscrutas o fundo! Mas não te importes, deixa! E não te importes, porque o papel que dou ao homem só serve para entronizar a Mulher. É um trono que lhe ofereço e levanto á sua infelicidade, á cruz que ela carrega, de abandono e desespero.

Loira Triste, tu queres saber? Não estás só na tua nostalgia e na tua desesperança... Se soubesses quantas mulheres mais, pararam agora mesmo a sua leitura, voltando anos na sua vida, recordando as promessas não cumpridas, os sonhos não realizados, os desejos insatisfeitos! Se soubesses, ficarias admirada e (quem sabe?) menos triste...

É á Mulher, Esposa e Mãe, só Ela, apenas porque é Mulher, quem pode salvar do lodo, o homem que se afunda! Eu, pelo menos, não esqueço uma coisa: antes de culpar uma Mulher que caiu, recordo que, por detrás dela, está o homem que a arrastou... Pela minha vida fora quero ter presente a missão sublime que Ela tem a desempenhar: ser Mãe! Só isso é o suficiente para tu, Mulher, seres respeitada e perdoada!

Aqui tens, Loira Triste: a ti, que personificas a Mulher, com tudo o que Ela tem de diabólico e divino, de incompreensível e claro, de Amor e de Ódio, de dádiva sem retribuição, a ti, Loira Triste, uma Mulher sem nome que poderá ser o nome de todas as mulheres dedico estas linhas.

Eu, em nome de todos os homens, te digo: Loira Triste, perdão!



Decorreu hoje em Faro a I Reunião de Comerciantes do Algarve

FARO, 19 — Organizada pela Federação dos Gráficos do Comércio, e com o patrocínio do Governo Civil e da Camara Municipal desta cidade, decorreu hoje a I Reunião de Comerciantes do Algarve.

De manhã, houve concentração de dirigentes dos Grémios do Comércio do distrito, junto á sede da Federação. Depois, realizou-se uma sessão de trabalhos, presidida pelo presidente da Corporação do Comércio. Procedeu-se a estudos sobre o regulamento do Estatuto do Comerciante; actualização da margem de lucro e estudo do «preço fixo»; actividades dos grémios (retalhistas); regulamentação das cantinas de instituições publicas e privadas e outros assuntos de interesse geral.

Após o almoço, iniciou-se a segunda parte dos trabalhos, concentrando-se todos os comerciantes e convidados na Junta Distrital (á Pontinha). Houve, por fim, a sessão solene, presidida pelo dr. Manuel Esquível, chefe do distrito. Foram apresentadas as conclusões da sessão de trabalhos (primeira parte) pelo presidente da Federação.

O presidente da Corporação do Comércio fez uma alocução, tendo encerrado os trabalhos o governador civil. À noite, haverá um jantar, para inscritos, no Hotel Eva.

HOMENAGENS

Ao ex-director da Escola Machado de Castro

Num restaurante de Lisboa, realizou-se um almoço de homenagem ao sr. dr. Casimiro Antunes Salvado, que cessou as funções de director da Escola Industrial Machado de Castro, cargo que exerceu durante quase oito anos.

Além do corpo docente da Escola, assistiram antigos professores, tendo, no final, vários dos presentes usado da palavra, todos enaltecendo as qualidades pessoais do homenageado, a sua dedicação ao serviço da Escola e o espírito de corpo que nela conseguiu incutir.

No final, o sr. dr. Casimiro Salvado agradeceu, sensibilizado, a prova de estima e amizade dos seus colegas.

À memória de um professor louletano

LOULÉ, 19 — Foi hoje prestada homenagem á memória do professor Carlos Ramos, na comemoração do 70.º aniversário do seu nascimento. Foi descerrada uma lápida no prédio da Praça D. João III, onde Carlos Ramos nasceu, e houve uma romagem ao seu tumulo, no cemitério local.

O filme Apolo 11 nas Caldas da Rainha

CALDAS DA RAINHA, 19 — O Rotary Clube e a direcção da Escola Comercial e Industrial desta cidade promoveram a noite passada, no ginásio daquela escola, uma sessão de cinema, destinada aos alunos dos cursos de formação e aperfeiçoamento e ainda aos do segundo e terceiro ciclos liceais, sendo exibido o filme Apolo 11, comentado pelo sr. Eurico Fonseca.

A jovem cuja identidade se ignora

Quem são os familiares da rapariga que está no Governo Civil?

Continua a aguardar a comparência de familiares, no Governo Civil, uma rapariga de nome Germana, de 10 anos, dos Arcos, que afirma ter vindo para Lisboa na companhia de uma tia a que chama Ção (Conceição?), criada de servir.

A moça, de estatura média e tipo provinciana, foi encontrada perdida num autocarro da Carris, da carreira n.º 22 (Encarnação-Calvário). Aparenta atraso mental e tem passado as ultimas horas a pedir pão, no que tem sido satisfeita.

Veste camisola de lã cor de rosa e um bibe aos quadradinhos azuis e calça sapatos castanhos.

O SERVIÇO NACIONAL DE EMPREGO

GRATUITAMENTE

pode ajudá-lo a encontrar o emprego que mais lhe convenha

Em todo o País, centros permanentes e não permanentes de colocação e de orientação profissional.

À SUA DISPOSIÇÃO

CASA SONOTONE

A mais antiga da especialidade

PARA SURDEZ NERVOSA E PERCEPTIVA

SURDOS

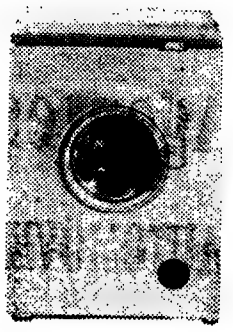
A MAICO ALEMÃ E SONOTONE AMERICANA, que representamos em exclusivo, são os maiores produtoras de aparelhos auditivos e audiómetros que não admitem confrontos.

A grande diversidade de modelos, prestam-se a corrigir diferentes graus de surdez.

Assistência técnica, trocas e facilidades de pagamento, etc. Visitem-nos sem compromissos.

LISBOA — Poço do Borratem, 33-s/l. — Telef. 86.83.52
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 35602

Candy LAVA LAVA LAVA LAVA



CANDY a máquina de lavar criada pelo homem para criada da mulher

OLIVEIRA
Electrodomésticos
Av. Almirante Reis, 91-A
sem entrada * sem fiador
Telefones: 53 08 38-53 63 08-53 83 23-32 69 31

Propriedades

— VENDAS —

PRÉDIO

de construção moderna em bom local de Algés, revestido a Evinel, composto de 8 inq. c/ 3 casas assoalhadas a render 145 800$. P.: 2 400 000$.

Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av Almirante Reis, 104, 2.º, Telef. 536111-2-3

ANDARES

NO LUMIAR — 3 boas div., assoalh., excelente panorama, preços muito acessíveis Rua Projectada, entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Ameixoeira, 47. TRATA: LOURENÇO & FREIRE COSTA, LDA. Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Telefs 32040/428143

Contacto

PUBLICIDADE

Telef 847260

ANDARES

Na Baixa — óptimas casas desde 370 contos Rua dos Lagares, 20-22 Vendas a cargo de Lourenço e Freire Costa, Limitada, telefones: 328143-320040

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS,

não compre sem consultar a

PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio 69

ANDARES

EM ODIVELAS

Com 5 e 6 casas assoalh., em prédio de luxo, prontos a fazer escritura Rua E, à Av Prof. Dr Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19

TRATA: F. FERNANDES & COSTA, LDA

Av. Alm Reis, 104-2. Telef 536111

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1. ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs. 325487 e 370618 (junto á P. da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.ª nos escritórios onde temos sempre variadíssimo andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOCONSI, INVICTA, Rua do Ouro, 292 1.º — Telefs 30259-34755

ANDARES

155 c. 180 c., 210 c., 275 c., 415 c. e 490 c. 2, 3, 4 e 5 div. assoalhadas, cozinha, 1 e 2 c. banho, despensa, marquise em prédios novos de const. luxuosa, em bons locais de Lisboa e arredores

ORCOSI

R. 1 Dezembro, 45-3.º, Esq.º — Telefs.: 323172-367444

Capitais

TEM CARRO? TEM PRÉDIO? ENTÃO TEM DINHEIRO.

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO Rua 1.º de Dezembro, 45 Telefones 36 74 44/32 31 72

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69 Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO T 560713

MORADIA

POR 450 CONTOS, NA LINHA DE CASCAIS, bonita moradia, construção de há 6 anos, situada em bonita Praceta, composta de r/chão e 1.º andar, tendo ainda uma cave toda ampla, pequeno jardim e quintal, com um total de 5 casas assoalhadas, bonita cozinha, casa de banho, roupeiro etc Facilitam-se 200 contos, a longo prazo.

TRATA E VENDE:

UNIÃO EBORENSE

Escritório: Av Almirante Reis, 95 - 1.º Dt.º — Lisboa Telef. 53 63 46

ÁLVARO NUNES

Agência de Compra e Venda de propriedades

Empréstimos com garantia hipotecária

Autorizado oficialmente

Escritório: LARGO DO CHAFARIZ, 16-2. Telef. 21393 — FUNCHAL

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na: Av Almirante Reis, 172-A

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa chentela Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R de S. Julião, 64-66

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 171 Telef. 53 35 91

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Telef. 448446.

Vauxhall Viva S. L. 90, 1968; Fiat 850, 1967; Taunus 12-M 1500, de 4 portas, 1966; Opel Rekord 1700, de 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Renault Caravela, 1964; N. S. U. Prinz 4, 1964.

Fac. troca e pag.

VENDE: MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

Contacto

ANÚNCIOS

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis. Furgonetas utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita á nossa casa. Garage Boa Viagem, Ld.ª, Rua Sampaio e Pina, n.º 56/60, Lisboa. Telef. 683737.

Stand Patrício

Tem sempre um automóvel para si.

Av de Berna, 48-A Telef 76 42 34

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

PEDREIROS SERVENTES

Admitem-se na SIROCO Obras 2.ª fase

OLHÃO

Agentes distritais

AUTOMÓVEIS E FURGONETAS

pretendem-se, para todo o país, a Sul do Rio Douro, para reputada marca japonesa.

Resposta ao Apartado 213 — COIMBRA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

OBTURAÇÕES, EXTRACÇÕES, CORRECÇÃO DE DENTES DENTADURAS

PREÇOS DE POLICLÍNICA

CONSULTAS DAS 9 AS 20 HORAS

Aos sábados das 9 ás 19 horas

CALÇADA BENTO DA ROCHA CABRAL (AO RATO) TELEF. 68 41 91

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES SIDA-SUECA, LDA

RUA DE S. NICOLAU 44 48 TELEFONE 369331 (4 LINHAS)

A VENDA NO SEU HABITUAL FORNECEDOR DE ELECTRODOMÉSTICOS

JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DA INSTALAÇÃO DE FRIO E ELECTRICIDADE PARA A ESTAÇÃO FRUTEIRA DE CASTANHEIRA DO RIBATEJO-VILA FRANCA DE XIRA

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que é adiada para as 16 horas do dia 17 de Novembro, próximo futuro, a realização do concurso acima indicado, em virtude de se terem introduzido algumas alterações ao caderno de encargos da referida empreitada, pelo que se entregará, no 2.º Serviço Técnico desta Junta — Rua Alexandre Herculano, n.º 51-8.º — Lisboa, a todos os interessados no referido concurso público, o correspondente adicional

Pelo Presidente da Junta
A. CÂNDIDO FERREIRA
Vice-Presidente

TORM LINES

PARA:

NEW YORK, PHILADELPHIA, BALTIMORE, NORFOLK, CHARLESTON e SAVANNAH

«ALICE TORM», em 25 do corrente

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA LDA.

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 322271 | 33235 | 381267

LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES PORTO

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA

«Conheça a Curia»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

• Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN

(M 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15. 18.30 e 21.45
Scope — Technicolor
Quem são eles? Homens cuja profissão é o crime, cuja esperança é a traição, cuja obsessão é o ódio!
ACABA COM ELES E VOLTA SÓ!
com Chuck Connors e Frank Wolf

SÃO JORGE

(M 12 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21,30
A Paródia das Paródias
SHERIFF PRECISA-SE
com James Garner e Walter Brennan

TIVOLI

(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6 da tarde e 9.30 da noite
O filme que obteve 3 PRÉMIOS DA ACADEMIA com PETER O'TOOLE e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15. 18.15 e 21.30
Franscope — Color
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

ALVALADE

(M 12 anos) Tel 763080
Às 15.45, 18.30 e 21.45
Franscope — Color
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
SOB O SIGNO DA SUSPEITA
OS 3 SARGENTOS DE BENGALA

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 21.30
O BASTARDO
TECHNICOLOR
c/ Giulliano Gemma e Klaus Kinski

CASAMENTOS E LANCHES

52$50, 57$50 e 62$50 incluindo vinhos
Salas próprias. Toda a garantia
PASTELARIA LISBOA
Av. Almirante Reis, 42-A
Telef. 4 00 76 — LISBOA

IMPÉRIO

(M 12 anos) Tel. 555134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Panavison — Color
Duas civilizações, duas mentalidades em choque!
Um filme de JOHN BOORMAN
DUELO NO PACIFICO
com Lee Marvin e Toshiro Mifune

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30. 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-Picot

CONDES

(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
SHARON TATE e ROMAN POLANSKI em
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
uma obra-prima do cinema moderno
Panavision-Metrocolor

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel 326305
Às 15.15 e 18.15 e às 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL
A BATALHA DE EL ALAMEIN
A derrota de Rommel perante os exércitos de Montgomery
(Col.) — Um elenco excepcional!

AVIS

(M 1[illegible] anos) Tel 47163
Às 18 30 e 21.45
2.ª semana de enchentes
A MAIS EXPLOSIVA AVENTURA DE SIMON TEMPLAR
O SANTO E A VENDETTA
ASTMANCOLOR
com ROGER MOORE

MONUMENTAL

(M 17 anos) Tel. 55131
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Fane Dunaway e Marcello Mastroianni
Realização de Vittorio de Sica
UM LUGAR PARA AMAR

VOX

(M 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
13.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

ODEON

(M. 12 anos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 e às 21.30
EM 2.ª SEMANA
Um vibrante romance de paixões proibidas e pecados escondidos
AMOR SELVAGEM
com Julio Aleman, Angelica Maria e Teresa Velasques
NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE TITO DAVINSON
(Eastmancolor)

ROMA

Adultos Tel 727778
Às 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
A COMEDIA DO ANO
CASEI CONTIGO POR ALEGRIA
TECHNICOLOR
com MONICA VITTI

RESTELO

(Adultos) Tel. 610375
Às 21.30
FUNNY GIRL
com BARBRA STREISAND
em Technicolor e Panavision

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
3.ª SEMANA
Continuação de estreia
O DIABO À SOLTA
ELAS SÃO MAIS PERIGOSAS

DINHEIRO

EMPRESTA-SE sobre automóveis e propriedades
A Predial Tomarense
Mediador oficial
Av. Alm. Reis 186, r/c., Dt.
LISBOA — Telef. 57211

LUMIAR

Calçada de Carriche
(M. 17 anos) Tel. 791574
(Ar condicionado)
Às 21.30
Um filme que dignifica o Cinema português.
A CRUZ DE FERRO
com Jorge Brum do Canto, Oremilda Gil, Octávio de Matos, Maria Domingas, Angela Ribeiro, António Machado.
Amor, ódio e violência num espectáculo da maior dignidade
NO INTERVALO do filme a actuação do apreciado cançonetista da Rádio e Televisão ANTÓNIO FRAZÃO

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15, 18.15 e 21.30
70 m/m — Moscolor
16.ª SEMANA
O MAIOR MONUMENTO DE TODO O CINEMA!
NATASHA
2.º episódio de «Guerra e Paz»

CHIADO TERRASSE

(Adultos) Às 15 e 21 h.
BULLITT
O MALANDRO ENCANTADOR

LIDO

Praça D. João I - AMADORA
Às 21.30 h. (M. 17 anos)
Uma comédia de gargalhada permanente com ALBERTO SORDI
UMA CARREIRA SENSACIONAL

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional».

TEATROS
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
VILLARET—Às 21 e ás 23: «Amor ás riscas» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).
MONUMENTAL—Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).

CINEMAS
MOSCAVIDE — Às 21: «A vida é um jogo» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Um homem chamado Gringo» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Funny Girl» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «A vingança do cavaleiro negro» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Longe da multidão» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Oliver» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O sonho de um gigante» (12 anos).
JARDIM — Às 21 h.: «Cantinflas, porteiro» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21 h.: «Will Penny» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21 h.: «Os canhões de Navarone» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21 h.: «A ultrapassagem» (17 anos).

● **Linha de Cascais**
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «A mulher infiel» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Doutor tenha maneiras» e «Duelo de morte» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O bastardo» (17 anos)
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Viver amar morrer» (17 anos)

● **Linha de Sintra**
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «As sandálias do pescador» (12 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O pequeno banhista» e «Duelo de Vingança» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Comissário X no vale dos mil montanhos» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O carrasco de Veneza» (12 anos).
CACÉM — CINEMA S. JOÃO — Às 21 e 30: «7 mulheres para os MacGregor» (12 anos).
MEM-MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O grande mestre do crime» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15. «O alegre mundo de Bucha e Estica» e «A Raposa» (17 anos).

● **Outra Banda**
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Doutor Jivago» (17 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «A volta ao Mundo em 80 dias» (12 anos); CINE-BARREIRENSE: Às 21: «O dia mais longo» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO-ARTISTICA — Às 21 e 15: «Sete balas para Selma» (17 anos)

C. M. L.

ESTUFA FRIA

Dia 20, ás 21.45 horas
CONCERTO SINFÓNICO GRATUITO
PELA
ORQUESTRA SINFÓNICA DE LISBOA
direcção do maestro **Fernando Cabral**

Distribuição de bilhetes:
Restauradores, das 18 às 20 h.
Estufa Fria, depois das 21.15 h. M/ 12 anos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● **Em Lisboa — Turno H**
AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 7 (633288 ● Boa Hora, R dos Quartéis 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade, Av do Brasil 8-A (712070) ● Gasparinho, R Dr Gama Barros, 54-A (700465) ● Ideal Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (772803) ● Paris, R Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Agua (7 0'3')
ALCANTARA — Lisbonense, R Leão de Oliveira 2-B (637020).
ANJOS — Colonial, R Forno do Tijolo, 40 (84 22) ● São José, R dos Anjos, 4 (50730)
ALTO DO PINA — Nobel, R Actor Vale 53 (842 52)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr Afrânio Peixoto, 2-B (72494) ● Onildo, Av João XX 3-A (726848)
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios 2'5 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, C Pequeno, 356-B-C (770776) ● Sagres, Av Luis Bivar, 69-71 (472 3, ● Cordeiro, Av Duque de Avila, 32-C (43495) ● Cosmos, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) ● Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (44 58)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B-7, à Rua Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Centro Farmacêutico, R das Portas de St Antão, 88 (32'21) ● Unifa, R da Vitória, 2' (323793)
BELÉM — Ocidental, R D Jerónimo Osório, JPM, 3 (6'0256).
BENFICA — Benfica, Est de Benfica, 678-E (702532) ● Sousa, Est Benfica, 429-43 (780027)
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 38 (774682)
CAMPO DE OURIQUE — Porfirio, R Franc Metrass, 59 (663349) ● Ivone, Lda., R Silva Carvalho, 232-C (650760)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R General Taborda, 7 (680234)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780'81).
CONDE DE REDONDO — Salutar, R C de Redondo, 9-A (5334 ').
ESTRELA e LAPA — Paivas & Parente R de St António à Estrela, 96-98 (665196) ● S. A. E. Silvas, Filhos, R de S. João do Mato, 74 (66 0 0)
GRAÇA — Amali, R das Escolas Gerais, 88-A (863940)
LUMIAR — Alameda, A das Linhas de Torres, 201-B (790942) ● S. Tomé, Est do Desvio, lote 2-C (790704)
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (38'612)
MOURARIA — Tavares, R. do Palma 94 (863350).
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade V a Cabral (ex-Rua 8, 4 Lote 4d zona poente (3 0026) São Paulo — Rua 4 Lote 823 (à Estrada de Moscavide) (Tel 3'07'')
PENHA DE FRANÇA — Zienel, R Morais Soares, 56 C (847708)
PICHELEIRA — Marluz, Calç do Picheleira 40-B-C (720703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência 9 (773728)
RESTELO — Tanara — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo—próximo dos Moinhos) Telefone: 6 8'4
S BENTO — Silva Santos, R da Esc Politécnica, 82-A (660280) ● São Bento, R dos Poiais de S Bento, 13 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R D Domingos Jardo 28 A (843439 ● Martins, Lda., R Fernão de Magalhães 33 (849448,
MOSCAVIDE — Varela, Av Moscavide 44 (25 8520)

● **Linha de Cascais**
ALGÉS — Almeida Nifo, Avenida Comb G Guerra 64 (212070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro -A (24 28 39.
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av.ª Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 8 (Tel 2430058)
PAREDE — Brandão, Av da Republica, 77-C (2471054).
ESTORIL — S João — S João do Estoril (Tel 26' 86)
MONTE ESTORIL — Lopes — R. Hautar, (Tel 260008)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 4: (Telefone 280'4') Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● **Linha de Sintra**
AMADORA — Dias, Av Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) ● Campos, Rua Elias Garcia, 185 (930072) ● Clobel, R António Sardinha, 23-D (938551)
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970528).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, '5' (Tel 950043); Queluz — Av Miguel Bombarda, 23-A (Tel 951841).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940084).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D Amélia, 26 (T. 980155).
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)
COLARES — Colares — Azoia (Tel. 299088).

● **Outra Banda**
ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234 00).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av.ª da Bela Rosa 8 (Tel 224250).
ALMADA — Nuno Álvares, Avenida D Nuno Álvares Pereira, 39 (270504.
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 22 -B (Tel. 224 4
BARREIRO — Pimenta, R Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (22130 2)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, [illegible] de Outubro 62 (270 [illegible])
MOITA — União Moitense — Av.ª Dr Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Moderna, Rua Bulhão Pato 5[illegible] (230 56)
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (Tel 22947
SETUBAL — Marques, R Arronches Junqueiro (2 27 83) ● Bonfim, Av Rodrigues Manitto, 4 (24558)
SEIXAL — Godinho, L do Igreja, [illegible] 8[illegible] 8[illegible]

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla idem e feriados, 382069

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ● Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 866141 ● Judiciária, 535380 ● Maritima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 ● 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.

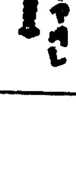
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Maritima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

MAIA
R. DAMIÃO DE GÓIS, 32-B
Tel. 212705
O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
Mariscos recebidos directamente da origem

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)



CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

Diário de Lisboa
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1388
Lisboa 2 — Portugal

O TEATRO MARIA MATOS ESGOTOU A LOTAÇÃO ANTES DE SER INAUGURADO

● «O Tombo no Inferno» foi ontem representado para os que trabalham naquela casa de espectáculos

Eram já duas horas da madrugada de hoje quando Igrejas Caeiro, depois dos calorosos aplausos, disse que, como avisara, aquela tinha sido uma sessão de trabalho, e os profissionais de teatro muitas vezes trabalham até tarde. E concluiu: «Desculpem ser já madrugada. E oxalá a palavra madrugada tenha aqui o seu verdadeiro significado».

Foi no mais moderno e recente teatro de Lisboa — o Maria Matos — e tinha acabado de se representar, pela primeira vez para o publico, «O Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro. E, pela primeira vez, o novo teatro de Lisboa cumpriu a sua razão de ser, humanizou-se, teve vida, foi vida. Foi esta noite, até de madrugada. E, na noite escura do teatro português (onde felizmente, mas só muito raramente, também tem havido luar...), **esperamos que de facto isto contribua um pouco para a madrugada.**

Não foi propriamente a estreia, nem foi uma representação para convidados *de luxo*. O sentido foi mais positivo e o seu significado deve realçar-se: esta primeira representação para centenas de pessoas (que encheram a nova sala da Rua Frei Miguel Contreiras, ali á Avenida de Roma), destinou-se a quantos, de qualquer forma trabalharam no (ou para o) novo teatro — operários da construção, pintores, carpinteiros, arquitectos, decoradores, pessoal especializado em som e luminotecnia, etc., etc.

● Palavras de Igrejas Caeiro

Com todos os actores no palco, Igrejas Caeiro (aplaudido) apresentou-os ao publico. Depois, agradeceu a quantos trabalharam naquele teatro e ali se encontravam e dizendo que entende o teatro sobretudo um trabalho de equipa. E depois de outras palavras suas, falou dos que estão por detrás da cortina (carpinteiros, electricistas, etc.) — para os quais houve palmas.

Quando, minutos volvidos, as luzes se apagaram, ouviu-se uma voz, que muitos só mais tarde reconheceram: a do grande Aquilino Ribeiro, esse espantoso criador da língua portuguesa, cuja peça só agora, meia duzia de anos passados sobre a sua morte, vai ter a vida nas tábuas do palco a que se destinou. Palavras de Aquilino quando, por ocasião dos 50 anos da sua vida literária, a Sociedade Portuguesa de Escritores (de que foi fundador e presidente) o homenageou. Palavras cujo sentido será antes de mais, mostrar que ele continua vivo no meio de nós.

Um aspecto da assistência á primeira representação (como ensaio geral) da peça «O Tombo no Inferno»

● «Hei-de voltar a pagar bilhete»

E depois foi «O Tombo no Inferno» — um ensaio geral já muito afinado de uma peça que terá a sua antestreia (de gala...) na próxima terça-feira. E foi mesmo até ás duas da madrugada... A crítica será para outra oportunidade. Para já, alguns depoimentos dos que de qualquer forma trabalharam no (ou para o) Maria Matos:

— *Para mim está muitíssimo bem* — disse-nos logo o sr. Juvenal Rodrigues Barros, tipógrafo, e que foi o compositor do texto dos bilhetes. — *Só conhecia dois teatros do Parque Mayer, o Maria Vitória e outro. Isto despertou-me interesse para peças de outro género.*

Já o seu amigo Anselmo Pinto, marceneiro, se nos confessou amador teatral entusiasmado, nos tempos em que andava lá pela terra, por Gondomar, concelho de Gaia: até interpretou peças como «João, o Corta-Mar», «assim uma coisa de marinhagem» e «As Pupilas do Senhor Reitor»:

— *Agora esta peça para mim é das melhores que tenho visto em Lisboa. Gostei de tudo. E teatro, não há por aí outro tão bom como este — não há nada que se lhe aponte. Sabe? Hei-de voltar cá de novo, a pagar bilhete.*

Os srs. Manuel Ribeiro e Joaquim Peralta Santos; o primeiro diz-nos, além do mais, que «*o teatro é uma maravilha*» e ali «*tudo foi feito com muita camaradagem*», e o segundo elogia especialmente os cenários. Os dois, como todos os outros, têm palavras de louvor para a iniciativa de Caeiro e para esta primeira apresentação destinada aos trabalhadores.

Quanto ao sr. Armindo Fresco, pintor (*«trabalhei aqui desde o princípio. Quando aqui entrei parecia um barracão. Agora, admiro tudo isto...»*) e sua mulher Nazaré Fernandes também se mostram muito satisfeitos.

● Preferência ao teatro português

Por ultimo, falámos com Igrejas Caeiro — satisfeito também, como não podia deixar de ser. Para além disso...

— *...Sinto-me nervosíssimo. Tenho aqui tremendas responsabilidades simultaneas: como empresário, encenador e actor. Apenas tinha reservado para mim um pequeno papel como actor, que é o que eu gosto de ser. Mas não encontrei de momento ninguém para encenar a peça e tive eu — que já a conhecia bem — de o fazer.*

Depois:

— *Quero dar uma grande preferência ao teatro português.*

E Caeiro ainda nos disse mais: sobre Aquilino, seu amigo, sobre a peça, sobre o Maria Matos. Caeiro. um homem que ama o teatro e agora está a realizar um grande sonho...

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado; o vento era fraco, chovia ou caíam aguaceiros em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE —Máxima. Tavira, 21°,5; mínima: Penhas da Saude, 4°,3.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 14°; Lisboa, 13°; Coimbra, 15°; Penhas Douradas, 7°; Faro, 15°; Portalegre, 11° e Funchal, 18°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 17°; na água do mar: 17°,8.

PREVISAO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHA

Céu geralmente muito nublado, por vezes com boas abertas; aguaceiros dispersos nas regiões do Norte e Centro; vento fraco a moderado de Noroeste.

Amanhã
Ocaso ás 07 e 51
Nascer ás 08 e 52

Dia 25 Dia 2 Dia 9 Dia 16

MARÉS:
PRAIA-MAR: Dia 19 — 10 e 35 (3,4 m); 23 e 35 (3,3 m); Dia 20 — 12 (3,6 m). Dia 21 — 0 e 48 (3,5 m); 13 e 07 (3,8 m). BAIXA-MAR: Dia 19 — 3 e 50 (1,9 m); 17 (1,7 m). Dia 20 — 5 e 30 (1,8 m); 18 e 23 (1,5 m). Dia 21 — 6 e 37 (1,6 m); 19 e 16 (1,3 m).

Inaugurado hoje o viaduto da estação do Entroncamento

ENTRONCAMENTO, 19 — O viaduto sobre a linha férrea na estação do Entroncamento era um sonho velho de muitos, muitos anos. No Entroncamento, onde tantos «fenómenos» acontecem, teimava em não acontecer uma coisa tão simples, tão natural, como um viaduto que tanto facilitava a vida das pessoas e do trânsito.

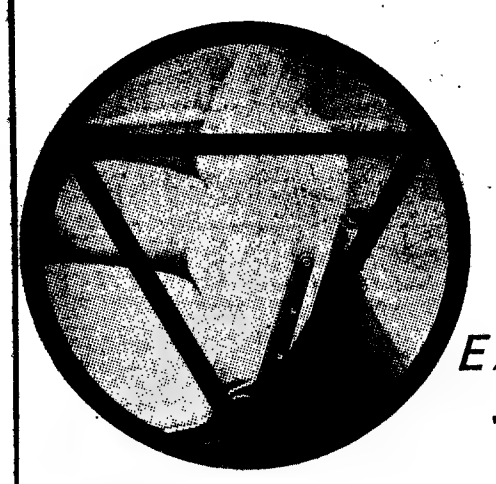
A partir de hoje, tudo ficará mais ordenado e calmo na estação do Entroncamento, uma das mais importantes do País. Mais de 100 comboios, para cima de 200 movimentos de manobra — tudo passará desde hoje a correr sobre «rails». E os milhares de automóveis não terão de aguardar, de meia em meia hora, uma pequena aberta para seguirem o seu caminho. E os milhares de peões poderão passar sem o credo na boca.

Tudo por obra e graça de um viaduto inaugurado esta tarde, com a presença do ministro das Comunicações e subsecretário de Estado das Obras Publicas. Os trabalhos. que se intensificaram nos ultimos tempos, permitiram ...que o viaduto fosse agora inaugurado. A obra importou, incluindo iluminação e drenagens, em cerca de 10 mil contos, em que o Estado comparticipou com cerca de quatro mil.

Instituto Internacional de Ciências Administrativas

Seguirám hoje para Bruxelas, com curta demora, os srs. drs. António Pedrosa Pires de Lima e Américo Saraga Leal, que, na qualidade de relatores nacionais, vão participar nas reuniões promovidas pelo Instituto Internacional de Ciências Administrativas, com vista á elaboração dos relatórios gerais sobre os regimes jurídicos em vigor, nos diferentes países, quanto ao licenciamento de obras e de loteamentos urbanos e ao condicionamento da atribuição de casas de habitação construídas por entidades publicas.

ESTOU À SUA DISPOSIÇÃO NO DIA 24



EM LISBOA
AUTO EDUARDO COSTA, LDA.
RUA DE CAMPOLIDE, 87
NO PORTO
SOVAN
HOTEL CACTOR

NOVO ESTILO DE
Vignale

EXPERIMENTE, POIS SOU DIFERENTE !

8,8 lts. aos 100 Km. VELOC. MÁX. 170 Km.

SIMBOLO de CONFORTO • ELEGANCIA • ECONOMIA

CRUZEIRO STAR DO FIM DO ANO
no paquete
— SANTA MARIA —
de 22.000 toneladas
especialmente fretado para o efeito
LAS PALMAS—TENERIFE—FUNCHAL
27 de Dezembro a 2 de Janeiro
ALGUMAS CATEGORIAS ESGOTADAS
Preços desde Esc. 2.190$00
UTILIZE O CREDI-STAR
INSCREVA-SE NA STAR
Telefs. 539871 - 362501
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
STAR
Lisboa Faro
Estoril Funchal
Porto Luanda
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

ALLIANCE FRANÇAISE
A MAIOR E A MAIS AFAMADA ESCOLA DE ENSINO DA LINGUA FRANCESA NO MUNDO
CURSOS DE FRANCÊS
na ALLIANCE FRANÇAISE DE LISBOA (Rua Braamcamp, 13-1.° e Avenida Almirante Reis, 183, 1.°-D.) — ALMADA (Rua Luis de Queiroz, 6, Lote 4) — S. JOÃO DO ESTORIL (Praceta Comercial, Lote 30, r/c-Esq.) — ALGÉS (Parque Miraflores, Lote 111, 1.°-D. Frente.
ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Alhos Vedros: milhares de pessoas vitoriaram os candidatos da Oposição

Entusiasmo — nota característica da sessão em Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 19 — (Do nosso enviado especial) — «O povo português estava sedento por ouvir falar verdade!» — esta afirmação, entusiásticamente sublinhada pelo público, reflecte o tom de arrebatamento e vibração, em que decorreu o comício da C. D. E. de Setubal, anteontem realizado em Alhos Vedros. Milhares de pessoas (mais de 3000, se tiver em conta a verdadeira multidão que teve de ficar fora do cine-teatro, por não haver a mínima parcela de espaço vago na sala) apinharam-se para ouvir os candidatos democráticos pelo seu círculo. Às 18 e 30, a casa já estava cheia! Três horas depois tornava-se impossível abrir caminho entre a assistência compacta.

INDÚSTRIA CORTICEIRA: «AO SABOR DO IMPROVISO»

A sessão iniciou-se sob a forte impressão de um nome que se tornou um símbolo: o do general Humberto Delgado. Quando o primeiro orador, Manuel Cabanas, mostrou um retrato do antigo candidato á Presidência da República e pediu um minuto de silêncio em homenagem á sua memória, o público, como que impelido por uma mola, levantou-se com impressionante austeridade, e durante um minuto o menor ruído perturbou a atmosfera solene. Muitos olhos foram assomados pelas lágrimas.

Joaquim Palmeiro Gonçalves, um dos quatro candidatos por Setúbal, que se seguiu no uso da palavra, foi recebido com uma ovação.

— O entusiasmo e vibração patrióticas que têm caracterizado todas as sessões de propaganda da Oposição Democrática no distrito de Setúbal são o mais belo testemunho de que a nossa candidatura vai de encontro aos anseios do povo — afirmou.

Refutou, depois, as acusações de subversão lançadas pela U. N. contra os democratas. Finalmen-

(Continua na ultima página)

Será Portugal uma sociedade dualista?

Mesa-redonda em que tomaram parte Fernando Quintais, Gilberto Ramos e Manuel Bello.

(pág. central)

MESA REDONDA

especial eleições

PENSAMENTO PORTUGUÊS NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA (1820-1920)

II — A fala da liberdade

JOEL SERRÃO

Se estamos a descortinar com alguma clareza, afigura-se legítimo considerar três fases principais na desenvolução do pensamento político português durante a época liberal: a da vivência da *liberdade* como valor fundamental, a qual decorre de cerca de 1820 a cerca de 1850; a da primazia atribuída pela consciência revoltada ao valor da *igualdade*, postergado pela experiência portuguesa da lenta e difícil instauração das liberdades — de meados do século até cerca de 1890; e, por fim, até ao termo do primeiro quartel deste nosso século, a fase do *democratismo* possível na *possível* mediação das realidades nacionais.

Nesse período matinal da efloresência do liberalismo português, quanto entusiasmo, quanta ênfase, quanta retórica no altar do nume *Liberdade!* Naturalíssimo é que assim tenha ocorrido, pois não é pela fala que todas as revoluções principiam? As orações mais ou menos inspiradas dos constituintes de 1821 são uma primeira fase do invento e da apropriação da atitude revolucionária em Portugal; e, por isso, afigura-se injusta a atitude de um Herculano, firmado na sua posterior experiência da Carta Constitucional (1826), da guerra civil (1832-134) e da legislação ditatorial de Mouzinho da Silveira, quando comentava, com ironia, o malogro do vintismo: «Foi um fogo cruzado de banquetes, de procissões, de foguetes, de discursos, de arcos de triunfo, de paradas, de *Te Deum*, de eleições, de artigos de jornais e de salvas de artilharia».

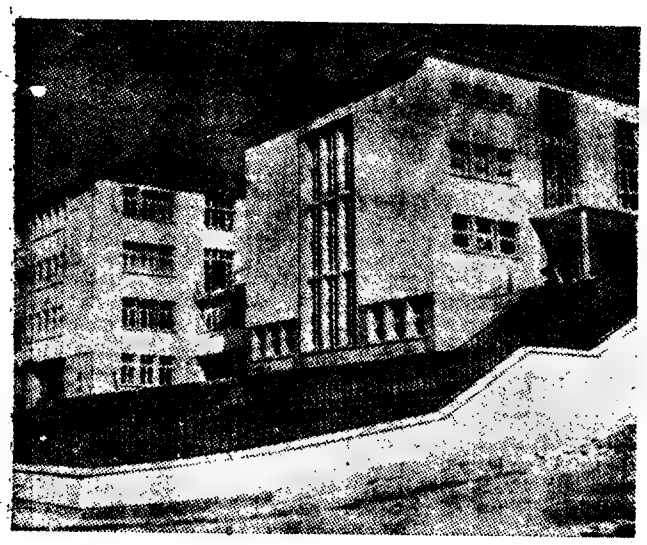
Foi — *mas não poderia ter sido de outro jeito.*

A experiência que, então, se ensaiou foi a da fala da liberdade, pondo-a á prova, tentando ela acordar a bela adormecida que era o País. A criatura, porém, nem buliu. Só viria a acordar quando, mais de 10 anos após, a guerra civil pôs termo ao domínio miguelista e os decretos de Mouzinho da Silveira principiaram a afeiçoar a prática social e económica das gentes.

(Continua na 15.ª pág.)

Colóquio da C. E. U. D.

A C. E. U. D. promoveu ontem mais um colóquio no Centro Escolar Fernão Boto Machado e durante o qual foi abordado de novo o problema ultramarino (LER NA ÚLTIMA PÁGINA)



O edifício da escola técnica de Portalegre

Portalegre — excepção eleitoral

Um dos distritos portugueses de maior superfície e de menor população — o de Portalegre — é hoje apontado, nos meios oposicionistas, como uma excepção eleitoral. Na verdade, dos 18 distritos da metrópole, apenas Portalegre apresenta uma única lista de candidatos a deputados e esta proposta pela União Nacional.

O facto só pode surpreender por ter havido um momento no período pré-eleitoral em que, com a entrada em cena dos democratas brigantinos (os ultimos a darem sinal de vida) em que foi possível pensar que, pela primeira vez, a Oposição Democrática apresentaria listas em todos os distritos.

Por outro lado, deve acentuar-se que o facto não é novo. Quem tenha acompanhado um pouco a vida política portuguesa das ultimas décadas sabe que o distrito de Portalegre não foge á despolitização que tem caracterizado o País. Também não é novidade que o «jogo democrático» — na expressão do sr. Presidente do Conselho — não tem sido jogado naquele distrito do Alto Alentejo nos vários períodos eleitorais ocorridos no País, desde 1945, para a designação dos deputados á Assembleia Nacional.

Não se pode falar, evidentemente, de total ausência de preocupações políticas na população ou de completa falta de personalidades politicamente diferenciadas. Mas a verdade é que temos de aceitar como realidade, naquele distrito, um certo empolamento das características patentes, com maior ou menor acuidade, na actual sociedade portuguesa.

OS HOMENS

O distrito de Portalegre ocupa uma área de 5888,61 quilómetros quadrados, o que representa 6,42 por cento do território metropolitano. Ocupando

(Continua na 11.ª pág.)

espelho da imprensa

Eleições decisivas

«As eleições portuguesas estão a levantar demasiados problemas. De quem é a culpa? Não há dúvida que a tensão mantida durante tanto tempo tende a explodir. Isso dá lugar a manifestações demagócicas que forçosamente há que recusar. Mas da demagogia têm culpa, além dos seus autores, aqueles que, podendo e devendo deixar abertos os canais do contraste das opiniões, os fecharam. O pluralismo político, formalizado de uma ou outra forma, é de elementar necessidade sociológica. Deveria chegar-se à conclusão de que só são verdadeiramente justos os sistemas pluralistas. O monolitismo não pode ir permanecendo como uma solução transitória e de excepção.

«Em Portugal existe muita força reprimida. Os quarenta anos de salazarismo, admiráveis no plano do saneamento administrativo, monetário e financeiro, não o são tanto noutros planos. E, desde o início, o sistema português cometeu o erro de pretender, a todo o custo, o conformismo. Esse facto motivou até que homens com postos de relevo no sistema passassem para a Oposição, ou, o que é ainda, mais grave, voltassem as costas e se situassem numa indiferença sem esperança. Por outro lado, o salazarismo não resolveu — e talvez nem tenha atacado com decisão — o problema social e das estruturas económicas, tanto na Metrópole como no Ultramar. Vivemos uma época em que a política ou é social e reformadora das estruturas económicas ou não é verdadeiramente política. Além disso, as questões políticas do Ultramar português reclamam uma profunda reformulação.

«Daí o ambiente de crítica radical e de cisão com que se nos apresentam as eleições portuguesas. Lição grande e cheia de ensinamentos. Queremos crer que o povo português, como outras vezes, adoptará a posição razoável de não se agrupar por detrás da demagogia. Mas seria igualmente funesto que as eleições não modificassem o «statu quo». Porque quando os sistemas caem no imobilismo, terminam cadaverizando-se. Dos governantes atentos devemos apreender as lições de experiência viva. E esta experiência, pelo que se está a ver na campanha eleitoral portuguesa, aconselha uma viragem para um compromisso de mutuo respeito entre o Governo e a Oposição. Se esta tiver presente a sua responsabilidade histórica, pode e deve dar ao Governo uma margem para que o jogo político seja possível. Também se governa da Oposição quando a Oposição entra no jogo e se lhe abre.

«A catástrofe para Portugal seria uma retirada da Oposição — como certos demagogos apregoam à doida. E não o seria menos a simplificação falsamente triunfalista de pensar que a retirada da Oposição eliminava os problemas postos ao sistema. Os problemas existem e são de vulto. Resolvê-los é tarefa conjunta de um Governo aberto e de uma Oposição colaborante. O patriotismo consiste em que cada grupo olhe para os interesses gerais do povo e abandone a fortaleza em que se refugiou. Governo e Oposição jogam agora em Portugal o futuro do país. As de agora são — desde há longos quarenta anos — as eleições mais decisivas do povo lusitano.»

(De «Ya», diário monárquico espanhol de 13-10-69)

Acontecimento

«*Marcelo Caetano* foi o acontecimento máximo da semana para os portugueses. De todos os cantos de Portugal, das províncias ultramarinas, das Ilhas Adjacentes, manifestações do mais vibrante patriotismo, sinceras demonstrações de regozijo pela passagem do primeiro aniversário da gestão do sr. Presidente do Conselho. No importante discurso comemorativo, entre outras coisas da maior valia, S. Ex.ª afirmou: «Importa que os governantes auscultem o pensamento dos governados.»

(«A Voz de Palmela», 9-10-69)

Modo de pensar

«O País vive uma fase nova de movimento político que os da nova geração estranham porque não viveram outra fase que não fosse a paz de espírito dado á paz da família, desde o tempo do Presidente Salazar.

Interrogam-se aqueles que não têm partido, mas acham que se deve respeitar a ideologia de cada um sempre que a ausência e a acção seja comum ao bem de todos. Desde, outrossim, que não haja alteração de ordem, disciplina e paz.

A União Nacional define o seu programa, põe cartazes.

Porém, em Valongo, nas imediações da Câmara, tipos sem escrúpulo, não sabemos quem, nem de que terra, vieram sujá-los com tinta e invalidar assim a sua função de propaganda honesta.

Protestamos contra destruição, contra a diminuição, o amesquinhamento. Cada qual, com elevação, pode definir a sua posição, mas não existe direito de se invalidar palavra ditas ou escritas, com nomes feios, ameaças ou tintas.

Que se estraguem cartazes quando ainda são precisos, isso é que não aceitamos, sejam eles de que partido forem. Quando muito que pusessem outros ao lado daqueles, doutro partido.

Logo, o aspecto que oferecem pintados com cruzes, é deprimente para nós que queremos a ordem, a paz na família e também na consciência!»

(«Correio do Douro», 9-10-69)

ASSIM VAMOS NÓS

C. D. E. — exposição de cartazes

Já se encontra aberta ao publico a exposição de cartazes e outros elementos de propaganda da C. D. E. de Lisoba.

O certame funciona na loja do prédio onde está instalada a sede daquela Comissão.

A loja foi decorada pelos componentes da Comissão de publicitários de apoio á C. D. E., com simplicidade e muito engenho, tornando-se particularmente notados os efeitos que os decoradores conseguiram extrair dos objectos expostos e a luminosidade do ambiente.

Na loja são distribuidos documentos de esclarecimento do eleitorado e prestadas informações aos democratas interessados.

Protesto

A C. D. E. de Lisboa distribuiu á Imprensa uma informação em que se afirma: «Informam-nos que têm sido colocados cartazes da U. N. em locais onde a respectiva afixação se encontra vedada por disposição legal, como por exemplo na Praça D. Pedro V (Rossio). Fizemos notar que, ali, não podem sequer ser afixados editais da Câmara Municipal de Lisboa.

Soubemos, também, que muitos dos folhetos de propaganda da U. N. não incluem indicação do editor. Terá o governador civil visado esses papéis?

Verifica-se pois, mais uma vez, a dualidade de critérios que ilustra a parcialidade com que tem decorrido a campanha eleitoral. Enquanto á U. N. não são levantados obstáculos nem dificuldades a Oposição Democrática luta com problemas que lhe são postos dentro dos limites mesmo da legalidade.»

Estas perguntas não podem deixar de obter resposta. Elas interessam não só á C. D. E. como a toda a Oposição.

Onda de protestos contra o ataque à sede da C. D. E.

O ataque contra a sede da C. D. E. de Lisboa suscitou em todo o País uma onda de protesto. Aquela organização eleitoral tem recebido centenas de telegramas de solidariedade dos democratas portugueses e a sua indignação. À sede, e com idêntica intenção, afluíram milhares de pessoas, entre as quais o sr. dr. José Pedro Pinto Leite, candidato da U. N. por Lisboa, que ali manifestou, em seu nome e no da Comissão Executiva daquele organismo, um total repúdio pelo atentado.

Entretanto recebemos da Comissão Democrática Eleitoral de Lisboa, com pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Em face dos atentados contra a sede da C. D. E. e o candidato dr. Pereira de Moura, assim como contra o candidato da C. E. U. D. pelo círculo de Beja, o escritor Urbano Tavares Rodrigues, recebemos o seguinte documento de protesto:

«Protestamos contra violências ás Comissões Eleitorais e seus representantes. Protestamos contra toda a forma de violência.»

Este documento foi enviado a diversas entidades, entre as quais os candidatos prof. Pereira de Moura e dr. Urbano Tavares Rodrigues e foi subscrito por: António Quadros, Sebastião Jorge da Silva Costa, Herberto Helder, Joaquim Augusto de Aguiar, Alexandre Babo, Manuel de Azevedo, Carlos Fernandes, Francisco Relógio, Carlos Coutinho, Orlando Victorino, Julio Pereira, Domingos Monteiro, Patrícia Joyce, Agnelo Castanheira, Alberto Almeida, Luís Manuel da Cruz Barbosa, Jorge da Conceição Santos, Jorge da Silva Castro, Eduardo da Cruz, R. Colaço, José Pereira Ribeiro, António Delgado, António Mateus, Artur Miguel Gouveia, António Chaves Maia Louro, Oscar do Nascimento, A. Fernandes, António Morais, José Machado, Duarte Piedade Maldonado, Carlos de Oliveira Rocha, Manuel Ramalho Gantes, Carlos António Pitacas Antunes, Manuel de Freitas Gil, Natália Pais, Virgínia Mendes, Maria Beatriz Mensurado Carlacho, Francisco Cary, Raul Dias da Cruz, Joaquim da Silva Lourenço, Rui Gracio, Fernando Augusto Monteiro, Henrique Manuel Paulo da Silva, António Branco Castilho Duarte, Henrique Alberto da Cunha Gonçalves, Joaquim José Mateus dos Santos e vários outros nomes.

Pela Comissão Política: *Joaquim Mestre* e *Jorge Sampaio*.»

Também na sessão promovida em Alcanena pela U. N. de Santarém, o candidato e vice-presidente da Comissão distrital daquele organismo, dr. Julio Dias das Neves, manifestou a repulsa dos candidatos pelo círculo, pelo ataque feito á sede da C. D. E. de Lisboa, e leu um telegrama de apoio dos mesmos candidatos ao sr. Presidente do Conselho, sobre a decisão de mandar averiguar com rapidez, as circunstancias em que se verificou o assalto e seus autores.

Impõe-se um esclarecimento — diz a C. E. U. D.

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática do distrito de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«1. Em nota ontem distribuída, a Comissão Executiva da União Nacional lamenta e reprova o assalto á sede da C. D. E. praticado na madrugada do dia 16. Ora sabe-se que os assaltantes colocaram cartazes da U. N. nas paredes do edifício daquela sede.

Diz a mesma nota que a U. N. nada tem a ver com os atacantes. Porém, uma pergunta se impõe: onde foram eles buscar os cartazes da U. N. que afixaram? Serão os serviços de propaganda daquele movimento vulneráveis ao ponto de quaisquer díscolos terem acesso aos cartazes? Não haverá dentro da U. N. coniventes no acto?

Impõe-se um esclarecimento imediato,

Tanto paternalismo!...

Pelos candidatos: *Francisco Zenha* e *José Carlos Mègre*.»

Diário de um candidato

ARMANDO BACELAR

11-10 — Finalmente apareceu num dos jornais o *«Manifesto dos Candidatos da União Nacional pelo Círculo do Porto»*, que têm hoje a sua sessão de propaganda eleitoral no Cinema Nun'Álvares, desta cidade. Quando vim para o escritório escrever esta nota passei por lá.

A verdade é que, pelos critérios oficiais aplicados á Oposição noutros distritos, nem o manifesto poderia vir a público nem a sessão poderia realizar-se. Foi o caso que as listas de Candidatos em que houve cortes (como as de Leiria, C. D. E. de Lisboa e Braga) não puderam iniciar as suas campanhas, e nomeadamente realizar sessões e conferências de imprensa, enquanto não procederam ás suas substituições, com o fundamento de ainda não estarem constituídas definitivamente. Por isso, as respectivas Comissões tiveram de prescindir de recursos, aceitar decisões de que discordariam e substituir os eliminados. Senão não teriam campanha, o que comprometeria toda a sua acção. Ora a lista A, da U. N. do Porto, ainda não está aceite definitivamente, porque o recurso interposto para o Supremo Tribunal Administrativo, pelo Dr. António Macedo, com o fundamento de que os seus componentes (tal como os da lista de Moçambique, totalmente eliminada por isso) não comprovaram ser portugueses de origem, ainda não foi julgado. Poderíamos ter reclamado para o Senhor Governador Civil representante do distrito do ministro do Interior de que partiu aquela orientação e que os governadores civis de Leiria, Lisboa e Braga representam igualmente. Mas nós somos democratas, não queremos um deus para nós e um *demónio* para os outros; nem sequer queremos para os outros um mal que achamos injusto para nós, ainda quando os outros se chamam União Nacional e assim não procedem para connosco. Portanto, considerado o caso, deixamos passar.

O manifesto, mesmo para quem pouco esperava, constitui uma decepção. Generalidades e grandes palavras, vazias de conteúdo. Ausência de opções ou de soluções concretas, próprias de quem não sabe ou não quer definir uma linha de rumo. Traduz bem a incerteza da orientação governativa que virá a vencer depois das eleições. Dá para andar para trás como dá para andar para a frente moderadamente e sem estremeções.

Dizem-se os manifestantes *«provindos de várias correntes»* mas unidos na «aceitação incondicional dos supremos interesses da Nação» que não definem. Afirmam-se livres e independentes, «na tolerância e compreensão mútuas das divergências acessórias», repudiando aquilo a que chamam «a alienação insuportável daquela liberdade e independência á tutela duma disciplina partidária». Aceitam «a unidade moral da Nação», para preconizarem uma «obra de aperfeiçoamento e evolução das políticas concretamente referidas ao progresso moral e material do País», incompatível com a «destruição prévia das estruturas existentes». Declaram que «o pluralismo político da U. N. garante a independência dos candidatos e basta para efectivar o plano de diálogo». Proclamam-se do «pensamento cristão» e prometem fidelidade á «linha política defendida por Marcello Caetano». Finalmente alinham as reformas que preconizam: — Desenvolvimento económico rápido e intenso; — Melhoria na repartição do rendimento nacional; — Melhoria, expansão e generalização do ensino; — Generalização, tão vasta, quanto possível, das oportunidades oferecidas a cada português, independentemente das suas condições económico-sociais; — Defesa das estruturas morais da Nação, com relevo para a família; — Aperfeiçoamento das estruturas de representação orgânica; — Política de juventude que se oriente pela integração progressiva e consciente dos jovens nas responsabilidades que lhes cabem na modelação de Portugal de amanhã.

Entenderam? É isto o que se chama falar claro. Dá gosto tomar contacto com opções tão rasgadas e precisas! E armados com um tão definido «ideário» que os Candidatos da U. N. do Porto, como os do resto do País, irão partir, «chevaliers sans peur e sans reproche», com os olhos postos na Pátria amada e com os bolsos cheios de receitas destas, á conquista da futura Assembleia Nacional, se lá chegarem.

Acácio não diria melhor. Um Acácio que tivesse amordaçado o Ramalho das *«Farpas»*, depois de, finalmente, ter tido um acesso de lucidez para lhe entender o riso.

13-10 — Hoje notei muito simplesmente o que, desde há dias, vinha a desconfiar: — que dos meus telefones não se podiam fazer chamadas interurbanas. Isto e o facto de certas cartas deitadas no correio não terem chegado aos destinatários bastou para me tomar melancólico, duma melancolia inconformada que nem o hábito intermitente atenua. Telefonei para as avarais. Mas receio que, nos tempos mais próximos, a reparação não venha a ser fácil. Os telefones automáticos são mecanismos delicados e sujeitos a moléstias; e os correios andam cada vez mais sobrecarregados de serviço, passando os extravios de correspondência como fatalidades naturais.

A situação do rural alentejano aflorada numa sessão da C. E. D. em Serpa

No Teatro Cine-Esperança, de Serpa, efectuou-se mais uma sessão de propaganda eleitoral, promovida pela Comissão Democrática deste distrito. Presidiu o sr. José Martins Rocha, daquela comissão, e a abrir a sessão a numerosíssima assistência cantou o Hino Nacional.

Em seguida foram lidos telegramas dos drs. Ramon de la Féria (pai e filho) e do sr. José Pires Melão, e foi guardado um minuto de silêncio pela memória de alguns democratas serpenses falecidos.

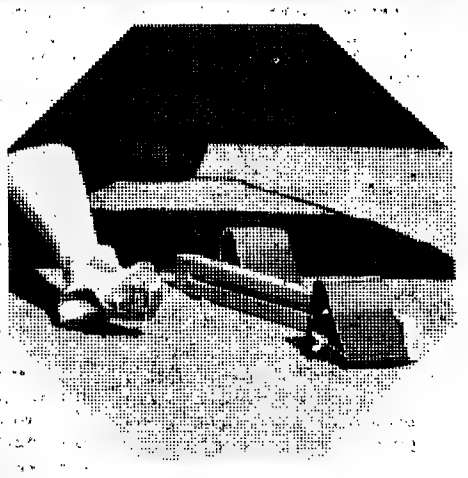
Os oradores da sessão foram os sr. Allen Camacho que abordou os problemas da saúde, do ensino e da liberdade; José Reis Colaço, que se ocupou, especialmente, da Declaração Universal dos Direitos do Homem; dr. Aníbal Costa, que fez uma incisiva crítica ao sistema da assistência médica das Casas do Povo e da Previdência; eng.º Areosa Feio, que se ocupou da situação do trabalhador rural alentejano; e dr. Celso Pinto de Almeida, que apontou algumas anomalias verificadas nos cadernos eleitorais da freguesia de Pias, criticou o manifesto dos candidatos da União Nacional pelo círculo de Beja e louvou a atitude destes por haverem exprimido repulsa pela agressão de que foi vítima o candidato da C. D. E. dr. Urbano Tavares Rodrigues.

Foi lida uma mensagem deste, que provocou extraordinário entusiasmo entre a assistência, que aclamou repetidamente o seu nome. Ao encerrar a sessão, o sr. Martins Rocha congratulou-se por mais uma prva de exemplar civismo que ele tinha proporcionado. A autoridade esteve representada pelo chefe da P. S. P. de Beja, sr José Lucas, que, no final, foi cumprimentado.

MG 1300 MARK II

a classe desportiva de sempre...

...e o arranque e a aderência ao terreno de um "sprinter"!



Com um arranque instantâneo, cheio de poder de aceleração e bem agarrado ao terreno «aquele» sprinter, tal e qual como um MG 1300 Mark II, será o primeiro a chegar à meta. Tenha por meta o MG 1300 Mark II e será sempre o primeiro! É fabulosa a sua condução desportiva e de um conforto notável o seu interior requintado. Experimente uma sensação nova, uma nova maneira de conduzir, ao ter nas mãos, sempre pronto a satisfazer a sua «queda» desportiva, o MG 1300 Mark II!

SPCS - 19.69

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 11 - Av. 5 de Outubro, 168 - Rua da Escola Politécnica, 39 - Lisboa / Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto / Agentes em todo o País

Bases de uma política democrática de educação e cultura propostas pela C. E. U. D.

Da C. E. U. D. de Lisboa, recebemos o seguinte comunicado:

Projecto que a Comissão de Estudos Pedagógicos da C. E. U. D. propõe, como instrumento de trabalho. Agradecem-se sugestões críticas que a leitura e a discussão do documento possam suscitar.

I — PONTO DE PARTIDA

Toda a política e acção educacionais e culturais tem de programar-se e efectivar-se visando os fins supremos que as tornam uma oficina de humanidade. Por isso o programa a curto prazo das medidas a empreender só tem sentido em função dos objectivos a médio prazo, e estes, por seu turno, no contexto dos objectivos a longo prazo.

II — IGUALDADE PERANTE O ENSINO

A todos devem ser garantidas iguais oportunidades de formação mental e física de acordo com a totalidade da riqueza do património humano realizado e em realização. Assim, cada qual terá a preparação profissional adequada á vocação, a formação cívica e o desimpedido acesso á cultura e á vida colectiva que lhe permitam construir plenamente a sua personalidade e dar a sua contribuição máxima á sociedade. Perante a escola todos têm de ser socialmente iguais.

a) Todos têm direito a receber a educação e a instrução até ao nível a que lhes possibilitem chegar as suas capacidades intelectuais e as características da sua personalidade.

b) Todos os que recebem a educação e a instrução referidas estão, por isso, dispensados de outro trabalho para ganhar a vida.

III — EDUCAÇÃO E CULRA DE BASE

a) Todos receberão bases de educação e cultura iguais antes da especialização profissional; as diferenças resultarão, apenas, das tendências fundamentais da personalidade de cada qual.

b) O ensino será obrigatório nos escalões elementares e médios (bases gerais de educação e cultura), isto é, dos 4 até aos 15 anos. Este limite superior deverá vir a ser levantado o mais rápidamente possível para os 18 anos.

IV — EDUCAÇÃO PERMANENTE

Todos os homens, sejam quais forem as suas profissões e os graus de ensino a que tenham podido chegar, têm direito a melhorar a sua posição socio-profissional e a enriquecer os seus ócios fruindo e participando na criação de todos os benefícios da cultura e da vida colectiva (princípio da educação permanente).

a) Organizar-se-ão cursos de aperfeiçoamento profissional e de actualização especial e geral a que voltem várias vezes na vida os trabalhadores de todos os níveis, bem como cursos que proporcionem aos que o merecerem o reingresso numa carreira escolar que os leve a um grau superior áquele a que chegaram.

b) Uma organização cultural e cívica pós-escolar, fortalecerá em todos a consciência do cidadão e do trabalhador, abrindo-lhes os horizontes de todas as formas de cultura e de criação colectiva — da música á ciência, das artes plásticas á literatura, do teatro ás viagens, da política ao desporto, etc.

c) O Estado, obrigando-se a satisfazer as exigências colectivas, terá a sua própria rede de centros de cultura, bibliotecas, museus, teatros, cinemas de ensaio e clássicos, exposições, cursos e conferências, etc., bem como subsidiará e auxiliará por todos os meios os empreendimentos privados congéneres.

d) O Estado chamará a si, ou encorajará, a formação de animadores culturais, indispensáveis a muitas das actividades de educação permanente.

V — FINALIDADE DO ENSINO E CONFIGURAÇÃO DA ESCOLA

O ensino visa o completo desenvolvimento da personalidade de cada educando, com a formação da consciência do cidadão e do trabalhador, isto é, os dois vectores fundamentais da formação integral do homem. Educação como personalização.

a) A escola constituirá uma pequena sociedade, de que são eliminados quanto possível os defeitos da sociedade adulta, mas em que se preparam os educandos para fazer frente a esses defeitos. Educa-se, pois, para uma civilização em mudança, e para que cada futuro cidadão seja um factor consciente de transformação ao serviço da comunidade nacional e da humanidade, e não para simplesmente adaptar cada qual á estagnação de uma sociedade que consente na injustiça e nas mais gritantes carências.

b) Como pequena sociedade, abrangerá a escola todas as actividades: trabalho manual, trabalho intelectual, desporto e educação física, diversões, actividades associativas, convívio, fruição e criação artística, etc. (princípio da educação integral e da educação como vida e não como simples preparação para a vida).

c) A aprendizagem não será recepção passiva da lição do mestre, mas sim actividade criadora, sempre que possível espontânea do educando, sob a orientação não impositiva e com a colaboração do professor. O educando terá o ensejo de iniciativa na escolha das suas actividades, que se procurará brotem ao máximo dos seus interesses, despertando forte motivação (princípio do interesse e da escola activa, da educação funcional).

d) Deve procurar-se fazer desaparecer o ensino dirigido a uma multidão anónima (o que obriga imediatamente a reduzir o número de alunos por turma), a fim de passar a considerar-se de per si a personalidade de cada educando (princípio da individualização do ensino ou da escola por medida).

e) Os alunos e estudantes trabalharão o mais possível em tarefas de colaboração, a escola funcionará como uma sociedade em que se dividem funções num exercício solidário (princípio da socialização da educação).

f) A responsabilidade do educando impõe sem escamoteações a sua participação efectiva no governo da escola e de todas as instituições escolares e peri-escolares; os seus representantes devem ser eleitos sem qualquer discriminação, e ás suas associações assegurar-se-á ampla autonomia, com recusa de qualquer intromissão e garantia de poderes definidos (princípio do *self-government*, da educação pela cidadania).

VI — ENSINO COMO CRIATIVIDADE

O ensino não é mera transmissão de cultura feita, não ministrará um corpo fechado e estático de conhecimentos considerados definitivos: partirá, sim, de problemas, numa atitude de constante indagação, seguirá na medida do exequível a actividade de descobrir, arquitectar hipóteses, verificá-las, discuti-las, discutir conclusões e caminhos; sempre impregnado do espírito de pesquisa, numa orientação crítica, incutirá o sentido de que os conhecimentos e toda a cultura se criam e continuarão a criar, de maneira inconformista, inovadora.

VII — CONTEÚDO DO ENSINO

As matérias escolares terão em conta:

a) A evolução natural das capacidades, dos interesses e formas de actividade do educando e o favorecer da sua iniciativa;

b) As necessidades de preparação para a sociedade adulta, não apenas como está, mas sim como a estão a modelar os homens, voltados para o futuro.

VIII — ESQUEMA DO ENSINO

O ensino deve estar organizado em harmoniosa coordenação dos seus graus e em correlação com a estrutura ocupacional do País.

IX — ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

A movimentação dos alunos no esquema do ensino deve ser regulada apenas pela capacidade de bem empregar os dotes próprios.

Para isso cumpre garantir:

a) uma adequada distribuição geográfica da rede escolar;

b) medidas eficazes de protecção social escolar;

c) conselhos de orientação alicerçados no exame científico das características mentais dos alunos e na consideração do seu aproveitamento escolar (individual e grupal);

d) a flexibilidade do esquema do ensino, que permita a reorientação do rumo escolar e o reingresso no ensino daqueles que se lançaram cedo de mais na vida activa.

X — COEDUCAÇÃO

Admitindo-se que a coinstrução seja evitada nos casos em que haja contra-indicação biológica, psicológica ou profissional, *em todos os graus de ensino vigorará a coeducação*, regime favorável á criação de atitudes sãs, assentes no conhecimento, compreensão e respeito recíprocos dos rapazes e das raparigas e exigido pelo facto sociológico de uma presença nova da mulher no mundo do trabalho, das responsabilidades sociais e da cultura.

XI — NÃO DISCRIMINAÇÃO

No ensino público, que será laico, não poderá consentir-se em nenhuma discriminação que tenha por fundamento a atitude dos pais e do educando perante a religião.

a) Nenhuma coacção directa será exercida a favor do ensino exclusivo de uma dada religião.

b) O ensino religioso, seja qual for a religião, poderá ser ministrado na escola pública a rogo dos educandos ou dos pais dos educandos.

XII — ESTATUTO DA CARREIRA DOCENTE

A obra de formação educacional e cultural da juventude e do povo implica a decisiva promoção social e moral da função educativa, designadamente a promoção dos professores. A valorização da carreira docente deve firmar-se na revisão da condição material e jurídica do ofício de ensinar, da formação e actualização profissional do magistério, bem como na contribuição activa deste para a elaboração de uma política nacional de educação e cultura.

a) Ao professor exige-se idoneidade moral e cívica, competência científica e competência pedagógico-didáctica. Por idoneidade moral e cívica nunca poderá entender-se a conformidade com a política no poder, seja ela qual for. São de recusar todas e quaisquer discriminações a partir das ideias professadas e da acção cívica exercida. Nunca a escolha do pessoal docente ou administrativo pode estar subordinada a informação ou parecer de entidade não estritamente científica e pedagógica. A selecção desse pessoal deve assentar essencialmente no curriculum vitae (formação académica e profissional, estudos e tarefas realizadas, etc.).

b) Será reconhecida a capacidade de iniciativa do professor para experiências pedagógicas e didácticas, sem peias burocráticas.

c) A direcção das escolas pertencerá sempre ao professor eleito pelo menos pelo corpo docente de todas as categorias, e terá base colegial.

XIII — FINALIDADE E ORGANIZAÇÃO DA CRIAÇÃO CULTURAL

Todas as formas de criação cultural, inovadoras — a investigação científica e tecnológica, o pensamento reflexivo, a criação artística e literária, o ensino —, são funções de utilidade social fundamental, alicerces do desenvolvimento económico e de uma civilização humanista. Devem, por tal razão, estar organizadas de maneira a que resulte o máximo proveito prático e cultural para a sociedade no seu conjunto, sem prejuízo da necessária e legítima liberdade do investigador e do criador.

a) O Estado tem o dever de assegurar as condições materiais e culturais da investigação e criação, incluindo, pois, os meios de existência do investigador e do criador e todo o equipamento para a sua actividade (laboratórios, bibliotecas, etc.). Sem prejuízo de que fomentará e auxiliará as iniciativas e realizações privadas.

b) O Estado tem o dever de garantir a publicação dos trabalhos científicos, bem como que o público entre em contacto com as obras de cultura criadas. Também aqui estimulará e ajudará os empreendimentos privados.

XIV — LIBERDADE DE CRIAÇÃO E COMUNICAÇÃO CULTURAL

O Estado não pode arrogar-se qualquer direito de impor directrizes filosóficas, ou uma estética determinada, ou limites políticos e ideológicos á investigação e á criação da cultura. Cabe aos investigadores e criadores autodeterminarem-se, atendendo, é claro, aos interesses da colectividade nesse momento, mas sem quaisquer peias, seja qual for o pretexto ou a conjuntura invocada.

a) A todos os investigadores, criadores e educadores tem de reconhecer-se o direito de acesso sem quaisquer restrições á documentação necessária aos seus trabalhos, bem como aos meios de pesquisa ou criação e elaboração, não se aceitando a legitimidade de declarar tabu qualquer tema ou de vedar o conhecimento de fundos arquivísticos ou outros (só sendo de admitir restrições quanto a períodos de tempo muito recentes e a sectores limitados).

b) A investigação científica, o pensamento reflexivo, a criação literária e artística, e cultural em geral, quer nas suas fases de preparação e trabalho, quer nas de comunicação com o público, nunca podem estar sujeitas a qualquer censura prévia ou posterior, nem depender de quaisquer licenças ou estar sujeitas a quaisquer retalhações ou entraves.

XV — ASSOCIAÇÕES AUTÓNOMAS DOS CRIADORES DE CULTURA

Os criadores de cultura (professores, investigado-

(Continua na 12.ª página)

As sessões de hoje da C. D. E. de Lisboa

A C. D. E. promove hoje oito sessões, uma das quais em Lisboa e as restantes em sete localidades diferentes do distrito.

Em *Lisboa* ás 21 horas, no Centro Escolar Republicano Botto Machado), presidida pelo candidato José Gaspar Teixeira, sobre a situação política em Portugal. Usarão da palavra Manuel João da Palma Carlos e António Horácio Simões de Abreu.

Em *Estribeiro-Abrigada* (ás 21 horas), na adega de Luís André, presidida por Adriano Luís de Almeida Graça, sendo oradores o candidato Jorge Sampaio e José Lopes de Almeida.

Em *Odivelas* (ás 21 horas), no Largo da Memória, 2-1.º, presidida por José Augusto Gouveia, sendo oradores o candidato Mário Sottomayor Cardia e Afonso de Barros.

Em *Vilar-Cadaval* (ás 21 horas), em casa de António Rodrigues, presidida por Aníbal Madeira Rodrigues, sendo oradores os candidatos Vítor Wengorowius e João Benard da Costa.

Em *Vila Franca de Xira* (ás 14 e 30 horas), na quinta do Palyard, presidida por José António Veríssimo Silva, sendo oradores os candidatos João Benard da Costa, Rosalina Pinhó e, ainda, Afonso de Barros.

Em *Moscavide* (ás 16 horas), no Centro Social, praceta Estado da Índia, presidida por José Eduardo Gomes, sendo oradores o candidato Mário Sottomayor Cardia e Luísa Amorim.

Em *Loures* (ás 19 horas), no Clube União Recreativa de S. Julião do Tojal, presidida por Armando Caldeira, sendo oradores o candidato José Gouveia e Luísa Areosa Feio.

Em *Oeiras* (ás 21 horas), na Sociedade União Musical Escolar de Oeiras, presidida por Andrade Neves, sendo oradores os candidatos Mário Sottomayor Cardia, Glória Marreiros e João Benard da Costa.

manifesto

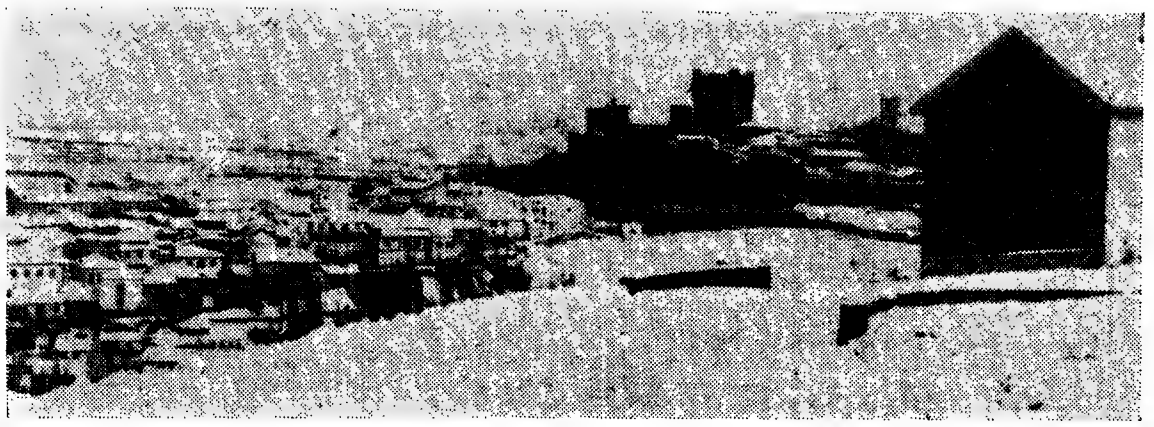
Dos candidatos da Oposição do distrito de Bragança

Recebemos dos candidatos oposicionistas de Bragança um manifesto «Ao Povo do Nordeste», em que se afirma:

«I—No momento em que todo o país corresponde á urgência de sujeitar ao teste da crítica o fôlego de uma *evolução* que se quer, teimosamente, na hipoteca da *continuidade*, os democratas do distrito de Bragança, conscientes do dever de se não evidenciarem pelo silêncio, escolheram-nos como seus candidatos á eleição de deputados para a Assembleia Nacional.

Os nosos nomes não se lhes impuseram como representativos de tendências ideológicas, nem de grupos de influência política, nem de especialidades de saber científico, mas porque, segundo deprendemos, se entendeu que importava escolher quem, livre de compromissos com os grupos dominantes, pudesse dialogar honestamente com as populações do Leste Trasmontano, e levantar, onde quer que seja, e com a devida coragem, a voz em defesa dos seus desprezados interesses. Assim aceitamos a pesada responsabilidade, aparecendo perante o eleitorado apenas com o humilde mérito de sermos capazes de o ouvir, sem lhe impormos préviamente um quadro ideológico ou uma barreira repressiva dos entusiasmos reclamativos ou um código hipócrita de «boas maneiras» — imposições habituais da avareza do «realismo» e do «bom-senso» dos situacionistas sempre que possam perante a clara expressão da vontade popular.

Será sempre este o nosso método e sê-lo-á, de pronto, na presente campanha. Para nós o povo não é um rebanho a comandar nem com o firme pulso dos autoritarismos fascistas nem com as boas palavras das demagogias «liberais». Ele é, antes, um interlocutor inteligente e dinamico, cuja linguagem e dignidade é necessário entender para que a representação dos seus interesses não seja uma das muitas maneiras de o oprimir e explorar. E o povo bragançano, durante séculos educado por tradições municipalistas e comunitárias, é susceptível de iniciar-se em um tal diálogo se houver quem o saiba e queira integrar nas práticas de uma democracia moderna, administrada no respeito de todos pela liberdade de cada um e no respeito de cada um pela solidariedade a todos.



A capital do Nordeste transmontano

Como critério da nossa actuação geral e ainda em harmonia com este propósito de diálogo permanente, nós defenderemos um esquema de desenvolvimento económico do nosso distrito e de reconversão da sua agricultura que se inter-relacione intimamente com as exigências de promoção social e cultural do nosso povo, não de um modo artificioso em que ambas as exigências fiquem como que estranhas uma á outra, mas através de uma estreita interacção entre a conquista da justiça social e de um mais alto nivel de cultura, por um lado, e o fomento da agricultura e a implantação de industrias, pelo outro. Pensamos que há sempre um modo humano de equacionar, por exemplo, o aumento das remunerações do trabalho e a instituição do salário igual para homens e mulheres com um acréscimo da produtividade agrícola, e que não é este que deve ser posto em primeiro plano mas sim o propósito de aumentar o consumo e o bem-estar das nossas populações. Para nós o desenvolvimento do nosso distrito não é apenas um problema técnico-económico mas sobretudo um problema económico-social e implica uma alteração prévia da estrutura agrária. De contrário transportam-se as injustiças sociais que existem hoje em nível de subdesenvolvimento para um nível de desenvolvimento económico, se é que este mesmo pode ser assim atingido.

A nossa abertura ao diálogo com o povo camponês e lavrador desta região já pressupõe esse critério que sempre nos norteará: o agro renovado do nosso distrito queremos que seja uma dádiva do homem transmontano a si mesmo e á Nação e não um novo colete de forças, que, em grave emergência, e perante a ameaça de avassaladora crise e fuga geral do homem á terra da sua miséria, os grupos dominantes do país lhe lançaram em redor do peito para iniciarem outra fase da longa história da exploração da lavoura e do campesinato, agora a serem erguidos do desfalecimento e das ruínas só até ao ponto em que possam novamente financiar, sem condigna compensação, as iniciativas concertadas da grande banca e da grande industria.

O DISTRITO MAIS ATRASADO DA EUROPA

II — Os frutos locais desta antiquíssima exploração exprimem-se por uma série de índices que são os mais baixos de um país que, por sua vez, apresenta os mais baixos da Europa: o distrito de Bragança, sendo, de longe, o que mais energia eléctrica produz, é o que menos energia eléctrica consome, tanto em numeros absolutos, como em valores de capitação (apenas 68,6 quilovátios-hora por habitante em 1967); são irrisórias e as mais insignificantes as suas percentagens do produto interno bruto do país (1,5), do produto bruto industrial (0,2) e do produto bruto do comércio e serviços (1,2); ínfimas, também, as percentagens que lhe cabem da importancia total paga pelo país do imposto sobre aplicação de capitais (0,4) e do imposto complementar (0,2); são também as mais escassas das nossas estatísticas as percentagens do distrito de Bragança no que diz respeito a habitações com cozinha, WC e casa de banho (apenas 4,8), a aparelhos telefónicos (8,6 por mil habitantes), a receptores de rádio (18,5 por mil habitantes), a bilhetes vendidos para espectáculos publicos (327 por mil habitantes) e á população urbana (0,4%). O distrito de Bragança é também, de todos os distritos portugueses, aquele em que se constituiu um menor numero de sociedades comerciais (0,6 % do total existente no país), e essas mobilizam a menor massa de servidores (apenas 0,2 %) assim como representam a mais baixa remuneração global (0,1 %). Embora com boas condições de clima para albergar uma população sadia, o distrito de Bragança é, depois do de Vila Real, o distrito de população pouco densa que apresenta maior taxa de mortalidade infantil (1,4 óbitos de crianças com menos de 1 ano de idade em mil habitantes), e aquele onde é maior a percentagem de partos sem assistência médica ou

(Cont. na pág. seguinte)

O despovoamento, o deserto e a miséria ameaçam o homem do Nordeste

—disse-se na conferência de Imprensa dos candidatos da U. N. por Bragança

BRAGANÇA, 19—«O distrito de Brangança está inteiramente elucidado quanto aos dados do seu próprio problema: uma região secularmente isolada e ignorada pelo Poder, sem indústrias, vivendo ùnicamente da terra explorada por métodos milenários, numa economia estritamente familiar e artesanal, dobrada sobre si, envolta nas suas tradições. Acordou sùbitamente sacudida pela ânsia de «vida melhor» que, como um vendaval, sopra pelo Mundo não podendo dar realidade às suas aspirações. As pessoas fogem e por falta de braços tudo vai parando nas casas como nos campos. Em muitos povoados, mais de metade dos lares apagaram-se e o pousio e o inculto vão alastrando pelas terras abandonadas. Há concelhos em que a percentagem de emigrantes em relação ao saldo de vidas ultrapassa os 3500.»

Foi com estas palavras que o candidato mandatário da lista da U. N. por Bragança, dr. Armando Pires, iniciou a conferência de Imprensa a que assistiram os restantes candidatos situacionistas pelo círculo: drs. Armando Valfredo Pires e Artur Pimentel e eng. Camilo de Mendonça. Prosseguindo a leitura da comunicação aos eleitores, afirmou depois aquele deputado:

«Larga parte da população activa partiu. O despovoamento, o deserto e a miséria ameaçam o homem do Nordeste. É evidente que só uma política de desenvolvimento integral, com base nos recursos regionais a traduzir-se em curto espaço de tempo numa elevação sensível do nível de vida, poderá segurar o homem ao lar e à terra e travar o apocalíptico fenómeno demográfico e económico que nos ameaça de morte. Neste sentido nos últimos anos se vem intentando, por iniciativa da organização regional da lavoura, uma acção que já se exprime em múltiplas realizações dispersas por todo o Nordeste (Cachão, Macedo de Cavaleiros, Bragança, Alfândega da Fé, Freixo de Espada-à-Cinta, etc.) e teve já os seus reflexos nos preços das culturas fundamentais da região. Estão assim dados os primeiros passos, mas à medida que surgem as infra-estruturas indispensáveis ganham acuidade os problemas da irrigação, da assistência técnica, do crédito agrícola, da mecanização, do arranjo do espaço e outros que terão de ser enfrentados rápida e extensamente. À margem da lentidão dos métodos burocráticos, paralelamente devemos anotar que são cada vez mais relevantes os problemas da educação, ensino e preparação profissional e técnica que pensamos serem indispensáveis ao progresso da região. Enfrentá-los à luz de novos conceitos e com maior oportunidade e realismo não pode deixar de ser instante preocupação dado que todo o progresso económico exige o desenvolvimento industrial e, caracterizando-se o Nordeste, pràticamente, pela ausência de indústrias, não pode deixar de se ter como preocupação fundamental a instalação de todas as indústrias possíveis e não só as ligadas aos produtos da terra no nosso espaço territorial. Temos como indispensável — face à tendência contradicionista da região — não só uma legislação apropriada à descentralização industrial como a resolução dos problemas técnicos, económicos e financeiros, mencionadamente o das comunicações, pois que deles depende fundamentalmente o êxito da política de industrialização que se põe tendo em conta a grandeza dos depósitos bancários, consequência dos reenvios dos emigrantes, em contraste com a pequenez dos meios monetários que circulam na região. Consideramos a exemplo de outros países, como solução possível e eficaz, a constituição de uma empresa mista com o capital de meio milhão de contos, votada à tarefa da industrialização do Nordeste para rapidez de actuação e defesa contra emperramentos burocráticos. Julga-se indispensável que os Serviços Centrais deleguem em representantes qualificados junto da empresa o acompanhamento e aprovação dos necessários trâmites e processos no domínio das comunicações fundamentais, como já se acentuou.

Impõe-se acelerar a execução do velho plano rodoviário, já que no Nordeste apenas se cumpriu, até agora, pouco mais de cinquenta por cento do programa projectado, em contraste com o que ocorre em todo o resto do País.

Ainda outro grande problema nos preocupa: a electrificação. Apesar do esforço desenvolvido nos últimos anos, a região continua a ser uma mancha escura. Urge levar a energia a todas as povoações. Mas, principalmente, urge promover a revisão de fundo de toda a política eléctrica que até agora se tem traduzido pelo exagero dos preços e deficiência no fornecimento, numa autêntica exploração desta região que, sem dúvida, é a que mais electricidade e a mais preço produz.

Pensamos firmemente que só pela actuação simultânea e generalizada de todos estes factores poderá alcançar-se a tempo o nível de vida digno e seguro que equipare o Nordeste a outras regiões do País. Mantemos a esperança de ajudar a converter em realidade os nossos propósitos.

Essa esperança nos levou a candidatar-nos e nos dá forças para participarmos nesta imensa, humanitária e patriótica obra que será a salvação desta terra onde nascemos e que tanto amamos.»

O manifesto da Oposição de Bragança

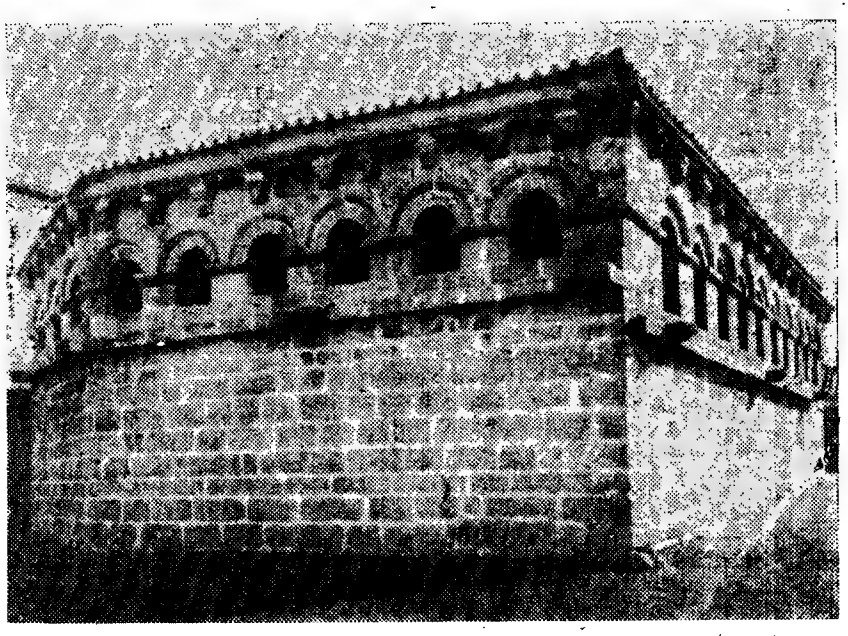
(Cont. da pág. anterior)

de parteira (85). É também o distrito, mau grado os fortes instintos comunitários da população, onde há menos associações desportivas e recreativas. Acrescentemos que há ainda poucos anos um professor da Universidade Técnica de Lisboa, após um minucioso estudo comparativo, apurou que o distrito de Bragança é o departamento administrativo mais atrasado de todo o espaço geográfico correspondente aos países da O. C. D. E. Ora como pertencem a esta organização os países menos desenvolvidos do nosso continente, podemos, sem risco, concluir que o distrito de Bragança é o distrito mais atrasado de toda a Europa.

NUNCA FOI MAIOR A CRISE DA LAVOURA

III — É verdade que hoje se fazem esforços para superar este atraso e o montante dos mesmos ultrapassa em muito tudo quanto foi realizado nas ultimas décadas. Mas será preservar os interesses de uma região aceitar salvá-la apenas quando declina sobre o abismo? O Estado Novo só acudiu ao distrito de Bragança quando o atraso deste ameaçava comprometer o próprio equilíbrio da plutocracia reinante no país criando nesta região, onde tantas riquezas há para serem por ela exploradas, um deserto desprovido de habitantes válidos. Mas o valor dessa obra de reconversão agrícola tem que ser comparado com a generosidade humanista de tantos sonhos anteriores de trasmontanos eminentes que lutaram e escreveram para a salvação destas terras. Se alguma coisa do que eles imaginaram e conceberam está hoje a ser realizada, não o está a globalidade da sua inquietação humana e regionalista, que só se poderia compreender adentro duma prática nitidamente democrática, em que toda a população participasse no seu desenvolvimento e beneficiasse dele e não apenas uma minoria de privilegiados. O reformismo democrático de Trindade Coelho e a sua acção política e pedagógica no nosso distrito dirigiam-se sobretudo á pequena lavoura e por isso ele foi combatido e atraiçoado pela oligarquia e o caciquismo reinantes. Também um homem de acção e pensamento mais recente, o major Guerra Tenreiro, paladino dos interesses da bacia do Douro e deste distrito, preconizava um desenvolvimento regional cujas bases eram democráticas, e assentavam não no primado da produtividade mas no do consumo e do bem estar geral. Tal como para nós, para Guerra Tenreiro a produção deve ser para o homem e não o homem para a produção. E é porque o democratismo deste ilustre bragançano não era na prática tão decidido e aparente como o foi na teoria que o não combaterem mais. É assim que hoje o desenvolvimento regional se opera pacificamente adentro dos grupos dominantes do distrito. Harmonia que se exprime de modo significativa pela coligação política aqui reinante entre os partidários da chamada abertura e os extremistas monárquicos e nazi-fascistas. O progressismo tecnocrático alia-se nestas terras á turma retrógrada dos grandes agrários e seus apaniguados.

É que, antes, se aproximaram demasiado do abismo. Nunca foi maior a crise da lavoura. As taxas de crescimento da produção são irrisórias, um aumento na procura de bens de consumo. É uma situação inconsistente provocada pela fuga de mão-de-obra para o estrangeiro e para os centros urbanos do país e pelo ingresso de milhares de contos ganhos lá fora e aqui depositados nas agora numerosas agências dos bancos. Estes sonegam estes capitais ao investimento local e transferem-nos para as zonas mais desenvolvidas do país. Pela exportação de braços e cérebros este distrito recebe apenas uma fracção do seu valor, pois o que deu em mão-de-obra vale muito mais do que o que recebe em dinheiro, mas o esbanjamento das suas forças não fica por aí, e grande parte desse dinheiro é-lhe arrebatado pelos bancos, e escoa-se através dos canais de uma estrutura injusta da sociedade portuguesa, estrutura a que apenas um desenvolvimento regional francamente democrático e cooperativista poderia fazer frente, deixando de constituir um joguete nas suas mãos e a seu serviço, para se transformar numa verdadeira arma de libertação do povo.



A Domus Municipalis de Bragança — legenda viva de tempo morto passado

A POPULAÇÃO RURAL TEM SIDO SISTEMÀTICAMENTE ESQUECIDA

IV — Se formos eleitos não esqueceremos nunca a grave situação de carência em que vivem os homens e mulheres desta região nos seus vários estratos sociais e havemos, por força do nosso mandato de levar á Assembleia Nacional as suas inquietações e as suas vozes: — tanto as do médio e pequeno proprietário agrícola, como as do trabalhador rural; tanto as do funcionário público como as do comerciante retalhista; tanto as do pequeno industrial como as do operário fabril. Todos estes grupos hão-de ser através de nós ouvidos. Pois, ao contrário do que o Governo procura fazer crer, não é com medidas asfixiantes para uns que se resolvem os problemas dos outros já que, sobretudo numa terra como a nossa, esses problemas são interdependentes e só abordados em conjunto se resolvem.

Porque mais de dois terços da população activa deste distrito se dedica á agricultura, porque a indústria é insignificante ou quase não existe, porque o comércio vive na situação precária que um tal contexto implica, entendemos que a nossa primeira atenção deve dirigir-se para os problemas que afligem a agricultura regional e pesam entre os mais sérios da vasta e profunda crise que, desde há anos, afectam a lavoura portuguesa.

Se quisermos ser objectivos após um balanço á situação do agro no Leste Transmontano, apuraremos abargamente:

— que a população rural (seja proprietária, seja trabalhadora) tem sido sistemáticamente esquecida e abandonada pelos poderes públicos;

— que o apoio financeiro e técnico á lavoura continua insignificante, desordenado e enganador e é um dos factores responsáveis pelo seu abatimento e a sua descrença;

— que nada se fez para alterar o regime da propriedade, tão urgente, quanto é certo o minifúndio asfixiar as potencialidades do norte do distrito e o latifúndio, em parte dos concelhos do sul, fixar aí uma situação de conservadorismo agrário, com o lavrador a ser normalmente absentista, paternalista e feudalista e a desempenhar uma função degradadora da dignidade social e política do enfeudado;

— que nada se fêz para criar uma mentalidade cooperativista esclarecida e séria, tudo se tendo operado, ao invés, para destruir as potencialidades ainda latentes, para este efeito, no regime comunitário tão característico das populações do norte do distrito; e que as experiências ditas cooperativistas, já efectuadas, mais não têm sido que a negação do próprio cooperativismo, tal como é praticado nos povos democráticos; e que para as minorias privilegiadas desta região o cooperativismo mais não tem sido que um meio de compelir as maiorias a um jogo em que estas acabam sempre por perder;

— que nada ou quase nada se fez para garantir á lavoura um apoio financeiro convertível em obras de rega, drenagem, acessos, electrificação e toda uma série de meios, de que ela não prescinde, mas que por si só não pode criar, pois os investimentos necessários excedem as possibilidades duma agricultura deficitária;

— e que nada ou quase nada se promoveu para assegurar ao lavrador o apoio técnico que o oriente numa reconversão sensata de culturas segundo as coordenadas de um programa nacional capaz de oferecer garantias a curto e a longo prazo e de o assistir no dia a dia da sua actividade agrícola.

Ao referirmos tão angustiantes realidades revelamos a determinação de as combater até o limite das nossas forças e afirmamos o nosso propósito de pugnar, com a colaboração de todos os democratas do distrito ligados á vida agrícola, pelos seguintes objectivos:

1.º — Estruturação da propriedade rural privada por forma a dimensioná-la segundo a capacidade realizadora do lavrador e tanto quanto possível por forma a evitar a dispersão da propriedade em inúteis e incómodas parcelas e a dispersão do proprietário na enganadora teia da policultura.

2.º — Associação de lavradores segundo zonas agrícolas bem definidas através de um cooperativismo real — *para cada homem um voto* —, um cooperativismo autónomo, não amarrado e adulterado pelos vícios e contradições da organização corporativa. As formas cooperativas que preconizamos deverão brotar da própria produção agrícola e crescer na consequente industrialização e comercialização dos produtos da terra. Implica este conceito uma distribuição equitativa de pólos de desenvolvimento por toda a nossa região fértil de sub-regiões individualizadas por especiais características agroclimatéricas. A dinamização das terras e populações de Bragança processar-se-la assim, sem os perigos demográficos, sociais e económicos que uma concentração localizada de investimento forçosamente implica.

3.º — Abandono de áreas de cultivo efectiva e potencialmente deficitárias para serem ocupadas pela florestação, esta sempre que possível associada á criação de meios de pastorícia.

4.º — Uma política concertada de preços e de salários capaz de estimular a produção agrícola, de libertar a lavoura das actuais funções de financiadora da indústria e dos serviços e de fixar no campo a mão-de-obra necessária.

5.º — Promoção ampla da vida rural, pelo barateamento da energia eléctrica, por um sistema equitativo e não demagógico de previdência, pelo melhoramento e o cooperativismo habitacionais, pela educação popular, e pela democratização das Casas do Povo, que devem deixar de ser uma confusão de sindicato operário com centro de caridade para se transformarem em meios eficientes de cultura, de convívio e de assistência médica generalizada.

CONTRIBUIR PARA O ESCLARECIMENTO DO POVO TRASMONTANO...

V — Aceitando que nos propusessem como candidatos a deputados, temos a consciência da desigualdade das nossas condições relativamente aos candidatos da União Nacional.

Mas ao convocarmos os nossos conterrâneos para a luta pelos seus direitos e liberdades fazemo-lo com a crença de que algo restará de fecundo depois desta campanha; e que ela em muito contribuirá para uma tomada de consciência dos nossos problemas e da nossa força e como arma popular capaz de compelir o regime a inscrever crescentemente nos seus programas matéria com que possa, se não corresponder á vontade da Nação, pelo menos abrir-se cada vez mais ao contacto com as realidades, para ele tão perigosas, de todo o mundo moderno, inquieto de anseios e possibilidades próximas de justiça e de liberdade.

A nossa concorrência ao debate eleitoral não significa, pois, que aceitemos a valia do teste das urnas tal como o Governo pensa processá-lo. Com a nossa presença nesta campanha nada sancionamos das novas aparências e projectos do regime; aceitamos apenas uma prática que se nos afigura melhor que a indiferença e o silêncio mas que para nós valerá só na medida do calor combativo e da força das razões que nela incluirmos e da consciência concreta que durante ela tomarmos da nossa ludibriada cidadania. Mais que entrarmos no jôgo do regime, interessa-nos reclamando as nossas liberdades eleitorais, instaurando um processo democrático ao acto do dia 26, contribuir para o esclarecimento do povo trasmontano acerca da sua trágica situação e convidá-lo a pronunciar-se sobre os seus problemas e o seu destino.

Nuno Teixeira Neves
Domingos Ponte
João António Vicente
Agostinho Rafael

Comunicado da C. E. U. D.

Recebemos da C. E. U. D. de Lisboa, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

1 — Em várias notas da U. N. se tem convidado a C. E. U. D. a tomar posição ou definir as suas atitudes em determinados pontos. A C. E. U. D. só voltará a dialogoar com a U. N. desde que lhe seja garantida a *integridade dos seus comunicados*. Não é leal da parte da U. N. convidar-nos a expor ideias para que estas sejam mutiladas pela Censura. Quanto ao «abandono» do Ultramar a Censura não cortou a afirmação feita no nosso 1.º comunicado de que «não podemos abandonar, porque abandonar, seria trair, tudo e todos». Julgamos que basta para quem sabe ler.

2 — A bárbara agressão feita a Urbano Tavares Rodrigues foi cometida por elementos por nós conhecidos pessoalmente e que implicam a responsabilidade de dois organismos, um dos quais deveria ser dissolvido imediatamente por nada representar senão um elemento de perturbação da ordem pública e de divisionismo nacional. Pedimos justiça e claridade e acusamos os responsáveis.

Os Candidatos da C. E. U. D.

ALVISSARAS

Dá-se a quem descobrir paradeiro carro Opel Rekord 1700, 4 portas, gas ciene, estofos vermelhos, matrícula DA-94-36.

Informar telef. 538866.

Uma sessão da C. D. E. em Corroios

Os portugueses desejam o fim da guerra no Ultramar

COROIOS, 19 — Com a sala completamente cheia de povo, realizou-se no Ginásio Clube de Corroios uma sesão de propaganda da Comissão Eleitoral Democrática de Setubal.

Com a presença da autoridade a sessão foi iniciada e presidida pelo dr. Agostinho de Sousa Gonçalves que apresentou os oradores, entre outros, os srs. Egas Godinho Parreira, António Augusto Lopes Gonçalves, dr. Malheiro da Silva, dr. Adão e Silva, dr. Tavares da Cruz, candidatos a deputados á Assembleia Nacional.

Fizeram-se afirmações de grande valor e entusiesmo democrático que a assistência, muito interessada, aplaudia.

O dr. Tavares da Cruz, candidato da oposição, disse que o povo português deseja ardentemente o fim da guerra no Ultramar.

Deseja ardentemente ver resolvidos os seus principais problemas e que essas possam trazer ao país o progresso e a união de todos e que se evite que os portugueses tenham que procurar no estrangeiro aquilo que lhe é negado na sua pátria e que a luta pela liberdade e pela democracia continua além do dia 26.

Usou da palavra o sr. Álvaro Monteiro que disse: «Basta que os grandes capitalistas baixem um pouco dos seus lucros para que nós os que trabalhamos possamos ter uma vida melhor.

O sr. João da Cruz, por sua vez afirmou que estava ali para falar áquele «martirizado» povo de Corroios: «Quando é que ele teria direito de poder lá transitar sem ser de calças arregaçadas até ao joelho e na Amora de lá poder passar sem ser com a mão no nariz para evitar o nauseabundo cheiro de Totta alimento».

A seguir falou o sr. Abílio Baptista, da Comissão Eleitoral Democrática de Setúbal. Declarou que, unidos no mesmo ideal, não tenhamos a menor dúvida, venceremos.»

O povo gritou entusiasmado e foi cantada a Portuguesa.

Por último falou o dr. Malheiro da Silva, candidato pela oposição que começou por recordar a sua vida ali em Corroios alguns anos atrás, quando ainda estava a completar o seu curso.

Comparou a facilidade de acesso ás Universidades pelas classes protegidas com a dificuldade que encontram os desprotegidos do Estado Novo. «Portugal — disse — é de todos os portugueses e nunca uma propriedade, de uma despótica minoria. Unidos todos no mesmo ideal, o futuro será do povo.»

A sessão foi encerrada á meia-noite com a assistência cantando a Portuguesa.

A sessão de Sintra da C. E. U. D.

No Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra, realiza-se no próximo dia 21, pelas 21 e 30, uma sessão de propaganda eleitoral, presidida pelo dr. Feliciano Fernandes sendo oradores os candidatos da C. E. U. D. Francisco Salgado Zanha, Sousa Tavares e Mário Soares e o dr. Armindo Rodrigues.

Os bilhetes serão distribuídos em Sintra a quem os solicite, no escritório do dr. Sargo Junior, R. Guilherme Gomes, 1, e em casa de Julio Pinto Tavares, Largo dr. Gregório de Almeida. Em Queluz, na Avenida Elias Garcia, 37, 1.º, esquerdo.

vale a pena medi-lo aos contos de reis

espiral GM 03 01

Percorra palmo a palmo o Viva Standard. Procure conhecer concretamente as vantagens que ele oferece:
Linhas simpáticas e elegantes, espaço interior vasto, mas aconchegado, condução rápida e segura, grande porta-bagagens, motor saudável e resistente (57 Hp às 5400 r.p.m.).
Depois, no seu concessionário Vauxhall, pergunte o preço. Verá que vale a pena medi-lo aos contos de reis.

VAUXHALL
VIVA STANDARD

57 contos de boa marca

GM
MARK OF EXCELLENCE
Um produto GENERAL MOTORS montado em PORTUGAL com assistência técnica em todo o País.

Será Portugal uma sociedad

Gilberto Ramos

Fernando Quintais

Mesa-redonda em que tomaram parte Fernando Quintais (C. E. M.), Gilberto Ramos (C. D. E.) e Manuel Bello (C. E. U. D.). Interveio como moderador o nosso camarada de Redacção Manuel de Azevedo

MODERADOR — O debate de hoje versará sobre um problema que se nos afigura ser importante: saber se Portugal é ou não uma sociedade dualista, seguido de uma análise das causas do atraso socio-económico do País. Parece-me que poderíamos começar por ouvir a opinião dos participantes nesta mesa-redonda sobre os pontos que mais interessaria clarificar.

MANUEL BELLO — Eu creio que quando se fala em sociedade dualista podemos encarar um ponto de vista social e um ponto de vista económico, mas será talvez mais o sob o ponto de vista económico que o assunto interessará ser debatido; de resto do ponto de vista social eu, sob reserva do que os outros dirão, julgo que nós temos essencialmente uma sociedade de classes, digamos, que são várias; a classe proletária que compreende o proletariado no campo e o proletariado industrial que são duas situações já; do mesmo modo na classe burguesa se pode considerar uma pequena ou média burguesia e a grande burguesia pròpriamente capitalista, detentora dos meios de produção. Suponho, portanto, que do ponto de vista social temos talvez uma pluralidade, mais do que uma dualidade, de situações. Do ponto de vista económico há esta noção de sociedade de economia dualista, que nós vemos adoptada em geral pelos economistas das últimas décadas e que sobretudo se refere à coexistência de dois sistemas económicos radicalmente diversos num determinado espaço: é a situação que se encontra tìpicamente nos países subdesenvolvidos, sobretudo africanos, asiáticos, etc., onde existe uma economia tradicional baseada na agricultura de subsistência e com muito restritos circuitos de trocas locais e onde foi incrustada uma economia moderna em determinadas áreas limitadas, economia essa que obedece às leis do mercado e do capitalismo, e que está dependente sempre de economias dominantes exteriores. Estes dois sectores que se criam nestes territórios é que constituem uma economia dualista e que são duas economias que não tendem a integrar-se, visto que estabelecem entre elas relações que são mais de desintegração do que pròpriamente de integração. Eu suponho que, se falarmos agora em Portugal, o que sobretudo existe são disparidades e desníveis muito acentuados de desenvolvimento, no plano espacial sobretudo. Temos regiões que estão no limite mínimo do desenvolvimento, outras que passaram já a um nível um pouco superior e, finalmente, temos os pólos de Lisboa e Porto, que representam as zonas mais desenvolvidas. Portanto, eu, assim à primeira vista, diria que o que existe em Portugal não é tanto um dualismo do ponto de vista económico, mas sim uma diversidade e uma disparidade muito grande nos níveis de desenvolvimento. Há vários estádios que se poderão identificar e que se poderão caracterizar no desenvolvimento das diferentes regiões do País, mas de momento creio que ponho a questão assim e depois veremos como poderemos prosseguir.

FERNANDO QUINTAIS — De um modo geral, o meu antecessor pôs perfeitamente o problema no seu mais profundo fosso, ou seja, o desnível dual e aqui perfeitamente dual que existe entre uma economia e uma sociologia continental europeia, portanto circunscrita ao espaço económico do continente português na Europa, e de um espaço a que chamaremos espaço extracontinental, portanto os restantes territórios de África, Ásia e Oceânia. Neste sentido gostaria de me referir em primeiro lugar a um aspecto, quanto a mim fundamental, implicado em todo o fosso económico e social. É aquilo a que eu chamo (talvez seja um tema de ficção, mas eu adopto-o) um tema de sintonia, que nada tem que ver com o problema em causa, mas quero referir-me apenas a um aspecto de comportamento de determinadas sociedades. Vejamos uma sociedade infradesenvolvida e um habitante dessa sociedade e suponhamos que chega até ele um caixeiro viajante de uma empresa de rádios que lhe diz: «Aqui tem você um aparelho de rádio. Para ouvir notícias carrega neste botão; para ouvir música carrega naquele botão» (se tiver botões; se tiver só um, dirá: «Para ouvir informações carrega naquele botão»). Esse habitante, esse homem, carrega naquele botão e toda a vida passa a ouvir notícias e música através daquele canal. Ele desconhece completamente que existem outros canais, mas quando chegar alguém que lhe ensine a sintonizar para outros canais, ele fez uma descoberta importantíssima. Portanto, o aspecto do atraso socio-económico é fundamentalmente um problema de sintonia, quer dizer, de identificação com a sintonia; portanto, é fundamentalmente um problema de conhecimento, um problema de informação, um problema de educação. Nos aspectos técnicos foram já profundamente estudados, não extensivamente mas intensivamente, por alguns sociólogos e economistas portugueses, entre os quais Adérito Sedas Nunes, cujo trabalho é absolutamente fundamental e de tal modo que, sem o perfilhar inteiramente, não me parece que num tema desta natureza possa ser ignorado.

GILBERTO RAMOS — Eu penso que a tentativa de caracterização de uma sociedade no aspecto de ser ou não dualista não dá uma definição concreta e correcta dessa sociedade, porque a existência simultânea numa sociedade de zonas mais desenvolvidas e zonas menos desenvolvidas é uma característica, penso eu, de todos os países subdesenvolvidos que iniciam uma fase de desenvolvimento ou que estão em contacto com zonas de maior desenvolvimento. E a existência destas duas zonas diferenciadas tanto se pode encontrar numa fase de arranque capitalista como, por exemplo, numa fase de arranque de uma sociedade de tipo socialista, numa fase inicial. Eu julgo que o que caracterizará uma sociedade é efectivamente uma análise das condições que levam a que existam essas zonas e que nos dêem uma perspectiva da sua evolução e também dos motivos que originaram a que ela chegasse a essa fase; de outra maneira estamos a fazer uma caracterização bastante geral e que de modo nenhum, julgo eu, dá uma definição concreta do problema português.

A sociedade portuguesa é uma sociedade que está em vias de desenvolvimento. Portanto, só esse facto implica logo a existência de uma zona mais desenvolvida e outra zona menos desenvolvida, fechada sobre si mesma e retraída. Mas a sociedade portuguesa está também, julgo eu, a sofrer as consequências de uma política oficial que foi adoptada nas primeiras décadas do actual regime. Efectivamente, nas primeiras décadas do actual regime, todas as medidas oficiais foram no sentido de manutenção e até agravamento no nosso País de uma situação conservadora, arcaica, centrada numa agricultura tradicional, e que se limitaria a ter alguns pontos, poucos, de desenvolvimento industrial. Este foi cuidadosamente limitado, de maneira a não perturbar esta paralisação que lhe vinha das estruturas agrícolas arcaicas, e que, por outro lado, não iria dar origem à existência de classes sociais, que por tradição e por necessidade são factores que vêm a pôr em perigo essa estabilidade, portanto a existência de uma classe operária que, desde que atinja um determinado nível, um determinado volume, vem efectivamente, através da sua movimentação, através dos seus anseios, da sua luta, pôr em perigo ou pelo menos abalar essas estruturas. Portanto, esta divisão da sociedade portuguesa que ainda hoje se verifica, a existência de dois pólos de atracção na zona de Lisboa e Porto e, depois de umas zonas intermédias, todo um grande espaço no conjunto português metropolitano constituído por uma zona atrasada, fechada e sobre si mesma, sem indústria, com uma agricultura arcaica, etc. Tudo isto provém simultâneamente do atraso em que Portugal se encontrava e também, e fundamentalmente, das medidas que durante dezenas de anos foram tomadas no sentido de conservar e agravar essas mesmas estruturas; o ideal de sociedade era uma sociedade de tipo feudal, como julgo que todos nós concordamos que era.

Portanto, neste momento, a evolução obrigatória e necessária das coisas levou a que esta orientação oficial, pelo menos nos aspectos económicos, fosse alterada e nós estamos a assistir, principalmente na última década, a uma tentativa de industrialização e até de algumas alterações, embora poucas, nas estruturas agrárias, no sentido de dar satisfação às necessidades e aos interesses nitidamente capitalistas que pretendem que no nosso País se criem estruturas que facilitem a actuação das unidades capitalistas modernas, não só do capital nacional, mas fundamentalmente do capital externo. Portanto, esta mudança da orientação económica, a que não correspondeu até agora uma mudança de orientação político-social, deu origem a contradições e deu origem a que esta diferenciação entre os pólos de arranque e as zonas atrasadas se mantivesse e até se agravasse.

MODERADOR — Penso estar suficientemente expressa por todos a caracterização da sociedade portuguesa actual. De qualquer modo, parece ter-se chegado a uma fórmula mais ou menos comum: a de que somos uma sociedade em vias de desenvolvimento, ou subdesenvolvida, como se queira. A partir daqui, parece chegada a altura de tratar o segundo ponto, isto é, da análise mais aprofundada das causas desse atraso socio-económico. E, naturalmente, viria a seguir um terceiro ponto: algumas sugestões sobre a forma de promover um desenvolvimento mais intensivo, a forma ou formas mais capazes e mais rápidas de solucionar as dissonâncias mais chocantes entre Portugal e o resto da Europa, pelo menos. Portanto, se estão de acordo, iríamos a este segundo ponto.

MANUEL BELLO — Eu creio que, de facto, a causa principal do nosso atraso, a razão por que os outros povos da Europa se adiantaram muito a nós no desenvolvimento económico, foi na realidade a falta de um processo de industrialização e a continuação de uma situação dominada sobretudo por uma agricultura não progressiva e ocupando a maior parte da população activa do País. Eu penso que não será necessário procurar muito longe a origem desta situação, bastará lembrar que no século passado, quando se fez a revolução industrial nos países da Europa, isso teve entre nós uma repercussão muito ligeira, não se criou uma burguesia progressiva e dinâmica como noutros países. Chegámos ao princípio da década de 50 com uma situação que se poderia definir por este dado fundamental: metade, exactamente 50 por cento, da nossa população activa estava empregada na agricultura, e empregada nas condições de um generalizado subemprego, uma vez que grande parte da nossa população activa agrícola vivia de emprego temporário ou desempenhando tarefas mais ou menos supérfluas, constituindo, portanto, excedentes de mão-de-obra que podiam ser retirados da agricultura sem afectar o nível da produção. Era necessário que se tivesse promovido um processo de industrialização acelerado, para absorver esses excedentes de população rural. Isso não se fez, e aí eu estou absolutamente de acordo com o que disse o dr. Gilberto Ramos, que temos que responsabilizar a ideologia e os princípios conservadores e imobilistas que presidiram à orientação do nosso Governo durante tantos anos e que realmente procuravam manter uma situação sobretudo estável e imóvel com receio de perturbações que poderiam vir da constituição do proletariado industrial desenraizado da vida rural. Mais recentemente, pode-se dizer que houve a partir de 50 e até 64, um desenvolvimento industrial bastante apreciável que se pode constatar pelo aumento da população activa no sector secundário; simplesmente este acréscimo de industrialização não foi suficiente para aliviar a agricultura do peso morto do subemprego, reduzindo suficientemente a proporção da população agrícola em relação ao total da população activa. Se formos ver os outros países, por exemplo a Itália reduziu nesse mesmo período a sua população agrícola activa numa proporção muito maior do que nós e sobretudo o que há também a apontar é que, perante esta situação em que nos encontrávamos no princípio dos anos 50, o Governo, o sector público, tinha um papel importante a desempenhar no campo dos investimentos e que não desempenhou esse papel por receio de pôr em perigo a estabilidade financeira e o equilíbrio das forças económicas tradicionais. De resto é um problema que talvez há mais de 20 anos uma organização internacional europeia, a O. C. D. E., anualmente vinha focando nos seus relatórios em que dizia sempre, pouco mais ou menos, o seguinte: que o problema do nosso País era o de promover um mais rápido desenvolvimento dos sectores pro-

...de dualista?

Causas do atraso sócio-económico do País

dutivos, sobretudo da indústria, que competia ao Governo suprir as carências dos investimentos privados hesitantes e pouco activos, que o Governo tinha todos os meios para o fazer, porque a situação do tesouro público era favorável, porque a dívida pública era de proporções limitadas, porque a capacidade tributária do País também estava longe de estar esgotada, inclusivamente porque podia recorrer aos empréstimos externos porque tínhamos uma dívida externa moderada; portanto não havia nenhum perigo para a estabilidade económica do País se se tivesse feito uma mobilização das poupanças e dos meios necessários para um programa intensivo de investimentos produtivos. Isto era tanto verdade que acabou por se fazer essa mobilização de poupanças nos últimos anos aparentemente sem rotura do equilíbrio económico.

Poderia, portanto, realmente, ter-se feito um esforço muito maior da parte do sector político e isto considera-se uma das causas fundamentais do nosso atraso económico. Depois houve nestes últimos anos um facto, novo que foi a emigração e que veio, realmente, segundo creio, reduzir de forma muito considerável o subemprego no sector agrícola, sobretudo. Quanto a mim, julgo que isto poderia ser um factor importante de progresso para a agricultura, mas com uma condição, é que se faça simultâneamente uma reforma agrária do ponto de vista das estruturas, das técnicas de produção e obedecendo a todos os requisitos que, aliás, já foram aqui discutidos numa mesa-redonda e creio que não vamos voltar ao problema agora.

MODERADOR — A propósito, se me permite, lembrava a opinião de um economista amigo meu que levantava o problema da emigração ao contrário do habitual, dizendo que ela tinha sido um factor de progresso económico para o País: onde a emigração é mais numerosa, há mais prosperidade. Nessas aldeias, as famílias recebem dinheiro. E quando os emigrantes regressam trazem possibilidades de modernização e de desenvolvimento. E quanto à falta de mão-de-obra no campo, há o exemplo de Trás-os-Montes, onde entraram mais tractores num ano só do que todos os tractores existentes até então. Este é, talvez, um aspecto que me parece de salientar.

MANUEL BELLO — Exactamente, a mecanização da agricultura é uma das consequências, e consequência favorável para a produtividade da agricultura, com certeza. Do ponto de vista da indúsria é que o problema pode ser mais difícil, porque aí, se a emigração continua ao ritmo em que até agora tem estado, poderemos cair numa penúria de operários especializados insubstituíveis, e como os nossos meios de formação técnica e profissional são muito deficientes, pode haver para a indústria realmente uma situação de travagem do desenvolvimento.

FERNANDO QUINTAIS — O meu antecessor falou de um modo geral no problema do aspecto da ocupação da população activa agrária e referiu a percentagem de 50 por cento...

MANUEL BELLO — Cinquenta por cento era a média do País em 1950. Agora temos o censo de 60, cujas conclusões já são conhecidas há muito tempo e há até números mais recentes. Há estimativas feitas, salvo erro em 1966, em que a população activa agrícola do País anda à volta de 38 por cento.

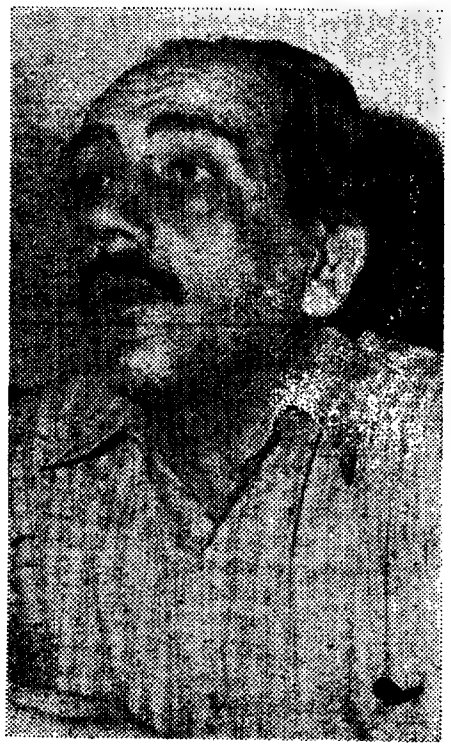
FERNANDO QUINTAIS — Em todo o caso parece-me que o mesmo assunto ainda se terá vindo a acentuar por motivos do erro rural, esse esforço feito nas regiões do Nordeste, regiões consideradas normalmente subdesenvolvidas. Portanto, são exactamente essas regiões que pelo seu espantoso atraso podem vir a atingir uma situação já difícil e de difícil recuperação, se não se tomar imediatamente conta do problema. Gostaria de repetir, pois a ideia não é nova, que persistente dominância na maior parte do território e da população, e um estilo de vida econòmicamente recebido do passado e sem capacidade de absorver e difundir eficazmente o progresso — portanto uma sociedade ancorada nas formas tradicionais — tem efectivamente provocado toda esta quase tragédia. Alargando um pouco mais o problema, isto passa-se mesmo em Portugal inserido na Europa. Ora, se alargarmos um pouco mais os olhos para a mundo, somos constantemente alertados pelo fosso tecnológico em que nos encontramos. Sabemos que em Portugal só uma raríssima camada de algumas centenas de técnicos, para as dezenas de milhares que seriam necessários, estão hoje a fazer um esforço sobre-humano para se porem em dia com estes problemas. Mas isto é uma rara camada de privilegiados, com acesso a cursos superiores. Dentre esses, poucos são os que se dão conta de que Portugal se está a afastar decisivamente de uma tomada de posição no mundo do futuro. Sou da opinião de que, se não tomarmos ràpidamente medidas em todos os campos da promoção social, da promoção rural, da promoção das populações, dentro de alguns anos a sociedade europeia, a sociedade ocidental estará absolutamente diferenciada de nós de tal modo que seria necessário mais de um século para plena recuperação, se é que alguma vez conseguiríamos tomar já lugar ao sol.

Portanto, não se trata sòmente do problema do desenvolvimento das populações rurais, que é absolutamente fundamental. Há um fenómeno de investimento. E não pode ser tomada em linha de conta a afirmação de que não havia fundos públicos para isso. Havia sempre a possibilidade de recorrência ao empréstimo, à possibilidade de recrutamento total, que era uma questão nacional, das poupanças privadas. Esse esforço devia ter começado há muitos anos pela educação, pela promoção dos serviços sociais, dos aspectos rurais, dos aspectos da habitação, de levar o urbanismo aos territórios menos desenvolvidos. O apelo que provoca o êxodo das populações rurais, dentro do continente para fora do continente (a emigração), é essencialmente um aspecto de urbanismo. A verdade é que nós sabemos que, com o alargamento das fronteiras das cidades, se está a dar um fenómeno de conservação. Verificamos isto na faixa litoral, onde as cidades se alargam, se expandem. Formam-se cidades satélites, e essas cidades vão-se unindo e interligando. Ora, enquanto essa expansão não se der para o interior, e dificilmente isto pode acontecer nos anos mais próximos, pela via de coordenação, há que fazer um esforço de levar o urbanismo à aldeia. Portanto, o que é necessário fazer? Um exemplo: dentro da Beira Alta, e dentro da Beira Alta a sua capital, Viseu, há possibilidade de montar instalações industriais, dezenas de indústrias novas, como, por exemplo, a dos transistores, a de montagem de peças, a de fabricação de peças para a indústria automóvel, a fabricação de peças para a indústria pesada, a fabricação de peças para relojoaria, para materiais de precisão, pedraria, etc. Tudo isso pode ser desenvolvido, como é o caso da Suíça — não é verdade? — em moldes essencialmente caseiros, mas integrados em grandes indústrias. O problema até foi estudado pelo actual Governo. Mas muitas empresas estrangeiras, interessadas em aplicar capitais em Portugal no desenvolvimento destas indústrias, encontraram a barreira do subdesenvolvimento cultural. Os seus técnicos, naturalmente, são pessoas com um largo interesse no capítulo da educação; normalmente, esses técnicos são pessoas casadas, têm os seus filhos para educar e a grande barreira que foi encontrada foi exactamente esses técnicos não se poderem deslocar para cidades do interior, onde não tinham cursos compatíveis para os seus filhos. Portanto, mesmo com altos salários, estes técnicos preferem viver em sociedades com acesso à educação do que instalar-se em meios pouco desenvolvidos onde não têm escolas, não têm Universidades, etc. Isto é absolutamente aplicável, por outro lado, também ao ruralismo, onde se poderiam ter levado instituições e convidassem as populações a ficar.

GILBERTO RAMOS — Já foi aqui dito, e julgo que temos de partir daí, que a ideologia e a política dominantes do regime nas suas primeiras décadas é o responsável pela manutenção e pelo agravamento do atraso da nossa economia em relação às restantes economias europeias. Efectivamente, como se disse, havia toda uma ideologia a que correspondiam as estruturas e um sentido da manutenção na maior quietude possível, numa sociedade baseada numa agricultura nacional. E havia assim acanhamento de medidas de defesa, talvez para evitar que as raras iniciativas industriais pudessem ter um efeito de humanização e de contágio que viesse a dar origem ao aparecimento de um crescimento industrial demasiado intenso, demasiado de acordo com essas perspectivas oficiais. Portanto, fazia-se a apologia da agricultura tradicional, fazia-se a apologia de artesanato tradicional. E além destas apologias, tomavam-se atitudes muito concretas para se manter essa tal sociedade idealizada. Por outro lado, as medidas tomadas assentavam numa ideologia de nacionalismo económico, tendente a isolar a nossa economia das restantes economias mundiais. Quando nos anos 50, mercê de várias circunstâncias, entre elas o aparecimento de uma classe econòmicamente dominante, de indivíduos que verificaram ser a industrialização um bom negócio, um caminho do futuro, e, portanto, estavam interessados em utilizar o seu poder económico no sentido de uma pressão junto das entidades oficiais. Portanto, como resultado dessas medidas, iniciou-se uma política de industrialização, uma tímida política de industrialização, mas pretendendo-se, simultâneamente, manter todas as estruturas fundamentais, para preservar

(Continua na página seguinte)

Manuel Bello



Manuel de Azevedo

Será Portugal uma sociedade dualista?

(Continuação da pág. ant.)

a mesma ideologia que servia de base ao imobilismo.

Isto dá origem a uma contradição em relação a este pretendido desenvolvimento, pretendido por certos factores. Mas, por outro lado, na medida em que as estruturas se mantêm, verifica-se um custo exagerado do processo de desenvolvimento. Porque essas estruturas eram estruturas tendentes a imobilizar, tendentes a paralisar. A sua utilização no sentido de uma evolução industrial é, portanto, uma intervenção defeituosa, muito pesada e cara em termos económicos. Este processo de industrialização foi-se mantendo, foi-se acentuando. Simultâneamente, houve várias medidas decorrentes dos problemas da integração europeia e da necessidade de participarmos nesses movimentos, que eram absolutamente contrários à ideologia dominante. E isso criou novas contradições na nossa economia. E chegámos a uma situação em que se mostra uma incompatibilidade acentuada entre uma estrutura virada para uma situação estática, e o desejo de camadas, que econòmicamente se poderão dizer dominantes, tendentes a uma industrialização e a uma futura integração na economia capitalista europeia.

Esta situação foi depois agravada pelo problema das guerras no Ultramar, que veio absorver grandes somas dos capitais públicos, o que por sua vez veio dar origem, dada a utilização desses capitais em despesas não produtivas, à inflação. Simultâneamente, surgiu o problema da emigração, que primeiro veio dar ao País um número enorme de divisas, mas trouxe depois problemas de falta de mão-de-obra, não só no campo agrícola, como no industrial. Quer dizer, todo este conjunto de factores veio pôr claramente a necessidade de uma reestruturação política e social, tendente a facilitar este processo de desenvolvimento capitalista, pretendido pelas pessoas que têm dinheiro. É sabido que esta tentativa de desenvolvimento a que se tem vindo a assistir, principalmente depois do desaparecimento político de Salazar, resulta numa tentativa para uma adaptação que permita um melhor e mais rápido desenvolvimento das forças capitalistas nacionais. No entanto, este movimento continua a ser travado pelo desejo de preservar, tanto quanto possível e no essencial, formas políticas e estruturas que estão completamente em desacordo com este caminhar capitalista. Portanto, eu julgo que toda a nossa economia está a sofrer, atingida por factores negativos, a guerra no Ultramar e os efeitos negativos da emigração, desta contradição, não resolvida ainda, entre ideologia e estruturas reaccionárias ou conservadoras e o desejo do factor industrial entrar numa via de desenvolvimento capitalista.

MODERADOR — Alargando o segundo ponto, relativo às causas de atraso socio-económico do País, sobre o qual os participantes desta mesa já experimiram o essencial dos seus pontos de vista, eu tinha sugerido, e com a concordância dos presentes, um terceiro ponto. Consistiria ele num aflorar de algumas soluções possíveis e mais desejáveis, para um impulso indispensável que nos permitisse diminuir o atraso e criar um ritmo de desenvolvimento que nos aproximasse, ou que não nos deixasse afastar cada vez mais, do ritmo de desenvolvimento da Europa.

MANUEL BELLO — No ponto de vista das disparidades de crescimento que existem no nosso País, evidentemente que a maneira de procurar atenuá-las será através de programas de desenvolvimeno regional adequados. Primeiro que tudo haveria que fazer-se um inventário das possibilidades das potencialidades de todas as regiões, coisa que não está feita, e haveria que criar meios institucionais, o enquadramento de todos os esforços tendentes a pôr em prática medidas de desenvolvimento regional. Aí, evidentemente, chocamo-nos com uma contradição a que já se referiu o dr. Gilberto Ramos, que é a dificuldade de conciliar com as nossas estruturas políticas institucionais actuais aquilo que se reconhece como sendo indispensável a qualquer programa válido de desenvolvimento regional, que é a participação efectiva, real, das populações interessadas nesse desenvolvimento. Portanto, há um problema institucional grave a resolver e depois há a fazer uma redistribuição dos recursos disponíveis, com critérios drásticos. Nalguns casos, há que promover o ordenamento dos territórios, no sentido também que já foi aqui referido, de levar o urbanismo e as regalias das infra-estruturas essenciais a todas as regiões mais atrasadas que hoje não dispõem de um mínimo de infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento, como sejam comunicações, fornecimento de água e energia, etc. Do ponto de vista mais geral direito que o desenvolvimento, no sentido da industrialização, teria que se fazer com uma base diferente daquela que até hoje tem sido predominante, que é um proteccionismo muito acentuado, concessão de exclusivos que levam a situações monopolistas, mais ou menos paralisantes. Por outro lado, viveu-se numa situação de contenção de salários que, juntamente com os proteccionismos, realmente dispensavam em grande parte os empresários de um aperfeiçoamento técnico e de procurarem por meio de melhoramentos da técnica o aumento da produtividade que é a grande alavanca necessária. Enfim, este é também um aspecto que pode entrar numa nova fase graças à emigração que provocou sem dúvida uma subida de salários, sobretudo na agricultura, mas também na indústria. Há que definir finalmente certas grandes opções, como a que diz respeito à nossa inserção ou não inserção nos movimentos de integração europeia. Problema que até hoje tem estado em certa hesitação, dadas as diferentes influências dos grupos económicos de pressão que existem no nosso País.

MODERADOR — Ouvi com muito interesse o que foi dito até agora. Mas apetecia-me fazer uma pergunta. Já se abordaram aqui causas do atraso socio-económico e estão-se agora a sugerir algumas soluções possíveis e desejáveis de desenvolvimento; ora eu queria lembrar que não se trata só de um desenvolvimento económico, mas também de um problema social. Portanto, que desenvolvimento? Para quê? A favor de quem?

MANUEL BELLO — Eu por mim respondo-lhe que é um factor decisivo e fundamental a formação humana, técnica, cultural, que é um aspecto que no nosso País tem sido extremamente descurado. Há pouco vi uns números referentes a 67 que indicam, se bem recordo, que os nossos investimentos no campo da educação e da formação profissional representam 2 por cento do rendimento nacional, o que é uma percentagem baixíssima em relação a outros países já muito mais avançados que nós, quando nós deveríamos realmente fazer um esforço de valorização humana superior ao daqueles países.

FERNANDO QUINTAIS — Pois parece que posto o problema, solicitados que fomos a dar alguma contribuição para as soluções, o problema que se situa na nossa possibilidade humana, como portugueses, será o de recorrermos a todos os nossos meios, que carecem de ser inventariados. Ora, para a inventariação de meios, são necessários técnicos. Quanto a mim exige técnicos, programadores, técnicos de economia, técnicos em finanças, técnicos em agricultura. Portanto, na base de todo o problema há um problema de formação acelerada, imediata, da obtenção desses técnicos, não só através das universidades, mas também através das escolas médias. Dignifiquem-se as escolas médias, dignifique-se o ensino médio, e, com certeza, esses técnicos ràpidamente aparecem.

Um dos maiores problemas está exactamente no facto de haver apenas uma camada social apta, segundo as actuais maneiras de ver, de resolver os problemas. Os licenciados são os únicos detentores de toda a sabedoria (peço perdão a quem isto ferir). Abaixo desse grau não existe pràticamente valor algum Há, portanto, que dignificar o ensino médio, há que dignificar mesmo o ensino a todos os graus. O problema político é importante, mas não tão importante como isso, porque quando a procura é suficientemente forte, até as instituições mudam. Isto é, aliás, um problema não político, mas um problema de promoção. Quando se pretender vender alguma coisa há que pressionar, há que formar grupos de pressão. Ora o que nós pretendemos vender é a promoção social, é cultura. Portanto, parece-me que antes deste problema resolvido, abordar os meios sem estarmos detentores do instrumento da principal ferramenta, para que estes meios possam ser postos em acção, fazer qualquer afirmação, parecia-me em pura perda.

GILBERTO RAMOS — Eu, pelo contrário, penso que tem de se partir fundamentalmente, essencialmente, de uma análise política, porque da mesma forma que o conhecimento e a procura das causas da situação actual nos levaram a uma análise política, também a procura de possíveis soluções ou caminhos para se conseguir um efectivo desenvolvimento tem de partir de uma análise igualmente política. É claro que há todo um conjunto de problemas técnicos que hão-de surgir. Mas esses problemas técnicos só surgem e só poderão depois actuar efectivamente e com produtividade, depois de resolvidas determinadas condições prévias que são de carácter político. Eu julgo que, actualmente, dentro do regime, há uma tentativa para procurar as soluções para as contradições a que já me referi. E eu julgo que havendo no meio das várias tendências e tensões de que nos podemos aperceber, e que com certeza não serão todas, nós podemos ter uma ideia de que se tenta caminhar para o que se poderá chamar um capitalismo autoritário. Quer dizer, uma sociedade econòmicamente capitalista, com todos os sistemas de actuação capitalista, mas ao mesmo tempo mantendo nos aspectos sociais e políticos não a correspondente forma da democracia burguesa, antes um autoritarismo, um governo autoritário que seria tanto quanto possível nestes aspectos semelhante ao anterior. Eu julgo que, neste momento, há que procurar que esse desenvolvimento no sentido capitalista, a dar-se, venha rodeado das medidas que costumam suceder numa democracia de tipo burguês, portanto, numa democracia tipo Europa Ocidental. Quer dizer, que sejam dados às várias classes, aos vários agrupamentos sociais e políticos, possibilidades de se exprimir, de se defender, de se associarem na defesa dos seus interesses. E, portanto, uma evolução neste sentido, e sobretudo numa sociedade tipo democrata-burguês, julgo que traria a curto prazo benefícios fundamentais para o conjunto da nossa população. E, simultâneamente, este mesmo regime viria dar um rigor ao desenvolvimento da sociedade capitalista, que no regime autoritário é difícil, na medida em que a facilidade da defesa dos interesses dominantes cria, quase sempre, uma tendência para um certo imobilismo. E não obriga a uma luta que muitas vezes, numa procura de desenvolvimento técnico, resulta da pressão das classes trabalhadoras que através dos seus órgãos e dos seus meios de defesa, procuram uma melhor situação e procuram uma melhor remuneração. De qualquer maneira, eu julgo que mesmo esta via, de tipo capitalista-democrático, é uma via transitória. E além disso é uma via com características não permanentes, transitórias, na medida em que está sempre sujeita a tensões e problemas graves. A experiência diz-nos que, perante esses problemas graves e essas tensões, há sempre uma tentativa de procurar soluções de tipo autoritário e portanto ir cair naquele primeiro tipo de sociedade que me parece não satisfazer as necessidades da nossa população. Portanto, julgo que com carácter mais permanente e de maneira a poder satisfazer efectivamente os anseios legítimos das várias camadas da população, terá que vir a estruturar-se uma sociedade perfeitamente diferente da sociedade capitalista, uma sociedade que tenha em conta os interesses das várias classes trabalhadoras e que permita a sua interferência plena e fecunda na orientação da vida económica, social e política da Nação.

MODERADOR — Parece-me que podemos dar por encerrado o debate. Resta-me agradecer a participação dos componentes desta mesa-redonda.

Reivindicações da juventude trabalhadora (aprovadas no Porto)

DA C. D. E. do Porto, recebemos um comunicado de que extraímos o seguinte passo:

«Realizou-se, com a participação de mais de três centenas de democratas, na sua maioria jovens, a anunciada Mesa-redonda sobre problemas da Juventude trabalhadora. No final da mesa-redonda, na qual participou o candidato jovem, Zeferino Coelho, foram aprovadas as reivindicações da Juventude trabalhadora no actual momento político. Essas reivindicações são as seguintes:

1. Que os jovens tenham voz activa na resolução dos seus problemas específicos, bem como nos de carácter geral.

1.4. Maioridade aos 18 anos, incluindo o direito de voto a partir dessa idade.

2. Restauração das liberdades democráticas (liberdade de reunião, associação e expressão).

2.1. Abolição da Censura.

2.2. Liberdade sindical.

2.3. Liberdade religiosa.

3. Sindicatos livres e abrangendo todos os sectores profissionais, representativos das classes trabalhadoras.

3.1. Garantido acesso aos jovens trabalhadores a todos os postos directivos sindicais.

3.2. Que sejam imediatamente considerados sócios efectivos todos os trabalhadores, desde o momento em que se quotizem, bem como todos os jovens trabalhadores desde os 14 anos (idade mínima legal para trabalhar).

3.3. Direito ao trabalho, nomeadamente para os jovens em idade pré-militar.

3.4. Subsídios aos desempregados.

3.5. Legislação e actuação do Governo capaz de defender os direitos dos trabalhadores e eliminar as violências e pressões patronais.

3.6. Fim da exploração dos aprendizes e dos jovens trabalhadores em geral, tendo em conta o princípio «para trabalho igual, salário igual», (salvaguardando a necessidade de subsídios para os trabalhadores com encargos familiares e outros).

3.7. Salários adequados ao actual custo de vida, com reajustamentos proporcionais ao aumento deste.

3.8. Eliminação dos prémios de produção por ser um meio de exploração do trabalhador.

3.9. Condições garantidas de segurança, higiene, prevenção e assistência social (creches, escolas infantis, cantinas, bibliotecas, etc.) nas empresas.

3.10. Previdência social e assistência dignas para todos os trabalhadores (nomeadamente, para os trabalhadores rurais e empregadas domésticas).

(a) 3.11. Igualdade de garantias, remuneração e direitos no trabalho para a mulher.

4. Reforma do ensino, tendo em consideração a situação dos jovens trabalhadores e, nomeadamente, o ensino nocturno.

4.1. Livre e garantido acesso de todas as classes a todos os graus de ensino.

(a) 3.12. Redução dos horários de trabalho e semana de 5 dias para todos.

Portalegre — excepção eleitoral

(Continuação da 1.ª página)

áreas maiores, temos apenas os distritos de Beja, Bragança, Castelo Branco, Évora e Santarém. A sua população é, porém, de apenas 184 600 habitantes (1,9 por cento da população da metrópole) sendo assim o distrito da metrópole que, em valores absolutos, apresenta o numero mais baixo de habitantes.

Aparentemente, a população cresce, pois os nascimentos (1968) são mais que os óbitos: 2517 contra 2026, respectivamente. Mas há que contar com a emigração. No mesmo ano (sem contar com os clandestinos) saíram para o estrangeiro, como emigrantes, 355 pessoas (166 homens e 189 mulheres).

Os nascimentos no distrito de Portalegre representam 1,3 por cento do total dos nascimentos na metrópole. Por concelhos, o numero de nascimentos em 1968 foi o seguinte:

Alter do Chão — 70 nascimentos (26 sem assistência, o que representa 37,1%): **Arronches** — 84 (59 — 70,2%); **Aviz** — 93 (44 — 47,3%); **Campo Maior** — 163 (54 — 32,1%); **Castelo de Vide** — 65 (1 — 0%); **Crato** — 96 (18 — 18,8%); **Elvas** — 523 (101 — 19,3%); **Fronteira** — 63 (1 — 0%); **Gavião** — 106 (62 — 58,5%); **Marvão** — 118 (53 — 44,9%); **Monforte** — 95 (55 — 36,8%); **Nisa** — 147 (52 — 35,4%); **Ponte de Sor** — 311 (150 — 48,2%); **Portalegre** — 459 (19 — 4,1%); **Sousel** — 119 (61 — 51,3%).

No distrito de Portalegre a percentagem de nascimentos sem assistência é de cerca de 29,2 por cento, o que, não sendo a mais elevada do País (em Bragança, por exemplo, atingiu no mesmo ano 75 por cento) é considerável, sobretudo se a compararmos com a do distrito de Lisboa, em que atingiu 8 por cento.

OS RENDIMENTOS

Outros elementos que poderão contribuir para melhor compreender a «excepção» do distrito de Portalegre dizem respeito á percentagem do rendimento colectável urbano em relação ao rendimento colectável. Essa percentagem que, segundo elementos do I. N. E. referentes a 1968, foi de 23,8 por cento ou seja, a segunda mais baixa da Metrópole, logo a seguir á de Bragança que foi de 23,2%. Acrescenta-se que o mais alto valor se encontra em Lisboa (94,9%) sendo a média da Metrópole igual a 69%.

Por outro lado, apenas 610 pessoas singulares estão sujeitas a imposto complementar com o rendimento tributado total de 72,3 mil contos; 323 acima de 50 contos de rendimentos colectáveis e 205 acima de 100 contos.

REUNIÕES DA U. N.

promovidas pela Comissão Eleitoral do concelho de Loures

Hoje, pelas 21,30 horas, reunião em Odivelas, com a presença do candidato a deputado, D. Maria Raquel Ribeiro

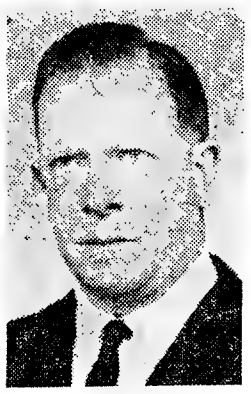
Dia 20, pelas 21,30 horas, reunião em Sacavém, com a presença do candidato a deputado, Dr. Pinto Leite

Dia 21, pelas 21,30 horas, reunião em Póvoa de Santo Adrião

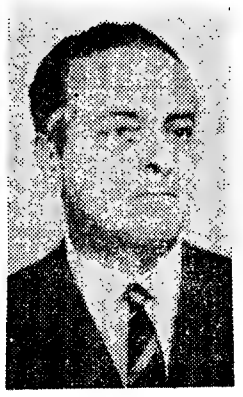
Dia 22, pelas 21,30 horas, reunião em Loures, com a presença dos candidatos a deputados, Dr. Melo e Castro e Eng.º Santos Castro

Perfil dos candidatos

José Vicente de Abreu


Malato Beliz

Silva Mendes


Vasconcelos Guimarães

Segundo dados fornecidos por aquele organismo político, publicamos a seguir os principais dados biográficos dos candidatos da U. N. pelo círculo de Portalegre:

José Vicente de Abreu

José Vicente de Abreu, que completou, em 1933, o curso da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra, nasceu em Elvas e conta 57 anos. Dois anos após concluir o curso e até 1942, colaborou como técnico em diversos empreendimentos da Junta Nacional do Vinho. Durante cinco anos foi vereador do Município de Elvas e, em 1957, foi nomeado presidente. Também exerceu o cargo de presidente do conselho de administração do Serviço Municipalizado de Águas. Teve funções directivas em vários organismos corporativos e associações desportivas. Foi deputado á Assembleia Nacional na ultima legislatura. É alcaide honorário de Badajoz.

Malato Beliz

José Vicente Cordeiro Malato Beliz nasceu em Lisboa, em 1920. É engenheiro agrónomo, tendo concluído o curso no Instituto Superior de Agronomia, em 1946, e sendo colocado, no ano seguinte, na Estação de Melhoramento de Plantas, em Elvas, como chefe do Laboratório de Fitossistemática e Ecologia Vegetal. Como investigador agrónomo, participou em grande numero de reuniões e congressos científicos, nacionais e internacionais. Como bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Gulbenkian, fez estudos sobre problemas relacionados com a sistemática dos trigos, tendo participado, também, em grupos de trabalho da F. A. O. e da O. C. D. E. Procedeu ao estudo das pastagens naturais e a métodos de melhoramento de pastagens nas regiões secas, em diversas províncias do continente, na ilha da Madeira, em Cabo Verde e em Angola. Fez o levantamento total da vegetação do Algarve e procedeu ao estudo fito-ecológico para o desenvolvimento da ovinicultura.

Membro de várias sociedades científicas nacionais e de suas congéneres da Alemanha, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra e Suécia, é autor de vasta bibliografia. Desde 1965, exerce as funções de presidente da Camara Municipal de Castelo de Vide, sendo também especialista da Estação de Melhoramento de Plantas. Candidata-se a deputado pela primeira vez.

Silva Mendes

Manuel de Jesus Silva Mendes nasceu em Elvas, em 1922. Ingressou no Magistério Primário em 1942 e tem o curso de Ciências Pedagógicas. Delegado Escolar em Alter do Chão e Arronches, foi, em 1958, nomeado adjunto do director Escolar de Castelo Branco e, em 1962, passou a exercer as funções de director escolar interino do mesmo distrito, sendo nomeado, depois, director escolar efectivo do distrito de Portalegre. Foi vereador da Camara Municipal de Alter do Chão e vice-presidente e presidente da Camara Municipal de Arronches, durante dez anos; procurador á extinta Junta de Província do Alto Alentejo, director da Casa da Mocidade Portuguesa de Castelo Branco, e vogal da comissão distrital da U. N. de Castelo Branco. Desde 1964, exerce as funções de presidente da Camara Municipal de Portalegre. Candidata-se a deputado pela primeira vez.

Vasconcelos Guimarães

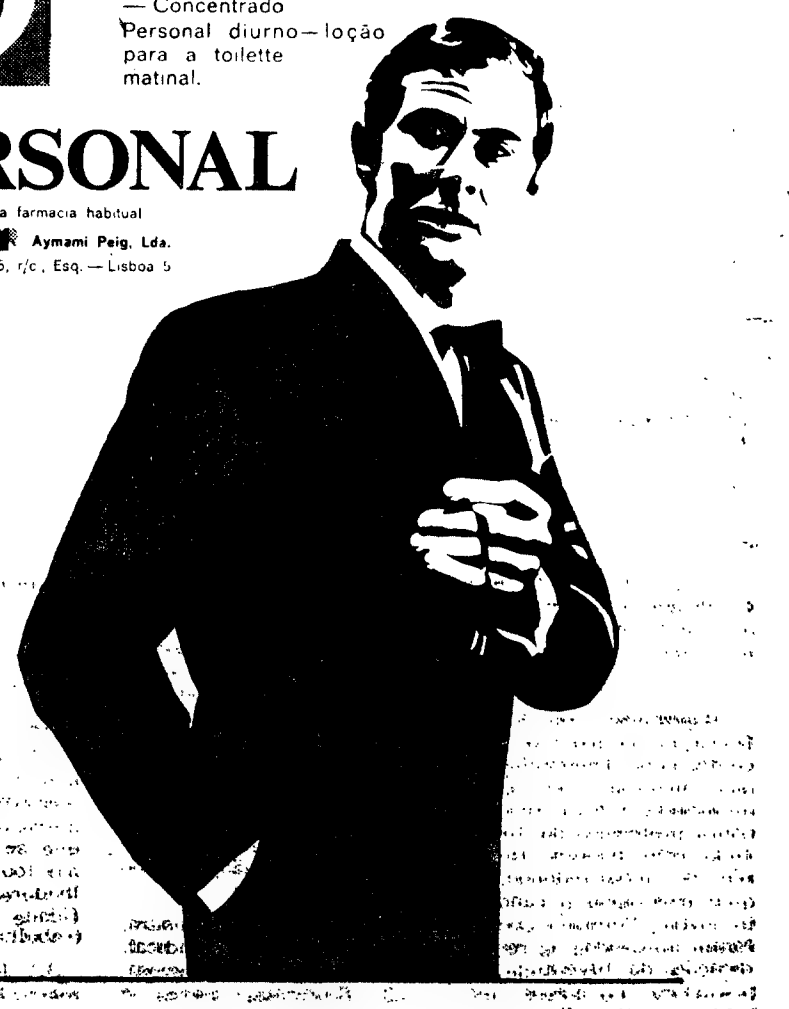
João Duarte Liebermaister de Vasconcelos Guimarães, coronel piloto aviador, actualmente na situação de reserva, oriundo da Marinha de Guerra, nasceu em Outubro de 1918. Ao concluir o curso da Escola Naval, especializou-se como observador aeronáutico e piloto aviador. Mais tarde, frequentou o curso de Estado-Maior na Air University da Força Aérea dos Estados Unidos, onde mereceu citações. Na segunda guerra mundial, esteve mobilizado no Centro de Aviação Naval dos Açores. Em 1952, ao fazer-se a junção da Aeronáutica Naval e da Aeronáutica Militar, ingressou no Secretariado de Estado da Aeronáutica. Além do comando de unidade, foi chefe de diversos serviços no Estado-Maior da Força Aérea e no Departamento da Defesa Nacional. Como oficial do Estado-Maior, participou em reuniões da N. A. T. O. e, posteriormente, chefiou algumas das missões delegações. Foi, ainda, membro da delegação portuguesa da comissão mista luso-alemã que tratou, entre outros assuntos, da instalação da base de Beja.

só para homens
(e com mais de 25 anos)

PERSONAL

Parece quase um segredo, mas não é.
Um dia, você descobre que ao fazer a «toilette da manhã», alguns cabelos, indignos dos seus quase trinta anos, resolveram cair
Ignora talvez que a queda do cabelo resulta de uma deficiência orgânica, decorrente da inactivação das células dos «sistema» «tricogénico».
Mas os tecnicos pensaram nisto e conseguiram criar um produto que é um renovador capilar à base de hormonas, vitaminas, anti-bacterianos e anti-micóticos.
Um produto que assegura a irrigação permanente do coiro cabeludo, normalizando as condições do crescimento do cabelo. Um produto único.
PERSONAL NOCTURNO — Concentrado
Personal diurno — loção para a toilette matinal.

PERSONAL
À venda na sua farmacia habitual
Representantes. Aymami Peig, Lda.
Av. Grão Vasco, 45, r/c, Esq. — Lisboa 5


especial

Bases de uma política de educação e cultura

(*Continuação da 4.ª pág.*)

res, técnicos, artistas, escritores) têm o direito de se organizar em associações profissionais e culturais independentes do Estado e dos poderes económicos privados, associações destinadas a defender os seus interesses materiais e morais e as boas condições do exercício das suas actividades, bem como zelar pelo cumprimento da deontologia da profissão. Cabe-lhes ainda colaborar na elaboração e execução dos planos de política educacional e cultural, juntamente com as associações de estudantes e as de encarregados de educação. O Estado deve até estimular a fundação de tais associações, bem como de sociedades científicas, e dar-lhes todo o apoio, inclusive financeiro, sem se imiscuir na sua orientação e funcionamento.

XVI — INDEPENDÊNCIA DA CRIAÇÃO CULTURAL

A escola assim como os estabelecimentos de investigação e criação cultural não estão ao serviço do Governo, nem dos interesses privados, mas da nação e da humanidade. Mas cabe-lhes colaborar nos grandes projectos de desenvolvimento colectivo e não perderem o contacto com as várias actividades sociais.

a) A colaboração desenrolar-se-á não directamente entre um professor, ou investigador, ou núcleo de trabalho, e a empresa privada ou pública em causa, mas por intermédio dos institutos de ensino e pesquisa, de modo a não serem possíveis entorses á independência científica dos colaboradores. Os institutos têm de estar atentos aos problemas humanos, nacionais, regionais ou sectoriais cuja solução é de interesse geral.

b) A independência do professorado e dos quadros de pesquisa e criação cultural relativamente, quer ao Governo e á Administração, quer a grupos de pressão, ou outros condicionalismos extrínsecos, deve ser garantido por um estatuto próprio que os separe do funcionalismo e os defina como categoria com características específicas inconfundíveis.

c) Em todos os estabelecimentos de educação, bem como nos de pesquisa e criação cultural, haverá uma organização administrativa que liberte os professores, investigadores e criadores de preocupação da administração, mas que nunca lhes poderá ditar normas, antes estará sempre subordinada á direcção científica e pedagógica.

XVII — CULTURA FUNDAMENTAL E CULTURA APLICADA

Se á escola e aos institutos de investigação e criação incumbe formar e manter preparados e conscientes cidadãos capazes de satisfazerem os requisitos do trabalho nacional e de contribuirem eficazmente para que se resolvam os instantes problemas colectivos, tal ligação, indispensável, com a prática não pode reduzir o ensino e a pesquisa ao âmbito das aplicações. Com efeito, não deve descurar-se a investigação e o ensino fundamental, bem como a criação cultural que careça de utilidade imediata.

XVIII — ACTUALIDADE E FUTURO

É impreterível trazer a escola e a pesquisa á actualidade, banhá-las nos roblemas dos vivos e não deixá-las no mundo dos espectros, não cair na fuga ao nosso tempo; mas a problemática actual, ponto de partida e de chegada, tem de inserir-se numa perspectiva a longo prazo, histórica portanto, que permita aos homens consciencializarem-se da longa construção da humanidade com vista ao porvir.

XIX — BASES NACIONAIS E UNIVERSALISMO DA CULTURA

A cultura deve ter as suas raízes na realidade nacional mas situando-se no horizonte mundial.

a) Para isso, e dado não ser actualmente possível entre nós formar pessoal competente em numerosos domínios enviar-se-ão ao estrangeiro bolseiros no maior número possível, e constantemente irão lá fora comissões de estudo e aperfeiçoamento; a representação em reuniões internacionais verificar-se-á sempre que haja contribuições válidas ou quem delas possa trazer nova preparação, e não por razões de pseudo-prestígio ou para defesa de posições oficiais.

b) Por outro lado, recorrer-se-á constante vinda de professores conferencistas, investigadores, artistas e missões culturais estrangeiros.

c) Se a nossa cultura deve estar permanentemente actualizada no conhecimento dos trabalhos e criações lá de fora, fomentar-se-á também a projecção no estrangeiro das nossas contribuições válidas.

d) O turismo deve ser considerado essencialmente como factor cultural e não como mera fonte de divisas. Fomentar-se-á a entrada no nosso país de turistas cada vez mais numerosos, de camadas amplas das respectivas populações (não nos confinando ao turismo de luxo), propiciando-lhes o contacto com os valores, a enriquecer por esse mesmo contacto, mais característicos da nossa cultura. Logo que as condições económicas o permitam, incrementar-se-á o turismo de massa de nacionais que visitem outros países.

e) Cumpre, em especial, não descurar-se as interconexões, numa criação fecunda, com as culturas dos povos que o processo histórico da expansão pôs em contacto mais ou menos prolongado connosco, e isto qualquer que seja o estatuto político. Não é lícito pretender reduzi-las aos nossos padrões e impor-lhes a nossa uniformidade. Há, antes, de mais, que estudá-las em atitude rigorosamente científica, proporcionar-lhes possibilidades de desenvolvimento próprio para proveito recíproco, e isto sem prejuízo de se visar um universalismo que respeite a diversidade.

XX — DO LONGO PRAZO AO IMEDIATO

A situação educacional e cultural do nosso país (com longa tradição de analfabetismo e ainda com elevada percentagem de analfabetos, 50% em 1960, exige, imperiosamente, um vigoroso esforço quantitativo que democratize verdadeiramente a preparação profissional, a formação cívica e a cultura. Mas os níveis do ensino, da pesquisa e da criação são tão baixos que impõem não menos imperiosamente um esforço intensissimo de ordem qualitativa — formar a sério bons prfessores, bons investigadores, bons criadores, bons profissionais, montar boas escolas e bons centros de investigação (entendidos não como edifícios, mas sim como conjuntos de actividade humanas, com métodos adequados), lançar bons livros escolares, traçar programas nacionais, actualizados e arejados. Não pode de maneira alguma desatender-se este requisito da qualidade.

XXI — DESENVOLVIMENTO E FORMAÇÃO DE QUADROS

«O desenvolvimento económico e cultural, correlativo certamente da remodelação estrutural da nossa sociedade, como alavanca que é na realidade e cidadania — valores pelos quais deve definir-se a pátria —, é neste momento histórico, e sempre, absolutamente prioritário. Por isso não podem a formação de professores, técnicos, investigadores, quadros, nem a actividade cultural sofrer prejuízos por quaisquer outras razões, que no fundo serão afinal a recusa trágica de nos inserirmos no mundo moderno, recusa que já tanto mal nos causou.

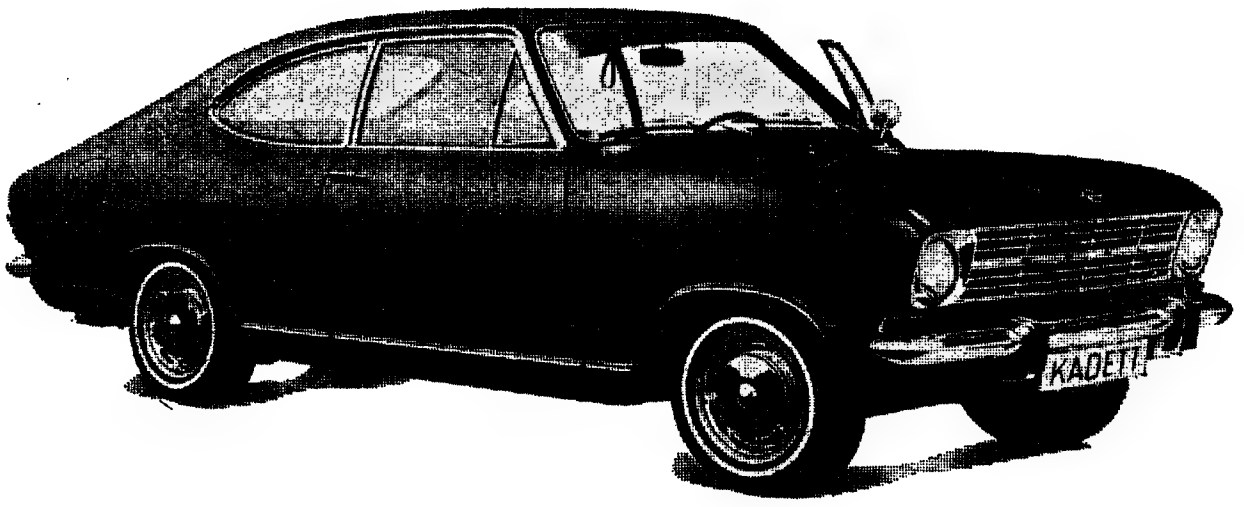
Lisboa, 1969

A Comissão de Estudos Pedagógicos da C. E. U. D. de Lisboa.

Opel Kadett.
O automóvel.

O automóvel. Porque o Opel Kadett – como nenhum outro do seu preço – lhe oferece tudo aquilo que você espera de um carro a sério.
Performance. Sinta a palpitação, o temperamento do motor. Robustez, arranque, aceleração na medida certa. E a excelência da mecânica alemã.
Estilo. Um desenho moderno, funcional, que faz do Opel Kadett um carro diferente nas ruas e estradas.
Conforto. 2 ou 4 portas à escolha. Amplo espaço para cinco pessoas. Grande mala.
Economia. Faça um teste de quilometragem: o Kadett dar-lhe-á uma enorme satisfação!
Segurança. Sistema duplo de travagem, painel almofadado, coluna de direcção telescópica, a nova suspensão Variflex.
Visite o seu concessionário Opel. Ele tem, para si, Opel Kadett. O automóvel.

Opel. É sempre mais carro.



OPEL GM
Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país

Sessão oposicionista em Vale de Cambra

AVEIRO, 19 — A Oposição Democrática de Aveiro promoveu em Vale de Cambra, no cinema local, uma sessão de propaganda eleitoral a que presidiu o dr. Adão Pinho da Cruz e que decorreu com grande entusiasmo e elevação.

Usaram da palavra os candidatos drs. Carlos Cardal, Almor Viegas e Alcides Utrecht Monteiro e ainda o dr. Flávio Sardo, o jovem José Fernandes e o Padre Joaquim Moreira dos Santos. Foram focados e analisados diversos aspectos da vida nacional e manifestada a confiança nos candidatos da C. D. E. de Aveiro. Também foram lidas cartas dos drs. Rufino Ribeiro e António Julio Teixeira, de Lisboa. O presidente encerrou a sessão, tendo-se cantado o Hino Nacional.

Esta rapariga adorável que goza as suas férias, sob o quente Sol, naquele "dolce farniente" que uma revista ou um livro mascaram, você reconhecê-la-á sem dúvida, apesar dos óculos escuros... Mas, perdão, já aqui não está!... o apelo das águas cálidas algarvias foi mais forte...
Não desespere, ela volta! Aqui as férias passam-se entre o SOL e o MAR, entre o MAR e o SOL...

CONSOLIMAR

URBANIZADORA INTERNACIONAL, S.A.R.L.

LISBOA, CALÇADA DE SANTOS, 19-2º - TELEF. 664497, 664185, 664967, 669849

Integrada no GRUPO DE EMPRESAS SEPULCHRE

A situação do Ultramar vista pela Comissão Eleitoral Monárquica

A Comissão Eleitoral Monárquica (C. E. M.), lista independente de Lisboa, divulgou um documento sobre o problema do Ultramar que é do seguinte teor.

«Os Candidatos Independentes por Lisboa prefeririam não tratar do Ultramar como de um problema específico, que a alguém pudesse aparecer como problema marginal da Nação Portuguesa. Julgam, porém, de seu dever expor as razões que os levam a considerar o problema ultramarino um problema essencial da Nação

A experiência recente tem demonstrado três modos de ver o Ultramar, cada um deles correspondente a uma atitude.

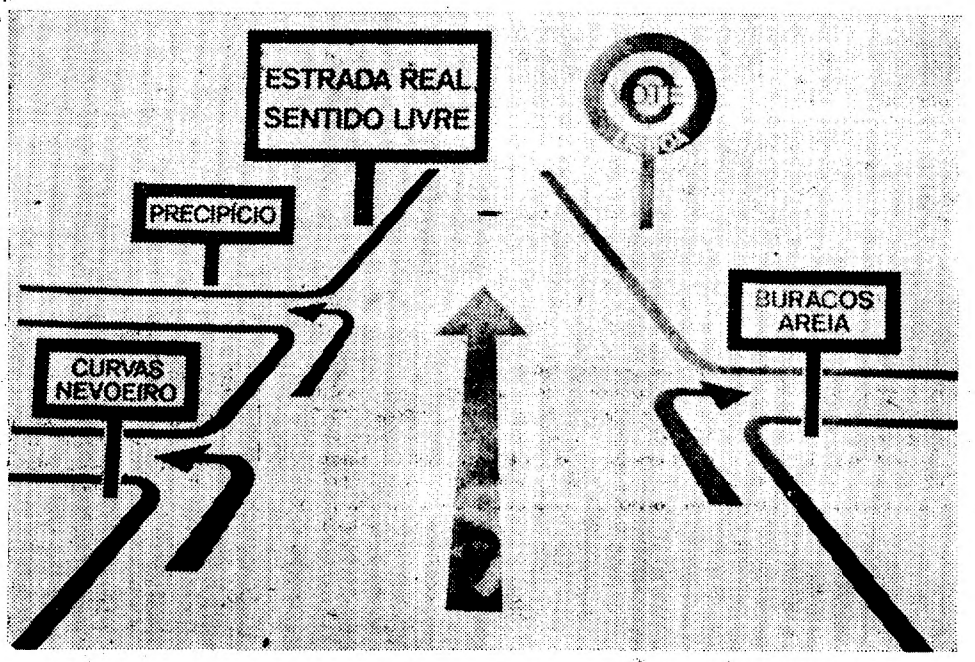
Pelo fim do século XIX, a influência dominante de concepções estranhas, vindas de uma Europa sequiosa de matérias-primas e em plena euforia da civilização técnica, introduziu entre nós a ideia ou o sentimento confuso de que as terras ultramarinas eram coisa para possuir e explorar. A acção heróica dos soldados de África deu beleza e nobreza àquela hora; El-Rei D. Carlos e o Príncipe D. Luís Filipe compreenderam profundamente o significado do Ultramar. Mas a política geral e suas teorias reflectiam a mentalidade colonialista. E a verdade é que essa mentalidade se manteve, em certos sectores, até aos nossos dias. É ela que explica, em grande parte, a substituição do Ministério do Ultramar pelo das Colónias depois da proclamação da República, um certo colonialismo administrativo e económico que chegou, em alguns momentos da política republicana, a revelar traços de discriminação racial. E, contra o que seria lícito esperar, os frutos políticos do 28 de Maio não tiveram o sabor tradicional: foi o Acto Colonial que, em 1931, consagrou uma linha dualista. Havia, mais que nunca, a Metrópole e o Ultramar — *nós* e *eles* —. É esta a política do verbo *ter*.

Havemos de confessar que, apesar do muito que se fez, desde 1961, para arreplar caminho, ainda hoje uma boa parte das atitudes e dos sentimentos traduz esta atitude de posse.

● «O Ultramar como um grande cenário»

A segunda atitude tem uma origem recente e outra remota. Foi também pelos fins do século XIX que se criou a ideia, em si mesma sedutora, de que nas terras ultramarinas se estava a fazer ou se devia fazer uma sementeira de valores portugueses, ou de valores culturais e civilizacionais que tinham Portugal como veículo. Mas, quando a semente germinasse, Portugal devia retirar-se. Ficariam, sim, por toda a parte difundidos, os sinais de uma presença espiritual ou material — algumas pedras, alguns nomes, usos e costumes, uma língua — porventura uma fé. Numa atitude generosa e aberta, esta política conjuga em todos os modos e tempos o verbo *estar*.

Nos dias que correm, todos conhecemos esta concepção do Ultramar. O Ultramar como um grande cenário, semelhante ao vasto mundo por onde o português passou. Ao pesado, grosseiro colonialista da primeira atitude opõe-se a leveza do gesto do semeador. E é inegável que esse multiforme *estar* português no Mundo corresponde a uma vocação profunda daquele pequeno Povo de um milhão de almas que, no século XV, iniciou a Civilização Ecuménica. Mas a política ultramarina do verbo *estar*



Um cartaz de propaganda eleitoral editado pela C. E. M.

tende a confundir (no limite, confunde) Angola ou Timor com o Brasil ou Ceilão. Para os defensores (nem sempre bem conscientes) dessa política de Presença, os portugueses *estão* em Lourenço Marques ou em Luanda — e até podem estar para ficar por um tempo indeterminado — mas, no fundo, estão *lá* como peregrinos que são de todo o mundo, para quem qualquer terra serve para erguer o cântico da saudade e do amor.

É fácil reconhecer esta atitude culturalista em muitos traços da mentalidade contemporânea, numa certa recusa do compromisso total, num certo duvidar das razões portuguesas, numa perpétua interrogação ou inquietação, que leva portugueses de inegável patriotismo a negar ou condenar a existência de um Estado português unitário e soberano a abranger igualmente as terras timorenses ou as terras açoreanas. Cremos que seria gravemente injusto acusar de traição consciente e decidida homens que assim amam valores nacionais e se revêm nesses sinais portugueses largamente dispersos por toda as partes a todos os rios. Para eles, porém, o Ultramar não está ainda descoberto.

Há uma terceira forma de considerar o Ultramar. Aquela, exactamente, que lògicamente nos levaria a não versá-lo como tema. É a política do verbo *ser*. Não há Portugal *e* o Ultramar. Mas Portugal *é* Ultramar. E seria bem fácil olhar o conjunto da nossa história como uma tensão ultramarina. É evidente que não é possível afirmar que a relação entre *Portugal* e *Ultramar* é uma relação de identidade, sem ter presente a História e a sua evolução. Houve tempo em que o nome de Portugal se referia apenas a este quadrilátero da beira hispânica. Como houve tempo em que esse nome não cobria mais que um pequeno território à volta do Porto... E o que é hoje, o que afirmámos que *é hoje* o Ultramar português não tinha nenhuma relação física ou humana com Portugal. É a História, não como conjunto de factos mas como tempo vivo, que fez de Portugal uma nação ultramarina e cismarina (e onde o *cis* e o *ultra* são reversíveis, como já o sabia o rei D. Afonso V, em certo pormenor de Chancelaria). Mas essa obra da História aí está diante do Mundo e diante dos nossos próprios olhos: a Nação Portuguesa actual é exactamente esse fruto da História.

Ninguém desconhece que, no interior mesmo do que definimos como política do *ter*, a Constituição de 1933 soube insistir nesta verdade: o território português é constituído por... E segue a longa enumeração, que não tem paralelo em nenhuma outra constituição de qualquer Estado. E não se diga que a fórmula do Art.º 1.º, (o terrível verbo «pertencer») tem aí o significado colonialista; pois que o que a Portugal «pertence» começa por ser «o Continente e arquipélagos da Madeira e dos Açores»... Trata-se portanto, de um modo jurídico de referir a um ponto equidistante de todas as parcelas, a um centro político, ao Estado como entidade soberana, todos e cada um dos territórios que, a partir dele, são igualmente da totalidade.

Neste ponto, como aliás em muitos outros, a nossa Constituição, que está longe de ser perfeita, corrige muito da própria política feita á sombra dela...

Como a própria História o demonstra, foi este princípio de identidade que prevaleceu no processo secular de relações recíprocas entre o velho Reino do Ocidente e dos diversos reinos, de variadíssima importância, que foram entrando no circuito da mesma economia, da mesma política colonialista, o que a Republica de 1910 herdou dos Reis de Portugal foi uma Nação constituída por terras e povos da Europa, da Africa e do Oriente. Tudo isso se referia ao Rei como centro e símbolo de soberania. A proclamação do regime republicano parece ter provocado em muitos a vaga impressão de que a soberania do Ultramar passava a pertencer á população do Continente, que de algum modo substituiu o Rei.

Em vez de fazer a fácil crítica desta atitude semiconsciente, parece preferível reflectir sobre a situação actual e defender as linhas gerais de uma política justa.

● «Estamos em plena resistência»

Não é segredo para ninguém que a política de firmeza perante os adversários declarados da integridade ultramarina foi precedida de um longo período de aparente desinteresse, apesar dos claros e duros avisos feitos por homens da envergadura de um Paiva Couceiro. A administração distante de uma quinta meio esquecida, seguiu-se o esforço colossal de defesa militar, e diplomática, conduzida com intransigência intratável. E não há dúvida de que, para esse esforço ciclópico, se utilizaram, com mais ou menos autenticidade e dosagens variáveis com o tempo, as três políticas possíveis e realmente expressas: a política do *ter* — e foi todo o clamor do «Angola é nossa» e, com menos arruído, toda a presença maciça de capitais pressurosos —; a política do *estar* — e foi a orquestração dos argumentos culturais —; mas também a política do *ser*, nem sempre feliz na companhia das outras, mas em todo o caso suficientemente clara e terminante para tornar possível a resistência de hoje.

Estamos, de facto, em plena resistência. E só é de desejar que, para fazer vitoriotsamente, se possa dispensar a aliança, não digo da nobre e subtil política do estar, com seus valores de cultura e de civilização, mas a da odiosa política do ter, que, salvas as pobres e afinal honrosas excepções dos primários, oculta interesses pouco limpos ou pelo menos uma visão materialista da vida e do Homem.

Estamos em plena resistência. E é tempo de convocar a gente portuguesa a de qualquer latitude ou cor ou religião grau de saber e de riqueza, para um trabalho seríssimo de estudo, de acção multiforme, de esclarecimento intelectual e moral.

Todo este esforço de resistência seria pouco menos que inútil se, esquecendo-nos de quem somos, afivelássemos a máscara do mercenário. É de voluntários que Portugal precisa: de voluntários que não deixam de o ser bem no íntimo, mesmo quando cumprem, segundo as leis, o seu serviço militar. Não precisa de mercenários; e sobretudo repugna-lhe o espectáculo pugna-lhe — se a Pátria hoje tivesse rosto — re degradante de alguém mercenário sem o querer. Não estamos a falar para que não nos entendam: queremos dizer precisamente que é inaceitável a existência de uma situação (diremos com mais justiça uma tendência) para fazer dos soldados de Portugal mercenários ao serviço de interesses. Estamos certos de que qualquer Governo português que preze este nome — como é o caso do Governo que nos rege — tudo fará para impedir esta vileza. Mas pensamos que não é demais que os portugueses do comum se disponham, até por seus próprios meios, a conseguir o mesmo efeito.

Estamos em plena resistência. Entre a política do ser, do estar e do ter, as hesitações fazem-se cada dia mais graves. Se acreditamos que o Ultramar é Portugal, que é a identidade que os relaciona, temos de ser coerentes até ao fim. Temos de trabalhar pelo pleno desenvolvimento de todas as parcelas do todo nacional, sem qualquer espécie de discriminação. Temos de estar dispostos — todos os que habitamos este além-mar da Africa e do Oriente — a ver chegar aos mais altos postos da Administração e da Cultura e da vida económica elementos cada vez mais numerosos de populações sedentas de saber e de justiça. Temos de procurar colaborar com essas populações na obra imensa de integrar em Portugal tudo quanto é português, não como quem procede, linearmente, a uma assimilação, mas com quem constrói, arquitectónicamente, um edifício. Mais ainda: temos de reconhecer que esse edifício não é feito de pedras ou de cimento: está vivo, é feito de gente. E temos então de ajudar cada uma dessas pedras *a ser gente*. A sentir-se e saber-se *gente*. A reclamar dos outros — que podemos ser nós próprios — o estatuto de gente. A sentir na carne e na alma o sabor da independência. Não o sabor amargo das independências que mutilam, mas aquele mesmo sabor que para nós — dirigimo-nos ao Eleitorado de Lisboa — tem a palavra independência. E, sem querermos jogar com as palavras quando é de Portugal e do Homem português que se trata —, talvez não seja por acaso que a Lista Independente por Lisboa pretende afirmar alto e bom som que só conhece um modo português de Portugal ser independente: é que todos os portugueses sejam igualmente independentes na sua pátria.

● Deveres

Daqui deriva tudo. E nós sabemos que são, principalmente, deveres.

Deveres para com os povos e os homens que, em qualquer terra portuguesa, padeçam necessidades, sofram injustiça, estejam mergulhados na ignorância.

Deveres para com aquelas autoridades — gentílicas ou de origem europeia — que, em terras do Ultramar, procuram, com sorte, vária, cumprir uma função de promoção humana. las autoridades — gentíli-

Deveres para com esta juventude que sai constantemente do meio de nós, das nossas casas, dos nossos campos, das nossas escolas, deixando a enxada ou o martelo, o livro ou o simples gosto de viver, para cumprir a defesa. Deveres para com os que morrem e os que voltam — e para os que voltam a saber como a integrar na vida corrente quem passou a experiência ímpar da Guerra.

Deveres para com os governantes e os legisladores. Para com os que escrevem, pensam, criam beleza, amam a Deus nos Homens; porque também todos têm necessidade de apoio e compreensão.

Nesta hora de resistência nacional, as próprias eleições deveriam passar para segundo plano. Mas há uma razão fortíssima para que não passem: Há uma razão fortíssima para as levar a sério e tudo fazer para que ninguém, por pretexto nenhum — nem sequer a defesa nacional — as leve a brincar. Essa razão — já o dissemos noutro documento — é esta: **A INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL PASSA PELA DIGNIDADE DOS PORTUGUESES».**

O pensamento político português

(Continuação da 1.ª página)

Posteriormente, com o setembrismo (1836-1840), há um novo alento retórico, que logo vai esmaecendo ante os compromissos a que é obrigado e devido à vitória dos barões cabralistas e da sua agiotagem. E, quando na viragem decisiva da Patuleia (1847), se diria que o País se encontrava em vias de despertar, de vez, ante palavras já antigas que adquiriam ressonâncias novas, a invasão do Exército espanhol e a esquadra inglesa puseram termo, brutalmente, a tal veleidade. A bela adormecida voltou ao seu sono letárgico. E daí que o revolucionarismo ao nível da fala tenha readquirido os seus direitos, pois esse era o único caminho que as realidades nacionais permitiam. Seria por acaso que na oratória de um José Estêvão se tenham amalgamado, por então, as impotências e as virtualidades do revolucionarismo nos limites da liberdade?

Busquemos explicitar melhor a hipótese que nos conduz: se o revolucionarismo latente nessa primeira fase da experiência liberal portuguesa adquiriu carácter essencialmente verbal — a paredes-meias com o verbalismo — é que ele não logrou levar por diante, na prática social e económica, as virtualidades que nele se continham. A liberdade e as liberdades continuaram, pelo século fora, e ainda no nosso sob a pele republicana, a apelar para uma realidade que, de uma ou outra forma, as negava. E como, entre nós, as virtualidades do liberalismo não chegaram jamais a efectivar-se plenamente, verificou-se, naturalmente, por um lado, a persistência do valor de tudo quanto pela palavra *liberdade* se simbolizava, mas, por outro, ocorreu necessàriamente o seu dessoramento, o seu gradual esvaziamento de conteúdo. Mais do que apelo ao futuro, a palavra foi-se nimbando, gradualmente, com os tons de uma ilusão desfeita ou a desfazer-se. E de tudo isso deriva, acaso, esse sentimento, a que aludíamos anteriormente, de que, a nossos olhos, algo morreu definitivamente nessa mitificação portuguesa dos anseios da liberdade. E de tudo isso deriva ainda o nosso mal-estar ante um pensamento que não podendo afeiçoar a seu modo as realidades nacionais, foi compelido a couraçar-se em palavras que pretendiam ser gazuas, e, afinal, cada vez mais se tornavam em palavras, apenas palavras, mais nada que palavras.

Todavia, no pensamento de um Garrett ou de um Mouzinho da Silveira, ou de um Herculano, a palavra *liberdade* estava bem longe ainda do esgotamento das suas virtualidades. Cada um a seu modo, e de acordo com a experiência directa das realidades nacionais, que lhes coube, viveu intensamente a problemática da liberdade, autenticando-a com a obra que nos legaram.

Para o Garrett de 1820, no calor da sua própria juventude e na esperança imensa que o vintismo acordou nuns tantos, não só a liberdade era o valor supremo como ela se coordenava harmònicamente com a igualdade, mesmo à custa de um círculo vicioso...

«Os homens são iguais porque são livres; e são livres porque são iguais: eis aqui um círculo vicioso à primeira vista» — argumentava ele —, «mas uma demonstração verdadeira e exacta para quem a quiser profundar. A natureza que nos doou estes dois preciosos bens, que os ligou intimamente com a nossa essência, lhes deu uma tal correlação, uma afinidade e união tão recíproca, que um sem o outro não podem existir; que um sem o outro não podem cabalmente demonstrar-se.» E vá de tentar sair do círculo vicioso: «Somos livres, porque os direitos que temos à existência, à boa existência, a prover aos meios dela, a aperfeiçoá-la, são comuns a todos; em consequência, não ficando a nenhum homem em particular mais direitos que a outro, é claro que não podem impedir-se uns aos outros no exercício destes direitos; eis aqui no que consiste a liberdade em abstracto.» E prosseguindo: «Somos iguais: porque não podendo nenhum homem ser impedido por outro no exercício de seus direitos, sendo estes os mesmos para uns e para outros, e portanto livres, este estado forma o que se diz, e o que é a igualdade.»

Pois não valerá a pena determo-nos um tanto na análise desta tão significativa porque tão paradigmática tomada de posição?

Mais próximo do ideário da Revolução Francesa que Herculano, Garrett vive ainda a utopia de que a instauração da liberdade política do cidadão conduziria necessàriamente à igualdade. Mas que igualdade? A igualdade perante a lei, a igualdade na cidadania, a qual seria, por seu turno, condição *sine qua non* da própria liberdade entificada na lei.

Se bem analisarmos o pensamento de Garrett, depararemos com estes dois juízos fundamentais: somos livres porque os direitos são comuns a todos: e somos iguais porque os direitos são também comuns a todos. Portanto, quer a liberdade, quer a igualdade subsumem o princípio de que o direito é ou deve ou pode passar a ser concebido universalmente. Por outras palavras ainda, Garrett tenderia, por então, a pensar: se aquilo que é justo é justo para todos, ser justo significaria sujeitar-se ás prescrições jurídicas justas para todos. E aí principia a dificuldade de que só mais tarde o próprio Garrett se aperceberia: é que se *eu*, livremente, me recuso a aceitar a justiça da prescrição estabelecida, implicitamente, também em meu nome, ela, a prescrição, deixa de ser justa porque já não é ou não chegou a ser universal. Ora, nestas condições, terei ou não o direito de me opor a uma lei que viola a minha liberdade de juízo?

Eis aí, frustemente esboçado, o pomo da discórdia lançado pelo liberalismo político que levará, lógica e historicamente, a três soluções possíveis: à hipertrofia da liberdade individual, que, por gradações sucessivas, conduziria ao republicanismo e ao anarquismo; à sujeição das minorias às maiorias, e é a via do democratismo; à tirania das minorias, mediante regimes de força, quer elas pretendam representar a vontade geral, quer, mais chamente, assumam, explicitamente, a sua função oligárquica. Quer em Portugal e Espanha, quer nos outros países europeus impulsionados pela Revolução Francesa, embora com as feições singulares de cada sociedade liberalizada, as vias entreabertas eram essas e apenas essas, — e, de uma forma ou de outra, todas elas foram experimentadas.

Neste contexto, entender-se-ão com clareza as razões que conduziram Herculano a joeirar, sistemàticamente, o liberalismo do democratismo, elaborando a sua mundividência própria em torno da liberdade do indivíduo, e postergando o conceito de igualdade.

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

HOJE

DA OPOSIÇÃO

ÁGUEDA — Às 15 e 30, da C. D. E. de Aveiro.

ALMADA — Às 15 horas, no Clube Recreativo de Sobreia, da C. D. E. de Setubal.

BARREIRO — Às 20 horas, no Clube Recreativo da Quinta da Lomba, da C. D. E. de Setubal.

ESTRIBEIRO (ABRIGADA) — Às 21 horas, na adega de Luís André, da C. D. E. de Lisboa.

EIXO — Às 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

ESTARREJA — Às 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

LISBOA — Às 21 horas, no Centro Republicano Botto Machado, da C. D. E.

LOURES — Às 19 horas, no Clube União Recreativa de S. Julião do Tojal, da C. D. E. de Lisboa.

LOURINHÃ — Às 21 e 30, da C. E. U. D. de Lisboa.

MOITA — Às 16 horas, na Sociedade Filarmónica Capricho Moitense, da C. D. E. de Setubal.

MOSCAVIDE — Às 16 horas, no Centro Social, da C. D. E. de Lisboa.

MOURA — Às 21 horas, da C. D. E. de Beja.

ODIVELAS — Às 21 horas, no Largo da Memória, 2-1.º, da C. D. E. de Lisboa.

OEIRAS — Às 21 horas, na Sociedade União Musical Escolar, da C. D. E. de Lisboa.

S. PEDRO DO SUL — Às 21 horas, da C. D. E. de Viseu.

VIDIGUEIRA — Às 16 horas, da C. D. E. de Beja.

VILA FRANCA DE XIRA — Às 14 e 30, na Quinta do Palyard, da C. D. E. de Lisboa.

VILAR (CADAVAL) — Às 21 horas, em casa de António Rodrigues, da C. D. E. de Lisboa.

DA U. N.

FIGUEIRA DA FOZ — Às 21 e 30, no Parque-Cine.

LISBOA — Às 21 e 45, no Teatro Laura Alves.

POMBAL — Às 18 horas, no Cine-Teatro.

AMANHÃ

DA OPOSIÇÃO

LISBOA — Às 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, da C. E. U. D.

MACINHATA DO VOUGA — Às 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

MONTIJO — Às 20 e 30, no salão da Banda Democrática, da C. D. E. de Setubal.

MURTOSA — Às 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

PAÇO DE ARCOS — Às 21 e 30, no Cine-Teatro, da C. E. M. de Lisboa.

PORTO — Às 18 e 15, no cinema Carlos Alberto, sessão da juventude da C. D. E., do Porto.

TONDELA — Às 21 horas, da C. D. E. de Viseu.

O acto eleitoral e a Causa Monárquica

Recebemos com pedido de publicação, do lugar-tenente da Causa Monárquica, embaixador António de Seves, o seguinte comunicado:

«O meu mandato obriga-me a dizer mais algumas palavras. Começo por repetir que o Senhor Dom Duarte, cujas virtudes e qualidades poucos conhecem, não é «concorrente» não é «candidato», não tem «partido»: representa o Poder a que devemos tudo o que somos, único que não divide, que harmoniza as liberdades devidas aos homens e povos responsáveis com a autoridade indispensável á continuação da existência da Soberania.

Nas ressacas da crise política da Europa, o Exército Português foi, no Ocidente, o primeiro a contra-atacar as causas da crise declarada e dos ganancias oportunistas. O Senhor Dom Duarte acompanhou, no exílio, o esforço do renascimento empreendido. A lei aclamada na Assembleia Nacional de 1950 devolveu ao Senhor Dom Duarte os seus títulos de Chefe da Família e da Casa de Bragança, ofereceu-lhe residência em Portugal considerou-o Património Moral da Nação, que nenhum português deixa de respeitar, servir, sem esquecer bens seculares, utilizados, em 1640, na reconquista da nossa independência que legitimamente ninguém podia dividir nem testar e que ninguém testou.

Pelo regresso, a Portugal, do Rei, Dom Miguel, com a sua legitimidade de novo reconhecida, no silêncio contrito do Povo Português, acabaram as parcialidades e as injustiças. O Senhor Dom Duarte, memorando, evocando, no solidão de São Marcos, apenas deseja a continuidade de Portugal, como seus avós nos legaram, com a obrigação de a manter e honrar fielmente.

Nada valem manifestos, planos, programas, teorias, opiniões, publicidades gratuitas, pendões de falsas cores, subsídios ocidentais e orientais, feiras de vaidades, propósitos encobertos ou disfarçados. Não devemos sequer parecer o que desejam aqueles que procuram a Ordem do Mundo tratando de mercados de novos imperialismos. Nenhum Estado de bom grado aceita o nosso lugar na História. Despeitos, cobiças, sempre nos espreitaram, e sempre incapazes de nos substituirem e verem a nossa utilidade. Portugueses africanos, goeses, chineses, malaios, de todas as cores e religiões, autodeterminaram-se durante séculos de convívio, sob a bandeira das Quinas.

Não somos um Estado mantido no mapa da Europa pelo concerto de rivalidades e interesses internacionais de além-Pirenéus, a que Portugal, só por existir além-mar, não é estranho. As fronteiras vitais de todos os Etados europeus estão na Europa. As potências históricas do Ocidente, durante o período variável do seu desenvolvimento, não tiveram de crescer, nem oresceram, fora da Europa. Mesmo a Argélia, para a França, nunca foi francesa. Portugal sózinho teve de crescer em África, tornar-se maior descobrindo, navegando, e, para se fazer ouvir, teve de universalizar-se. Não se vota a defesa das fronteiras africanas de Portugal.

Há uma política portuguesa há mais de oito séculos e um Portugal euro-africano há mais de cinco. O Exército é o reduto do sentimento histórico da Pátria e da hierarquia dos valores que a engrandecem e nobilitam. «O tributo do sangue» generosamente dado é o único que redime erros e fraquezas. O Exército, em 1926, com a Nação inteira a aclamá-lo, salvou Portugal da desordem que nos aviltava e aumentava desde o Mindelo. Em 1936, ao lado da bravura espanhola impediu a bolchevização da Europa. Ouvindo o grito dos heróis de Mucaba, desembarcou em África e não se rende, há mais de quarenta anos, firme com o Governo, vigia regressos ao perigos e males nacionais que venceu.

«ESTAMOS EM GUERRA»

Estamos em guerra. Nenhum português recusa bater-se. Pedem-se sacrifícios, custe o que custar. Só o tributo do sangue é privilegiado. Todo o vigor, toda a economia, todos os esforços devem dar ânimo, armas, conforto aos que nobremente se batem, e ás mães e mulheres que rezam por eles. Ninguém se poupe ou rebaixe. A hora é grande, expulsa a mediocuidade e a mesquinhez. Não há critérios individuais: há leis históricas a cumprir. Comanda a pureza de alma de Nun'Álvares e o abnegado génio heróico de Albuquerque. Comandam os reis e os maiores de Portugal. O povo português não quer afogar-se nas vazas internacionalistas, sujeitar-se a etrangeiros, viver sem honra nem vergonha.

A Junta Central, na sua nota de 26 de Setembro ultimo, no meio do que chamou a desorientação do panorama pré-eleitoral, definiu dignamente a completa independência da Causa Monárquica. Nem por isso, e até por isso, com essa total independência, os monárquicos deixam de colmatar brechas, aclamar as Forças Armadas, vencer o sangue derramado e os lutos sofridos, unidos, na defesa da Pátria acima da qual só vêm Deus. Não contam simpatias nem antipatias, pessoalismos ou individualismos. Só a abnegação eleva e dignifica. Só se mede servindo, em regatear, acima e para além de nós.

Pareceria pretensioso transcrever a célebre frase do cardeal Retz, tantas vezes citada. Nada impede que a não esqueça. Um só pensamento: Portugal. Um só fim: manter a continuidade histórica da Soberania Lusitana, na integridade territorial herdada e defendida como sempre, pela honra e o valor do Povo Português que não quer perder a liberdade, viver escravizado, renegar os Avós, abandonando a herança que o sustenta e perpetua.»

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA

Os nossos novos modelos para a estação corrente são uma tentação para o seu bom gosto. Confeccionamos por medida qualquer modelo para Homem ou Senhora.

VERÍSSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8-C

Efectuadas na mesma noite, as sessões oposicionistas de Alhos Vedros e do Seixal constituiram encontros de grande vibração. A imagem mostra o entusiasmo da assistência no Seixal

Comício oposicionista em Alhos Vedros

(Continuação da 1.ª página)

te, tratou da situação da indústria corticeira (a mais importante daquela zona):

— *Foi esta terra durante muitos anos, um centro industrial corticeiro de grande importância para a economia nacional. Quantas fábricas estão paralisadas e quantos chefes de família desempregados? Ora, sendo Portugal o País que goza do privilégio monopolista desta matéria-prima, cujo valor e aplicações são sempre enaltecidos pelos respectivos técnicos mundiais, como se compreende que os mercados estrangeiros se tenham desinteressado da sua aquisição ou tenham reduzido o volume de compras? Não é preciso ser economista para encontrar a resposta: o fenómeno justifica-se por uma deficiente planificação industrial e por uma má prospecção dos mercados internacionais. O que se diz da industria corticeira vale, quase nos mesmos termos, para a agricultura e para o comércio. Tudo se faz ao sabor do improviso, da vocação de cada um, sem estudo, sem planeamento.*

O dr. António Tavares da Cruz, outro dos quatro candidatos democráticos por Setubal, frequentemente interrompido com entusiásticos aplausos, foi o terceiro orador da sessão.

— *Os democratas* — afirmou, irònicamente — *não precisam que a Câmara ponha á sua disposição transportes publicos para que o publico acorra ás suas sessões. Se fosse permitido instalar altifalantes nas ruas todo o povo de Alhos Vedros estaria na rua a ouvir os oradores!*

Pediu, depois, paz, democracia, libertação dos presos políticos, fim das guerras de África. Referiu o atraso económico português e a incapacidade de o Governo lhe fazer face, devido á sua estrutura e á sua natureza de defesa dos interesses monopolistas. A terminar, apelou para o voto no dia 26.

Adriano de Oliveira, falou, a seguir, do ensino e da cultura.

Um novo orador: Estalino de Jesus Rodrigues:

— *Estamos a vencer a barreira do medo!* — afirmou por entre aclamações entusiásticas.

Atacou violentamente as estruturas sociais do País, o «estado corporativo», a exploração dos trabalhadores pelos monopólios e pelo grande capitalismo. A terminar, apelou, emocionado para que todos fizessem a propaganda da democracia.

«Vitória! Vitória» — braços agitados no ar, os dedos em «V», a assistência sublinhou entusiasmada esta declaração.

MULHERES: «NUNCA»

O orador seguinte, Mário Cardoso, tratou de problemas de saúde, criticando o sistema hospitalar. Aludiu, depois, ás condições de vida dos trabalhadores, tendo lido um manifesto dos operários da C. U. F. em que estes apresentam as suas reivindicações face ao aumento do custo de vida.

Leonel Coelho falou da falta de segurança no trabalho, tanto no campo como nas oficinas, e, a terminar, disse:

— *Lutamos para que os homens e as mulheres não tenham de estender a mão á caridade, para que os centros culturais do País não sejam as tabernas.*

A sessão atingiu o verdadeiro apogeu durante o discurso do jovem candidato Álvaro Monteiro Ribeiro.

Gritos de «Vitória», «Vitória» cresceram num indescritível clamor.

A C. E. U. D. e o Ultramar

Abandonar é trair tudo e todos mas não temos o direito de ser um povo colonialista

— afirmou um candidato num colóquio

As estruturas repressivas do poder e a forma como está montada a máquina económica e social que permite que um pequeno grupo domine os outros, o problema da guerra do ultramar e aspectos da política internacional portuguesa foram os pontos essenciais do colóquio que a C. E. U. D., organizou ontem à noite no Centro Republicano Fernão Botto Machado e que foi dirigido pelos candidatos José Carlos Mègre, que presidiu, Duarte Vidal, Jaime Gama e Francisco de Sousa Tavares. A sala, cheia a transbordar (viam-se muitas pessoas no corredor), ouviu atentamente os oradores e participou, depois, no colóquio, com várias intervenções.

O dr. Duarte Vidal focou aspectos da sociedade actual, fez, a seguir, uma análise bastante demorada de alguns aspectos da Constituição Política Portuguesa, nomeadamente do seu artigo 8.º para concluir que *esta Constituição dá com uma mão o que tira com a outra.*

Continuando na análise do artigo 8.º da Constituição, o dr. Duarte Vidal referiu-se, depois, às limitações existentes ao direito de liberdade de associação e reunião que a Constituição confere. E sublinhou: *Se forem eleitos, os candidatos da C. E. U. D., imediatamente lutarão para que sejam restituidos ao Povo português esses direitos.* Outro ponto que o dr. Duarte Vidal apontou é o regresso à eleição do Chefe do Estado pelo sufrágio directo dos eleitores.

«*Somos partidários de uma sociedade pluralista e perfilhamos uma economia que rejeita a anarquia do liberalismo económico e a prepotência do corporativismo* — começou por dizer o orador seguinte, Jaime Gama, ao apontar alguns pontos da política que norteia os candidatos da C. E. U. D. de Lisboa.

Repudiando uma economia compulsiva, como é a portuguesa, e defendendo que o *planeamento económico tem de ser discutido por todos os intervenientes*, Jaime Gama afirmou:

Sobre a política internacional que tem estado a ser seguida, Jaime Gama proclamou: *A política que defendemos não é a do isolamento do dr. Franco Nogueira: não queremos estar «orgulhosamente sós».* E preconizou o estabelecimento de relações com os países do Leste e do Terceiro Mundo, para acrescentar: *Quando os outros países, nomeadamente os Estados Unidos têm relações diplomáticas com países do Leste e se aproximam da China, é aberrante pretendermos ser os pilares da política ocidental.*

O candidato Jaime Gama fez ainda várias considerações *(devemos apoiar o movimento de libertação de todos os povos, nomeadamente do Vietnam e da Checoslováquia)* para concluir: *defendemos um socialismo antitotalitário; nós não impomos o socialismo, apenas queremos que os socialistas portugueses se possam exprimir livremente. Respeitamos a Dmocracia (...) A nossa sociedade é uma sociedade de «castas» e nós temos que transformar, subverter essa estrutura social. Mas, para isso, consideramos basilar a existência legal da Oposição depois das eleições.* Jaime Gama encarou, ainda, a necessidade de diálogo e da preparação de quadros políticos, com vista a uma acção futura.

O problema ultramarino ocupou a maior parte da intervenção do candidato dr. Francisco de Sousa Tavares que, no entanto, começou por dizer que o programa da C. E. U. D. *é perfeitamente aplicável neste momento e neste país.* Sobre o Ultramar, e depois de aduzida a facilidade que há em afirmar que a guerra é injusta, *Mas nós não queremos demagogia, sabemos que há 400 mil brancos nas colónias de África e sabemos que não podemos abandonar esses homens. A solução do problema tem que passar pela desses homens.*

Recordou ainda que pouco antes de começar a guerra, o prof. Paulo Cunha escreveu no «Diário de Notícias», um artigo intitulado «As Pombas», de louvor à paz nas nossas províncias africanas.

O dr. Sousa Tavares referiu-se, ainda, às relações de Portugal com a Rodésia e a África do Sul e demorou-se particularmente no caso da Índia.

O dr. Sousa Tavares referiu-se, por fim, ao problema dos salários e afirmou que se ganhassem os candidatos da C. E. U. D. lutariam pela fixação de salários mínimos e máximos.

Seguiu-se um período de diálogo com os assistentes que manifestaram o maior interesse a que só a meia-noite veio por termo. Foram abordados vários problemas, nomeadamente o do ultramar e das relações luso-brasileiras.

A U. N. DE AVEIRO ESCLARECE O ELEITORADO FEMININO

AVEIRO, 19 — «Sendo as próximas eleições, a meu ver, essencialmente um acto de opção pelo qual vamos decidir-nos pela ordem ou pela confusão indisciplinada, pela entrega do nosso património ultramarino ou pela sua preservação, entendi que, embora não concordando com muitas facetas do actual Regime, tinha o dever cívico de tomar uma posição, dados os altos interesses nacionais em jogo. Dou hoje o meu concurso, com total isenção, aos que posso combater amanhã se me desiludirem na confiança que neles depositei. Filha do grande e puro democrata que foi Homem Cristo, honro-me de lhe seguir muito modestamente as pisadas» — afirmou ontem á noite no Teatro Aveirense a sr.ª D. Carolina Homem Cristo, directora da revista «EVA», usando da palavra na sessão (a que presidiu) de esclarecimento ao eleitorado feminino do distrito promovida pela U. N.

A assistência era, na sua totalidade, constituída por senhoras. No palco estiveram presentes os candidatos drs. Cancela de Abreu, actual ministro da Saúde, Homem Ferreira, Pinho Brandão e Manuel Soares. Além de D Carolina Homem Cristo falaram durante a sessão outras quatro oradoras: dr.as D. Dulce Alves Souto, D. Maria Ondina Leal Gomes Leite e D. Maria Natércia Bentes Grave Duarte Rodrigues, e D. Genoveva Filomena Soares de Mello. O governador civil, bem como outros assistentes masculinos, acompanharam a sessão através de um circuito interno de TV.

Adesão à C. E. U. D. de democratas portugueses radicados no Brasil

De São Paulo foi enviada á C.E.U.D. a seguinte mensagem dos democratas portugueses radicados nesta cidade.

Essa mensagem, em que se destacam os nomes do capitão João Sarmento Pimentel, exilado desde Fevereiro de 1927, e dos escritores Adolfo Casais Monteiro e Vítor da Cunha Rego, é do seguinte teor:

«Caros comanheiros:

Acompanhamos com emoção a vossa luta democrática dentro da actual campanha eleitoral, travada em condições tão desvantajosas, que a opinião publica nacional e internacional bem conhece.

A posição dos abaixo-assinados é conhecida: a favor da presença, nesta batalha política, do maior numero possível de democratas. A omissão, noutras alturas moral e politicamente justificada, parece, neste momento, inaceitável.

A Democracia portuguesa tem tudo a ganhar com a vossa luta, em praça publica, neste instante.

Todos aqueles que em algum momento julgaram oportuno dizer uma palavra quanto ao rumo da luta democrática, podem reservar-se o direito de voltar, porventura, a emitir a sua opinião; neste instante, porém, cabe-lhes apenas uma posição: a de apoio irrestrito á vossa actividade em prol da restauração da Democracia, através da batalha pela liberdade eleitoral.

Acreditamos serdes vós, neste instante, intérpretes dos mais profundos desejos da maioria do povo português.

Viva a Democracia! Viva a Republica!

São Paulo, 30 de Setembro de 1969.

João Sarmento Pimentel, Adolfo Casais Monteiro, Fernando Lemos, Carlos Assumpção Neves, Vítor da Cunha Rego, Jorge Fernandes de Carvalho, Francisco Sarmento Pimentel, Paulo de Castro, António Sousa Amorim, João Paulo Monteiro, Joaquim Duarte Baptista, Raul Cipriano da Cunha e João dos Santos Baleisão.»

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 19 DE OUTUBRO DE 1969